



RENAN DA SILVA MELO HONORATO

**A INFLUÊNCIA DO PAPA JOÃO PAULO II NA QUEDA DO REGIME  
COMUNISTA NA POLÔNIA**

João Pessoa  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RENAN DA SILVA MELO HONORATO

**A INFLUÊNCIA DO PAPA JOÃO PAULO II NA QUEDA DO REGIME  
COMUNISTA NA POLÔNIA**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Marcos  
Alan Shaikhzadeh Vahdat  
Ferreira.

João Pessoa  
2014

*H774i      Honorato, Renan da Silva Melo.*

*A influência do Papa João Paulo II na queda do  
regime comunista na Polônia / Renan da Silva Melo  
Honorato.- João Pessoa, 2014.*

*112f. : il.*

*Orientador: Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat*

*Ferreira*

*Monografia (Graduação) – UFPB/CCSA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova, com nota 10,0, o Trabalho de  
Conclusão de Curso

**A Influência do Papa João Paulo II na Queda do Regime Comunista na Polônia**

Elaborado por

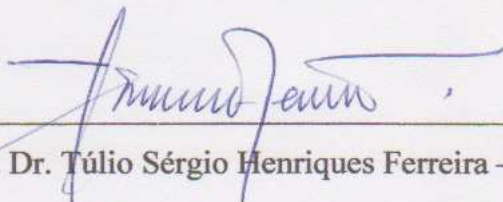
**Renan da Silva Melo Honorato**

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Bacharel em Relações Internacionais.**


COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira – UFPB (Orientador)



Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira – UFPB



Prof.ª Ms. Xaman Korai Pinheiro Minillo – UFPB

João Pessoa, 04 de fevereiro de 2014.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a queda do regime comunista na Polônia, evento ocorrido no ano de 1989. Os últimos anos da Guerra Fria introduziram uma série de novos atores que contribuíram para a preponderância norte-americana no sistema internacional após o fim da URSS. Entre eles, podemos destacar o renascimento da diplomacia mais antiga do mundo, que era capaz de estar entre os *high players* no sistema mais uma vez: a Santa Sé. Este trabalho tem como objetivo compreender como o Vaticano foi capaz de influenciar a mudança no sistema de governo polonês. Para isso, vamos analisar como a mudança na liderança do Vaticano no ano de 1978, contribuiu para a mudança na sua política externa em direção a uma política anticomunista que ajudou na queda do regime comunista polonês utilizando métodos para a análise do papel dos indivíduos no processo de tomada de decisão e focando na pessoa do Papa João Paulo II como uma liderança religiosa internacional, destacando seu papel em todo o processo e enfatizando o porquê de o mesmo ter sido um dos líderes mais importantes no evento analisado.

## **ABSTRACT**

This piece of work aims to analyze the fall of the communist regime in Poland in the year of 1989. It is important to state, however, that the final years of the Cold War introduced a range of new actors that contributed to the American preponderance in the international system after the demise of the USSR. Among them, we can highlight the rebirth of the oldest diplomacy in the world, which was able to ascend among the high players in the system once again: the Holy See. This work aims to understand how the Vatican was able to influence the change on the Polish government system. Towards that end, we will analyze how the change in the Vatican leadership on the year of 1978 contributed to the shift in its foreign policy towards an anti-communism policy that contributed to the fall of the Polish communist regime. Will be used methods for the analysis of the role of individuals in the decision making process and focus on the person of the Pope John Paul II as an international leader in the field of religion, highlighting his role in the process and emphasizing the reason for him being considered one of the most important leaders in the event.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Metodologia.....</b>	<b>16</b>
<b>2 REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS: O PAPEL DE LIDERANÇAS RELIGIOSAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>3 O PROCESSO DE MUDANÇA DE REGIME NA POLÔNIA SURGIDA NO PÓS II GUERRA MUNDIAL: ATORES SOCIAIS, ESTATAIS E A RESPOSTA GOVERNAMENTAL .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 A queda de um regime socialista: descrição analítica da mudança de regime político na Polônia .....</b>	<b>35</b>
<b>3.2 Condições que possibilitaram a coordenação entre os EUA e a Santa Sé.....</b>	<b>64</b>
<b>4 A ATUAÇÃO DE JOÃO PAULO II NA TRANSIÇÃO POLÍTICA POLONESA.</b>	<b>68</b>
<b>4.1 Processo de tomada de decisão da Santa Sé: momentum Papam .....</b>	<b>69</b>
<b>4.2 A relação religião versus comunismo.....</b>	<b>73</b>
<b>4.3 A influência de Wojtyła na mudança de regime: como e por que o Papa foi favorável à queda do regime socialista na Polônia.....</b>	<b>82</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>108</b>

Dedico este trabalho àqueles que verdadeiramente se importam comigo. Aos que torcem por minhas vitórias e alegram-se com as minhas conquistas.



## **AGRADECIMENTOS**

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

Ao professor Marcos Alan, pela orientação, pelo aprendizado e apoio em todos os momentos necessários.

Aos meus colegas de classe, pela rica troca de experiências.

Aos meus familiares, pelo apoio e carinho incondicional durante toda a minha vida.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

*I didn't cause this to happen. The tree was already rotten. I just gave it a good shake and the rotten apples fell. (JOÃO PAULO II apud POLICARPIO, 2009).*

## LISTA DE SIGLAS

ACV – Confederação de Sindicatos Trabalhistas Cristãos (*Algemeen Christelijk Vakverbond*)

AFL-CIO – Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais (*American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations*)

CDF – Congregação pela Doutrina da Fé (*Congregation for the Doctrine of the Faith*)

CIA – Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency*)

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

MKS – Comitê de Greves Entre Fábricas (*Międzyzakładowy Komitet Strajkowy*)

PIB – Produto Interno Bruto

Solidariedade – Sindicato Autônomo Independente “Solidariedade” (*Niezależny Samorządny Związek Zawodowy "Solidarność"*)

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho será analisado o caso do fim do regime comunista na Polônia e como se deu a influência de Karol Józef Wojtyła, o Papa João Paulo II, na derrubada daquele. Para tal, será feita uma análise da política externa do Estado da Cidade do Vaticano do início do papado de João Paulo II, no fim de 1978, até a queda do regime comunista na Polônia, que ocorreu no ano de 1989. Devemos atentar ao fato de que a política externa do Estado da Cidade do Vaticano é estabelecida pelo órgão chamado de Santa Sé, ou seja, a mesma constitui a representação internacional e diplomática da Igreja Católica, não o Estado da Cidade do Vaticano (CARLETTI, 2012). Desta forma, a Santa Sé representa os interesses de cerca de 1,2 bilhão de pessoas ao redor do mundo, número de indivíduos que se autodenominam católicos no planeta de acordo com o *Annuario Pontificio*, publicado no anuário estatístico do Vaticano *Annuarium Statisticum Ecclesiae* (CATHOLICCULTURE.ORG, 2013). Logo, apesar de não possuir uma população dentro de seu território, podemos afirmar que o Vaticano pode influenciar a população de outros países, já que, em teoria, é a representação da vontade de Deus na Terra para os fieis da corrente católica romana do cristianismo.

Este trabalho será dividido em três capítulos, além desta introdução, que possui o intuito de explanar a parte metodológica e os objetivos a que este trabalho visa; o segundo, teórico-conceitual, no qual será utilizada uma gama de autores das ciências políticas e relações internacionais, tais como Mona Sheikh (2012), Jesse Tarlton (2012), Stanislaw Staron (1969), etc. Também, serão incluídos autores que foquem na análise de política externa e da importância do nível do indivíduo, como Jean-Baptiste Duroselle (*apud* RENOUVIN; DUROSELLE, 1967), Carolyn Warner e Stephen Walker (2011), Margaret Hermann (1980), James Barber (1992), entre outros, a fim de demonstrar o papel do indivíduo, e mais especificamente das lideranças religiosas, dentro das relações internacionais.

No terceiro capítulo, que possui um caráter descritivo, serão contados detalhes históricos acerca da luta contra o comunismo na Polônia, sempre mantendo o foco da análise no Papa João Paulo II. Além disso, será destacada a relação entre o Vaticano e os EUA no caso estudado: uma aliança de vital importância para a queda do comunismo na Polônia, mas dificultada devido a fatores históricos.

Por fim, o quarto capítulo consistirá em uma análise da importância do indivíduo na tomada de decisão de política externa, na qual procuraremos demonstrar a importância do envolvimento de Karol Wojtyła no caso, levando em conta a importância da religião católica para a sociedade polonesa e o papel de liderança que o papa exerceu durante este período, tanto no campo espiritual (através de apoio emocional e incentivo no processo), quanto no campo logístico (auxiliando no desenvolvimento das estratégias do sindicato Solidariedade e fornecendo apoio logístico e financeiro ao mesmo). Além disso, será explicada a relação entre a religião e o comunismo na Polônia e como tal relação ocorria de maneira diferente em outros países, tendo em vista as ligações históricas entre o povo polonês e a religião católica, sendo ainda acrescentada uma comparação da relação entre a religião e o comunismo na URSS, onde as restrições às práticas religiosas eram mais severas.

Vale salientar ainda que neste trabalho procuremos focar na análise de política externa do Estado da Cidade do Vaticano, analisando principalmente as atitudes de Karol Wojtyła como chefe de Estado, mas considerando também outros líderes importantes como Ronald Reagan e o chefe da CIA na época, William Casey, devido ao papel exercido pelos dois no caso, com o primeiro se tornando uma das figuras internacionais mais proeminentes na luta pela mudança de regime político na Polônia, como pode ser visto nos vídeos “*President Reagan's Address to the Nation About Christmas and the Situation in Poland — 12/23/81*” (REAGANFOUNDATION, 2012) e “*Let Poland Be Poland - Political Leaders (6/8)*” (US EMBASSY WARSAW, 2011), enquanto o segundo consistiu um *link* entre Reagan e Wojtyła (BERNSTEIN; POLITI, 1996). Desta forma, podemos iniciar este trabalho relatando as justificativas para a escolha do caso para este estudo.

Devido ao fato de o período da Guerra Fria ser um dos mais estudados pelos analistas de relações internacionais como um todo, a queda de um regime comunista em um país durante o período merece ser estudada a fundo, já que ambas as superpotências não procuravam apenas expandir suas áreas de influência como também visavam defender as que já possuíam.

Devemos lembrar que o recorte de tempo proposto por este trabalho corresponde ao período da Guerra Fria no qual foi implementada a chamada Doutrina Reagan, uma estratégia de política externa utilizada pelo presidente que a batiza (SCOTT, 1996). Esta consistia no combate mais ferrenho à influência comunista pelo globo, algo que foi feito através do financiamento e ajuda militar a guerrilhas anticomunistas, como a de Jonas

Savimbi, em Angola e de movimentos de resistência que lutavam pelo fim do regime comunista em seus países, como era a o sindicato polonês Solidariedade.

Impulsionado pela política externa da Santa Sé no período (que gerou uma maior proximidade entre os dois Estados na época), as políticas exercidas pelo governo estadunidense durante a Doutrina Reagan foram uma das principais financiadoras – juntamente ao próprio Vaticano – dos movimentos internos anticomunistas na Polônia, através principalmente de contas bancárias da CIA, além do envio de recursos por terceiros, como grupos belgas e italianos (TARLTON, 2012).

Também, é importante notarmos que a importância do Estado da Cidade do Vaticano é diversas vezes menosprezada pelos analistas de relações internacionais, como afirmam Troy (2013) e Tarlton (2012), tendo em vista as análises baseadas no poder militar e econômico/financeiro dos Estados, campos nos quais o Vaticano não possui expressão e nem sequer interesse. No entanto, é importante avaliarmos casos nos quais este ator das relações internacionais se faz uma figura central como é o estudado neste trabalho.

Isso nos leva a outro ponto importante dentro desta pesquisa. A maioria dos estudos na área não leva em consideração o fato de que todo homem ao ser eleito papa não é apenas alçado a líder da religião cristã católica romana, mas também a chefe de Estado da Cidade do Vaticano. Assim, poucos são os estudos acerca da política externa desta cidade-estado que levam em consideração a análise no nível do indivíduo, algo ao qual este estudo se propõe ao analisar não apenas o processo de tomada de decisão no Vaticano como também parte da vida de Wojtyła.

Por fim, é importante expormos os objetivos aos quais este trabalho se propõe. Primeiramente, procuraremos demonstrar que o regime comunista teria a possibilidade de ter perdurado por mais tempo não fosse o conjunto de variáveis em ação durante as décadas de 1970 e 1980. Para tal, será utilizado o método de análise ao nível do indivíduo para explicar como as ações tomadas pelo Papa João Paulo II foram de alta relevância para tal processo.

Será analisado o papel deste ator como uma conexão entre o governo dos EUA e os membros da união trabalhista Solidariedade, grupo que ajudou a mobilizar o país contra o regime comunista. Além disso, Wojtyła será apresentado como um autor qualificado para realizar um tipo de discurso contra o regime comunista se utilizando da religião cristã católica como apoio a tal causa.

Procuraremos, também, demonstrar como a cultura à qual Wojtyła pertencia foi de fundamental importância para a mudança da política externa de maneira tão abrupta com relação ao papado anterior, de Giovanni Montini (Paulo VI)<sup>1</sup>, através do uso do *framework* estabelecido por Keohane e Goldstein (1993) sobre como as ideias dentro de uma sociedade podem vir a influenciar a política externa da mesma.<sup>2</sup>

Ainda é importante ressaltarmos que são poucos os estudos que levam em consideração a importância da religião nas relações internacionais, especialmente pré-11 de setembro (PHILPOTT *apud* SHEIKH, 2012). Logo, há uma necessidade de mais estudos na área engrandecerem o tema da religião como uma parte significativa das relações internacionais<sup>3</sup>.

Vale destacarmos, ainda, o fato de a diplomacia estabelecida pela Santa Sé ser considerada a mais antiga em existência<sup>4</sup>, além do fato de possuir uma difícil interpretação por parte de analistas internacionais, já que os seus objetivos diferem daqueles normalmente almejados por Estados soberanos. Aspectos militares, relações comerciais e financeiras não constituem interesses primários por parte do Vaticano, o que pode dificultar a análise de sua política externa (CARLETTI, 2012).

No início do século XX, a Santa Sé passou a perder o prestígio que possuía, especialmente durante o fim da Segunda Guerra Mundial, na qual tentou participar da Conferência de Yalta, mas foi rejeitada tanto pela URSS quanto pelos EUA, já que ambos os atores afirmavam que os países que participariam da Conferência deveriam possuir uma grande capacidade militar, algo que, como visto anteriormente, não é do interesse do Vaticano (CARLETTI, 2012).

Esse cenário passou a se alterar a partir dos papados de João XXIII e Paulo VI, que passaram a promover uma maior abertura nas relações com os outros Estados através da

---

<sup>1</sup> A omissão do Papa João Paulo I (Albino Luciani) será explicada mais adiante,

<sup>2</sup> Porém, neste caso, a política externa que virá a ser influenciada é a de outro Estado.

<sup>3</sup> Embora a religião seja um sistema de conhecimento importante para diversas sociedades, ela é também usada como instrumento por parte dos tomadores de decisão para que seus objetivos sejam atingidos, semelhante ao exposto por Sheikh (2012) e praticado por Nasser ao utilizar a linguagem do islamismo para buscar o apelo das massas (HOURANI, 2006). O uso da mesma será justificado e explicado mais à frente.

<sup>4</sup> A atuação internacional dos papas foi iniciada antes mesmo de o Estado da Cidade do Vaticano e a Santa Sé serem estabelecidos. Pelo menos desde 453 D.C., ao fim do Concílio da Calcedônia, já existia a figura do Nuncio Apostólico. As primeiras nunciaturas apostólicas, no entanto, surgiram no ano de 1500, nas cidades de Veneza e Paris (CARLETTI, 2012).

chamada *Ostpolitik*<sup>5</sup>, e principalmente de João Paulo II (CARLETTI, 2012). Durante o papado deste último (16/10/1978 – 02/04/2005), a Santa Sé expandiu em cerca de 95% o número de países com os quais mantinha relações, indo de 91 para 177 (THE PERMANENT OBSERVER MISSION OF THE HOLY SEE TO THE UNITED NATIONS, 2013). Desta forma, podemos afirmar que o Vaticano havia reconquistado seu espaço no cenário internacional<sup>6</sup>.

Devemos, também, levar em consideração o fato de a população polonesa ser constituída de uma alta porcentagem de cristãos católicos. Gascoigne (1977) afirma que ao menos 80% da população polonesa em 1977 consistiam de católicos que frequentavam missas (“*churchgoers*”), enquanto os números totais chegavam a 95% da população (BERNSTEIN; POLITI, 1996). A julgar pelo fato de símbolos católicos, juntamente à imagem de Wojtyła, terem sido utilizados durante as greves que se alastraram pelo país, podemos afirmar que tal fator foi de relativa importância.

## 1.1 Metodologia

Durante este trabalho será utilizado um *process tracing*, um método no qual se extraem todas as implicações teóricas observáveis (principalmente aquelas que ajudam a entender as variáveis independentes que causam uma mudança previsível na variável dependente) que são então testadas empiricamente em uma teoria para analisar um estudo de caso (KING; KEOHANE; VERBA, 1994), no caso, a influência exercida pelo Papa João Paulo II na queda do regime comunista na Polônia.

Também é importante frisarmos que tal estratégia foi utilizada visando aumentar o número de mecanismos causais elaborados na teoria que tentará se escrever acerca do fim do comunismo na Polônia, já que este método tende a favorecer esse tipo de controle na dinâmica entre as variáveis (KING; KEOHANE; VERBA, 1994).

---

<sup>5</sup> Política implementada pelos papas João XXIII e Paulo VI que visava a melhoria das relações entre a Santa Sé e os Estados comunistas. Tal política procurava fomentar o diálogo entre o Vaticano e os países do bloco comunista em diversos níveis para evitar a perseguição de católicos nestes países. Um exemplo pode ser encontrado no Segundo Concílio do Vaticano (11/10/1962-08/12/1965), no qual diversos bispos se reuniram para discutir preceitos da fé católica, mas o problema do comunismo não foi sequer citado (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

<sup>6</sup> Além disso, a Santa Sé é membro permanente de vários fóruns de discussão internacional, incluindo diversos segmentos da ONU (ver tabela 1 no anexo).



Alexander e Bennet (2005) afirmam que tal método é necessário para que o pesquisador possa se fazer perguntas de âmbitos diferentes e, assim, definir com maior clareza as relações entre as variáveis, podendo afirmar causalidade ou não durante o processo.

Os autores se utilizam de uma analogia para descrever o método: imagine que um colega de pesquisa enfileire 50 dominós enumerados e cobrisse os elementos do número 2 ao 49, deixando expostos apenas o 1 e o 50, e lhe peça para sair da sala. Ao retornar, você percebe que os dominós expostos estão caídos. Isso lhe leva a ponderar se o 1º fez o 50º cair (ALEXANDER; BENNET, 2005).

Como saber se o seu colega não empurrou apenas os dominós número 1 e 50, sem gerar uma corrente entre eles? Ainda, ele pode ter batido na mesa de uma maneira em que apenas estes dominós caíssem. Para chegar a uma conclusão, você deve retirar a cobertura sobre os demais dominós e averiguar se estes também estão caídos. Além disso, a posição em que eles caíram demonstra a possibilidade de ter sido algum fator externo e não o seu colega a derrubar, como o vento, por exemplo? A posição dos mesmos possibilita a definição da ordem em que eles caíram? Há testemunhas na sala que possam responder a essas questões? Perguntas deste caráter devem ser feitas durante o processo de um *process tracing* (ALEXANDER; BENNET, 2005).

Para que tal processo seja possível dentro deste trabalho, será utilizada uma variação do *process tracing* chamada *analytic explanation*, na qual se procura fazer uma narrativa histórica acerca do evento estudado e, aos poucos, adicionar explicações analíticas causais à mesma, fazendo com que esta se torne parte da teoria a que se almeja escrever (ALEXANDER; BENNET, 2005). No caso desta pesquisa, será feita a descrição do processo do fim do regime comunista na Polônia, utilizando como fontes documentos do Politburo<sup>7</sup> e da Cidade Estado do Vaticano, além de bibliografia acerca do caso, o que inclui os estudos de caso feitos por Carl Bernstein e Marco Politi (1996) e George Weigel (2003; 2005), sendo acrescentadas análises feitas pelo autor baseadas em leituras sobre a cultura e história polonesas (JAKUBOWSKA, 1990; ŁUKASIEWICZ, 2009; DAVIES,

---

<sup>7</sup> O Politburo consiste em um comitê executivo para um número de partidos comunistas. No caso aqui estudado, tal grupo não possuía poderes absolutos, mas todos os líderes deveriam consultar uns aos outros na emergência de algum problema em seus países, fosse ele de âmbito interno ou externo (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

2005a; DAVIES, 2005b; entre outros), além de teorias de análise de política externa (WARNER; WALKER, 2011; GOLDSTEIN; KEOHANE, 1993).

Por fim, devemos também indicar as variáveis envolvidas neste trabalho. A variável dependente, ou seja, aquela que procuramos explicar dentro deste trabalho (LANDMAN, 2008), consiste no fim do regime comunista na Polônia, fato que ocorreu em 1989. Deste modo, tentaremos explicar este evento através da observação da dinâmica entre as variáveis independentes, aquelas que procuram explicar o resultado obtido na variável dependente (LANDMAN, 2008).

Assim, podemos afirmar que uma das variáveis independentes mais relevantes deste trabalho é o trabalho desempenhado pelo Papa João Paulo II. Tendo sido eleito em 1978, Karol Wojtyła foi fundamental para o fim do comunismo na Polônia, como será explicado mais adiante, especialmente devido à ligação do povo polonês à Igreja Católica e ao fato de ele mesmo ter sido polonês.

No tocante à religião, devemos definir como ela será trabalhada dentro desta pesquisa. Não argumentamos que tal fator consista de uma variável propriamente dita, mas sim um pressuposto que ajudará a explicar o processo. A forte devoção da população polonesa fez com que a influência exercida pelo Papa João Paulo II fosse um dos fatores primordiais dentro da mudança de regime político, como poderemos ver mais adiante. Assim, tendo em vista o foco dado ao indivíduo dentro desta análise, a religião será utilizada como um ato discursivo (“*speech act*”, do original) aos moldes do exposto por Mona Sheikh<sup>8</sup> (2012).

De acordo com passagens da Bíblia, uma das funções de todo católico é procurar a evangelização de todos os seres humanos da Terra para que eles encontrem Deus. Duas passagens em específico enfatizam tal ideal. A primeira delas é encontrada no livro de Marcos capítulo 16, versículos 15 e 16 e lê: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo, mas quem não crer, será condenado” (BÍBLIA, 1986: p. 1344). A segunda no livro de Mateus no capítulo 28, versículo 19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do mundo” (BÍBLIA, 1986: p. 1321).

---

<sup>8</sup> Tal método será explicado mais à frente.

Ambas as passagens relatam o momento em que Jesus Cristo ressuscitou e apareceu aos seus onze discípulos na região da Galileia. Segundo a Bíblia relata, Maria e Maria Madalena, ao visitarem o túmulo de Jesus, se depararam com a imagem de um anjo vestido de branco ao lado da pedra deslocada que antes tapava a entrada para o túmulo e pedindo-lhes que enviassem os discípulos a uma montanha na Galileia, onde ele os encontraria. Ao chegarem, os discípulos receberam de Jesus a missão de evangelizar o mundo, conforme descrito nas passagens acima, subindo aos céus em seguida (BÍBLIA, 1986: p. 1344).

Fica claro como tal ideal é sustentado por uma narrativa mítica<sup>9</sup> através da missão dada por Jesus Cristo (fundador da fé cristã) após sua ressurreição e posterior ascensão aos céus. Podemos também afirmar que os cristãos estavam dispostos a morrer por este princípio graças aos relatos de perseguição aos cristãos por parte do Império Romano devido à evangelização de indivíduos na capital, o que não impediu a continuação dos trabalhos de evangelização (DE STE. CROIX, 1963).

Um caso que podemos destacar é o do homem considerado o primeiro mártir da Igreja Católica atual: Santo Estêvão. Estêvão foi um judeu nascido nas fronteiras da Palestina. Não se sabe bem como, mas após a crucificação de Jesus Cristo Estêvão se converteu ao cristianismo e passou a evangelizar seguindo a palavra de Cristo. Seus discursos a multidões de indivíduos rejeitando a religião judia e citando as palavras de Cristo, fizeram com que vários clérigos judeus se convertessem ao cristianismo (VANN, 1954).

Devido a isso, Estêvão passou a ser perseguido pelos clérigos judeus remanescentes. Ameaçado diversas vezes, o diácono não deixou de cumprir seu dever como cristão. Estêvão foi acusado e considerado culpado no tribunal judeu da época de blasfêmia, o que fez com que fosse condenado à morte por apedrejamento. Seguindo a metodologia que iremos explicar mais adiante (ver a teoria da securitização das doutrinas religiosas de Sheikh), é possível caracterizarmos tal aspecto da religião católica como uma doutrina, já que mesmo tendo sido ameaçado Santo Estêvão prosseguiu com seu dever de evangelizar. Além disso, Estêvão tinha conhecimento da pena de morte a blasfemadores, mas nem

---

<sup>9</sup> Tal mítica é ainda reforçada pelo fato de a ressurreição de Cristo não consistir a um retorno à vida terrena como nós humanos conhecemos. Tal processo – a ressurreição terrena – ocorre na Bíblia no momento em que Lázaro é ressuscitado por Cristo, por exemplo. Cristo, após seu retorno, transcende a morte e esta já não o domina mais, como a todos os seres humanos. Tal evento, para os católicos, consiste no ato final do Filho de Deus na Terra em favor da disseminação da fé no Todo Poderoso (PAGOLA, 2012).

mesmo esse conhecimento o impediu de prosseguir. Logo, podemos afirmar que Estêvão considerava o dever de evangelizar tão importante ao ponto de se sacrificar para espalhar a palavra de Cristo, o que torna a doutrina da evangelização extremamente importante aos cristãos (VANN, 1954).

No caso estudado, vemos que Wojtyła considera a restrição da livre expressão da religiosidade de um indivíduo uma forma de ofensa aos direitos humanos, além disso, uma das medidas utilizadas de forma ampla pelo governo era a restrição do ensino religioso durante a infância. Tal proibição impossibilitava a aplicação de três dos mais básicos deveres descritos no Catecismo da Igreja Católica: o batismo, a eucaristia e o sacramento da confirmação (também conhecido como primeira comunhão) (ESTADO DA CIDADE DO VATICANO, 2013a).

O Catecismo da Igreja Católica, aprovado pelo próprio Wojtyła em 1992, descreve no seu 2º artigo, parágrafo 1285, afirma:

O Batismo, a Eucaristia, o sacramento da Confirmação constituem o conjunto dos “sacramentos da iniciação cristã”, cuja unidade deve ser salvaguardada. Por isso, é preciso explicar aos fiéis que a recepção deste sacramento é necessária para a plenitude da graça batismal. Com efeito, os batizados “pelo sacramento da Confirmação, são mais perfeitamente vinculados à Igreja, enriquecidos com uma força especial do Espírito Santo e deste modo ficam mais estritamente obrigados a difundir e a defender a fé por palavras e obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo”.<sup>10</sup> (ESTADO DA CIDADE DO VATICANO, 2013a, tradução nossa).

Portanto, podemos observar que a restrição imposta pelo governo impedia a realização do sacramento da iniciação cristã, um elemento básico e que inicia o indivíduo na fé católica. A evangelização era para Wojtyła, assim como para Estêvão, um dos mais importantes princípios da fé católica. Podemos observar isso nas caminhadas pelas

---

<sup>10</sup> Baptism, the Eucharist, and the sacrament of Confirmation together constitute the "sacraments of Christian initiation," whose unity must be safeguarded. It must be explained to the faithful that the reception of the sacrament of Confirmation is necessary for the completion of baptismal grace. For "by the sacrament of Confirmation, [the baptized] are more perfectly bound to the Church and are enriched with a special strength of the Holy Spirit. Hence they are, as true witnesses of Christ, more strictly obliged to spread and defend the faith by word and deed."

montanhas próximas à Cracóvia que Wojtyła fazia junto de grupos de jovens adultos<sup>11</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996; WEIGEL, 2005).

No tocante à securitização<sup>12</sup> da doutrina de evangelização, podemos observar que a partir do momento em que foi eleito Papa, Wojtyła planejou uma viagem à Polônia, onde procuraria iniciar o processo de mudança de regime (BERNSTEIN; POLITI, 1996). Desta forma, foi possível a ele proferir discursos como:

Para a Polônia, a Igreja trouxe Cristo, a chave para a compreensão da grande e fundamental realidade que é o homem [...] Cristo não pode ser excluído da história humana em qualquer parte do globo, não importando a latitude ou longitude da Terra. Excluir Cristo da história humana é um pecado contra a humanidade. (JOÃO PAULO II *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 15, tradução nossa).<sup>13</sup>

É possível observarmos que, ao proferir tal discurso, Wojtyła quebrava a *Ostpolitik* empregada pelos seus antecessores com relação aos países soviéticos. Além disso, podemos perceber o tom securitizado que ele dá ao discurso, ao tratar como uma ameaça a “exclusão” de Cristo da história humana. Assim, podemos afirmar que Wojtyła se utilizou de uma doutrina católica com a intenção de dar início a um processo de mudança de regime<sup>14</sup>. Porém, sua participação no processo foi se aprofundando com o passar do tempo, algo que poderá ser demonstrado no decorrer deste trabalho.

---

<sup>11</sup> Tais caminhadas envolviam atividades de evangelização. Wojtyła procurava se aproximar dos jovens para despertar neles o interesse pela fé católica, muitas vezes falando sobre princípios básicos da Igreja, tendo em vista que muitos deles não haviam recebido tais ensinamentos durante sua infância devido às dificuldades impostas pelo governo na época. O grupo se tornou tão próximo a Wojtyła que passaram a chama-lo de “*wujek*” (tio) (BERNSTEIN; POLITI, 1996; WEIGEL, 2005). Posteriormente, esse interesse pela evangelização faria com que João Paulo II criasse a Jornada Mundial da Juventude.

<sup>12</sup> Sheikh define securitização como o estabelecimento intersubjetivo de uma ameaça existencial com uma saliência considerável o suficiente para ter efeitos políticos significativos. Para tornar um elemento religioso securitizado, um ator pode afirmar que a religião (ou algum aspecto dela) está ameaçada e os procedimentos normais (ou seja, os estabelecidos pelas “regras” ou “leis” da própria religião) não conseguirão responder à ameaça em tempo hábil, sendo necessárias – e justificáveis – medidas extraordinárias. Desta forma, o objeto – a religião – passa a ser visto como ameaçado e o estabelecimento de meios não convencionais para assegurar sua segurança se tornam possíveis com o apoio da audiência abordada (SHEIKH, 2012: p. 383).

<sup>13</sup> To Poland, the Church brought Christ, the key to understanding the great and fundamental reality that is man [...] Christ cannot be excluded from human history in any part of the globe, form any latitude or longitude of the Earth. Excluding Christ from human history is a sin against humanity.

<sup>14</sup> Como poderemos ver posteriormente, as campanhas antirreligiosas iniciadas pelo governo botavam em risco a própria existência da religião.

Podemos enfatizar a securitização de tal doutrina através das constantes mensagens passadas por Wojtyła durante esta mesma viagem. Em seus discursos, João Paulo II repetia sempre os dizeres “não temam” (TARLTON, 2012: p. 31; WEIGEL, 2005: p. 262). Outro discurso ainda proferia: “Nunca perca a sua confiança, não seja derrotado, não seja desencorajado e não se cortem das raízes das quais nós tivemos nossas origens”<sup>15</sup> (JOÃO PAULO II *apud* TARLTON, 2012: p. 31, tradução nossa). Wojtyła se refere à origem cristã do povo polonês, assim como seu passado democrático. Ao afirmar que os poloneses não devem se afastar dessas raízes, Wojtyła está implicitamente incitando os mesmos a lutarem para que tais direitos sejam readquiridos (TARLTON, 2012). Além disso, em uma Polônia onde a prática da religião é controlada pelo Estado, um retorno às raízes implicaria numa diminuição deste controle e num afastamento das políticas comunistas que promovem a restrição da prática religiosa.

Outra variável independente consiste no sindicato trabalhista polonês apoiado pelo próprio Wojtyła: o Solidariedade (do polonês, Solidarność). Fundado em 1980, este sindicato buscou lutar contra o regime comunista através de greves ao redor do país para forçar o regime a negociar com os idealizadores do movimento. Em 1989, os líderes do regime comunista aceitaram a realização de eleições após anos de luta do sindicato e de outros grupos anticomunistas, o que levou à eleição do mesmo ano no país (BARKER, 2002).

Liderado por Lech Wałęsa, o sindicato agiu principalmente através de meios considerados ilegais na Polônia naquela época (década de 1980), utilizando-se de simbolismos para alcançar seus objetivos, além de seu maior instrumento: greves de âmbito nacional. Por indicação de Wojtyła, Wałęsa decidiu não utilizar os métodos tradicionais de protesto, ou seja, não reunir multidões e não provocar o governo de forma direta, já que tais métodos levariam ao uso da violência por parte do governo (TARLTON, 2012)<sup>16</sup>.

Wałęsa optou por utilizar simbolismos para combater o inimigo comunista. Através do uso de símbolos nacionais (grande parte deles ligados à religião católica), Wałęsa procurou ligar o Solidariedade à identidade nacional polonesa ao mesmo tempo em que

<sup>15</sup> Never lose your trust, do not be defeated, do not be discouraged, and do not cut yourselves off from the roots from which we had our origins.

<sup>16</sup> É importante afirmarmos que manifestações públicas ocorreram sim durante o processo, mas apenas quando o movimento já estava consolidado e possuía um grande número de seguidores, o que dificultava uma ação mais ofensiva por parte do governo.

procurava ligar a ideia da dominação comunista a uma força estrangeira, muitas vezes apontando o primeiro como o “bem” e o segundo como “mal”, também de maneira implícita (JAKUBOWSKA, 1990), reforçando o tom securitizado dado à religião por Wojtyła.

Desta maneira, além de discursos proferidos pelo papa apoiando o sindicato, o movimento pôde ganhar âmbito nacional e se utilizar de suas greves como instrumento de pressão popular contra o regime. Apesar de ter sido considerado ilegal durante boa parte do recorte aqui analisado, o Solidariedade não parou de produzir também periódicos que eram distribuídos aos trabalhadores locais, promovendo propaganda positiva que viria a influenciar no resultado das eleições posteriormente.

O auxílio prestado por parte do governo dos EUA tanto a Wojtyła quanto aos membros do sindicato Solidariedade também pode ser visto como uma variável independente, tendo em vista que o governo dos EUA na época (comandado pelo presidente Ronald Reagan) financiou o grupo durante suas atividades (JUDT, 2005). Também, é importante afirmarmos que tal ação por parte dos EUA fazia parte da chamada Doutrina Reagan, que possuía a finalidade de encerrar a Guerra Fria (SCOTT, 1996).

Através do financiamento do Solidariedade, Reagan auxiliou na promoção de propaganda positiva do sindicato. Além disso, o presidente estadunidense também promoveu campanhas internacionais nas quais divulgava os abusos causados pela administração polonesa, o que possibilitou o apoio internacional para a causa do Solidariedade (REAGANFOUNDATION, 2012; ASH, 1999). Ainda, Reagan se utilizou da vantagem econômica norte-americana para impor sanções ao regime polonês, além de vetar sua participação no FMI<sup>17</sup> (CURTIS, 1992).

Discutidos estes temas, podemos agora passar ao segundo capítulo deste trabalho, onde serão levantados os referenciais teórico-conceituais utilizados no mesmo, baseados na análise de política externa ao nível do indivíduo e na influência de ideias/religião na política externa dos Estados.

---

<sup>17</sup> Podemos observar ainda as ações de William Casey, chefe da CIA durante grande parte do período estudado, e Vernon Walters, general do exército estadunidense aposentado, como variáveis intervenientes neste trabalho. De acordo com Bernstein e Politi (1996), estes dois consistiam no principal canal de ligação entre Reagan e Wojtyła, sendo responsáveis pelos encontros com o então papa para discutir sobre o progresso alcançado pelo Solidariedade.

## **2 REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS: O PAPEL DE LIDERANÇAS RELIGIOSAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Neste capítulo, será explorada a bibliografia produzida por autores das relações internacionais e das ciências políticas acerca do tema da religião nas RI e, principalmente, da importância do líder na tomada de decisões. Para tal, este capítulo focará no impacto desta importante figura na tomada de decisão, especificando ainda como a religião pode afetar sua decisão.

Antes de Wojtyła chegar ao poder como Papa, as relações entre a Santa Sé e a União Soviética além dos demais Estados do bloco comunista, se baseavam no diálogo bilateral, especialmente durante os papados de dois de seus antecessores, João XXIII (Angello Roncalli, 1958 – 1963) e Paulo VI (Giovanni Montini, 1963 – 1978). No entanto, durante o pontificado de João Paulo II, as relações entre o bloco comunista e a Santa Sé se estremeceram devido principalmente aos discursos contra o regime comunista, iniciados pelo então Papa (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Logo, torna-se importante a análise do efeito causado na política externa do Vaticano durante esse período. Devemos nos perguntar anteriormente o que leva a essa demasiada importância do líder na política externa de um Estado. Por que a mudança do Papa Paulo VI para o Papa João Paulo II<sup>18</sup> significou uma mudança tão drástica na política externa da Santa Sé? Devemos nos lembrar da importância do estudo ao nível do indivíduo nas relações internacionais, para podermos responder a esta pergunta. Para tal, foi feita uma pesquisa por parte dos idealizadores deste trabalho sobre as diversas teorias de análise de política externa que focam na imagem do indivíduo.

Kenneth Waltz, em seu livro “O Homem, o Estado e a Guerra”, o autor procura demonstrar os motivos que levam a confrontos entre os Estados, se utilizando de três imagens para tal (ou seja, desenhando os níveis da análise), sendo a primeira delas o comportamento humano. Porém, sua análise se concentra fortemente em demonstrar como a natureza humana (não necessariamente o indivíduo) pode ser causadora dos conflitos internacionais (WALTZ, 2004). Logo, a análise feita por Waltz difere daquela que será

---

<sup>18</sup> Albino Luciani, o Papa João Paulo I, exerceu seu pontificado entre os papas Paulo VI e João Paulo II, porém seu papado durou pouco mais de 30 dias em 1978. Logo, não pôde exercer as funções de seu cargo e, por isso, foi omitido nesta pesquisa.



feita neste trabalho, já que o foco da mesma corresponde à importância do indivíduo na formação da política externa de um Estado.

Deutsch (1982), por sua vez, considera que os indivíduos são essenciais para o desenvolvimento da política internacional, mas não agem sozinhos no plano internacional. Segundo ele, os indivíduos são unidades de grupos maiores dos quais fazem parte, sobre os quais possam exercer influência através dos governos, se puderem influenciá-los. Desta forma, esses indivíduos buscam sempre atingir os seus interesses dentro do plano internacional e acabam por realizar grande parte da política no mesmo. Porém o foco do autor é maior nos grupos que estes indivíduos formam, já que ele considera que os segundos não agem sozinhos, o que, assim como Waltz, difere do objetivo desta pesquisa.

Duroselle (*apud* RENOUVIN; DUROSELLE, 1967), no entanto, considera que a figura do homem de Estado é essencial na política internacional. De acordo com ele, estudar o indivíduo que está no poder é de fundamental importância para entender a política implementada pelo mesmo, já que o estudo das forças que atuaram sobre o homem podem não explicar a tomada de decisão, cabendo o restante da responsabilidade a ser preenchida pelo que Duroselle chama de o “temperamento” (*apud* RENOUVIN; DUROSELLE, 1967: 301) do indivíduo.

Para tal, Duroselle (*apud* RENOUVIN; DUROSELLE, 1967) se utiliza de classificações feitas por autores de outras áreas do conhecimento (mais especificamente psicólogos e psiquiatras) para analisar indivíduos, já que alega que não possui o conhecimento necessário para rotular os seres humanos, tarefa complexa e que exige treinamento no campo da psicanálise.

Para o autor, apenas a vontade do homem de Estado não explica a tomada de decisão. Duroselle (*apud* RENOUVIN; DUROSELLE, 1967) ainda destaca o papel do interesse nacional dentro do processo, afirmando que, apesar de haver dificuldades na definição de um interesse nacional, o homem de Estado atual – especialmente o que precisa apresentar algum nível de *accountability* para com a população de seu Estado – deve levar em conta este elemento em sua tomada de decisão.

Por fim, o autor ainda destaca que há forças coletivas que agem entre as relações internacionais e a figura do homem de Estado. Tal papel é desempenhado pelas chamadas forças profundas que agem sobre o homem de Estado e que influenciam em sua tomada de decisão. Duroselle destaca quatro tipos de forças profundas que agem sobre tal indivíduo:

“A *pressão direta*, que consiste em diligências concretas, históricas, de representantes dos ‘grupos de pressão’.

A *pressão indireta*, pela qual os mais diversos grupos, ou mesmo a opinião pública no seu conjunto, agem de forma o responsável político a tomar certas decisões.

O *ambiente*, isto é, a ‘conjuntura econômica’ e o ‘estado dos espíritos’, não como existem objetivamente, mas como o homem de Estado os aprecia, subjetivamente.

Por fim, a *pressão social*, isto é, todo o conjunto constituído pela educação, pelo meio social e geográfico, pelos preconceitos de classe, que agem tanto sobre os homens de Estado quanto sobre os outros homens, sem que disso eles se deem conta, sempre.” (RENOUVIN; DUROSELLE, 1967: 377).

Logo, podemos observar que a teoria trazida à tona por Duroselle envolve componentes que estão ligados aos Estados tradicionais, como por exemplo, problemas da ordem macroeconômica, diferentemente da análise que nos propusemos a fazer neste trabalho, que trata em grande parte do Vaticano, um Estado com motivações e estrutura diferentes das dos demais, como foi dito anteriormente.

É válido, então, recordarmos os pressupostos indicados por Valerie Hudson (2007) em “*Foreign Policy Analysis: Classic and Contemporary Theory*”. No livro em questão, ela analisa a importância do líder dentro da tomada de decisão de um Estado. A autora descreve uma série de condições nas quais a figura de um líder pode ser mais proeminente dentro da tomada de decisão sobre política externa. Tais variáveis podem ser observadas na tabela 2 do anexo e serão utilizadas mais à frente para avaliarmos a importância do pontífice na tomada de decisão do Vaticano.

Hudson enfatiza neste mesmo livro que a experiência de vida de um indivíduo poderia vir a ajudar a formar as percepções do mesmo e que esta pode formar os “componentes da mente” (HUDSON, 2007: 39) e auxiliar na análise da estrutura mental de um indivíduo e das atitudes que o mesmo toma ao chegar ao poder como um líder.

No entanto, devemos nos perguntar: como podemos acessar tais componentes para realizarmos uma análise apropriada sobre o indivíduo? Também, como distinguir que situações vividas pelo indivíduo podem vir a afetar a tomada de decisão do mesmo? Devido à falta de informações como psicanálises ou testes de personalidade, a coleta deste tipo de dados se torna difícil. Porém, Hudson (2007) afirma que há dois métodos que facilitam a aquisição destes dados de forma satisfatória: a psicobiografia e a análise de conteúdo.

A psicobiografia consiste, basicamente, na análise das experiências de vida e fatores emocionais do líder para a análise de sua política externa. James David Barber (1992) se destaca dentre os autores desta corrente e baseia seu argumento em cinco camadas.

A primeira destas afirma que a personalidade de um líder constitui um elemento fundamental no comportamento que o mesmo terá em assuntos não triviais. A segunda, por sua vez, enfatiza que as personalidades dos líderes poder ser consideradas como padronizadas, sendo possível, desta forma, aglomerar seu caráter, sua visão de mundo e estilo dentro de um “pacote dinâmico” (BARBER, 1992: 281) compreensível em termos psicológicos.

A terceira camada, por sua vez, é relativa ao ambiente político e nacional no qual o líder atuará, além da expectativa da população sobre o mesmo. Assim, Barber afirma que a ressonância entre esses fatores externos e a personalidade do líder formarão as dinâmicas de sua liderança. A quarta camada, por sua vez, é relativa às experiências vividas pelo líder e como estas contribuíram para moldar o caráter, a visão do mundo e o estilo do mesmo.

A quinta camada, considerada como o núcleo da teoria por parte de Barber, constitui uma categorização dos indivíduos em dois eixos: 1) ativo-passivo, que “mede” o nível de energia e a noção de que o esforço individual pode fazer a diferença em assuntos humanos; e 2) positivo-negativo, que aborda a motivação do líder para buscar o cargo e sua perspectiva geral sobre sua vida, avaliando se o líder foi otimista ou pessimista, motivado por sentimentos como confiança ou obrigação, por exemplo.

O segundo método, a análise de conteúdo, pode ser subdividida em duas categorias principais: temática e quantitativa. A primeira consiste na categorização de temas que um teórico pretende examinar, observando a dinâmica entre os mesmos e o modo como o líder fala sobre eles. Já a segunda analisa a ausência ou presença de certas palavras no discurso de um líder para traçar um perfil psicológico do mesmo e verificar se este pode afetar sua política externa (HUDSON, 2007).

De acordo com Hudson (2007), o método de Hermann é um exemplo notável na área. Ela se utiliza da contagem certas palavras-chave proferidas por um líder em entrevistas pessoais – de preferência faladas, já que respostas espontâneas tendem a carregar mais resquícios da personalidade de um indivíduo do que em discursos com texto escrito previamente – e se utiliza de seu próprio método para quantifica-las e descobrir traços da personalidade do indivíduo, como autoconfiança, por exemplo. São sete os traços

de personalidade observados: 1) confiança em suas próprias habilidades de controlar eventos; 2) sede de poder e influência; 3) complexidade conceitual; 4) autoconfiança; 5) motivado pelo dever ou por emoções; 6) desconfiança de outros; e 7) influência de grupos internos (anteriormente chamado de nacionalismo) (HERMANN, 1980).

Esses sete traços são utilizados para gerar três características classificadas dentre das seguintes categorias: 1) se o líder tende a desafiar ou respeitar suas restrições; 2) se o líder é aberto a novas informações; e 3) se ele é motivado por forças internas ou externas. Por sua vez, essas três características são agrupadas para formarem uma de oito possíveis personalidades dentro da tipologia de Hermann (*apud* HUDSON, 2007).

No entanto, Hermann (1980) afirma que a amostra ideal para uma análise de conteúdo deve consistir de entrevistas casuais com mais de cem palavras, já que há a necessidade de o indivíduo agir da maneira mais espontânea possível para que seja possível fazer a análise. Logo, discursos escritos anteriormente não consistem a amostra mais apropriada para este tipo de processo, o que torna difícil a busca por amostras.

Ambos os processos descritos aqui consistem de grandes análises psicológicas dos indivíduos. Assim, semelhante ao exposto por Duroselle (*apud* RENOUVIN; DUROSELLE, 1967), não cabe ao pesquisador de relações internacionais fazer tais análises. Tal conclusão faz com que seja necessário o uso de outra metodologia, mais voltada aos internacionalistas e com menos variáveis que necessitam o conhecimento por parte do pesquisador de ciências como a psicologia. Desta forma, o autor recorreu ao método de Warner e Walker (2011), que utiliza a religião para demonstrar como o indivíduo pode afetar a política externa de um Estado.

Porém, antes de demonstrarmos o método de Warner e Walker (2011), é necessário explicarmos a maneira como a religião pode vir a afetar a política externa de um Estado. De acordo com Mona Sheikh (2012), a religião pode ser utilizada por um ator qualificado (o que envolve, normalmente, a participação de indivíduos ligados à religião em pauta, como é o caso de Wojtyła) como um ato discursivo a fim de criar um senso comum de ameaça e, então, cimentar a securitização do tema.

Para chegar a esta nova metodologia, Sheikh (2012) expõe o argumento de Laustsen e Wæver (dois autores da Escola de Copenhague<sup>19</sup>), segundo os quais a religião seria um meio eficiente para se alcançar tal senso comum de ameaça devido ao fato de

---

<sup>19</sup> A Escola de Copenhague é uma escola de pensamento acadêmico em relações internacionais cujas teses enfatizam os aspectos sociais de questões ligadas à segurança (SHEIKH, 2012: p. 383).

constituir um método convincente e legítimo de fornecer tal conceptualização através da fé dos indivíduos.

Eles argumentam que a ideia de securitização através do uso de conceitos como bem e mal ajudariam a criar uma ideia de ameaça que seria facilmente absorvida pelos fieis, já que suas crenças são levadas em conta na hora em que estes indivíduos decidem ou não aderir a um movimento revolucionário, por exemplo (LAUSTSEN; WÆVER *apud* SHEIKH, 2012).

No entanto a própria Sheikh afirma que tal método não pode ser utilizado de forma abrangente, já que o mesmo é enviesado devido à influência da religião cristã na teoria dos autores da Escola de Copenhague. Ela argumenta que nem todas as religiões possuem uma linha tão bem definida entre o bem e o mal, o que torna difícil a aplicação do método a religiões como o taoísmo, no qual o equilíbrio entre os opostos (yin e yang) é necessário para o ser humano (SHEIKH, 2012).

Assim, Sheikh introduz o conceito de doutrina como primordial para a metodologia da religião como ato discursivo. De acordo com ela, todas as religiões possuem doutrinas, elementos considerados por ela como sendo princípios absolutos e inegociáveis, fazendo com que seja possível que os indivíduos sejam orientados a partir de suas religiões. A autora define doutrina como princípios, valores ou ideias sobre modos de vida aceitos como “*authoritative*”<sup>20</sup> (ibidem: 389) por um grupo de pessoas e sustentados por mitos lendários (“*legendary myths*”, do original) que fazem com que os indivíduos considerem “valer à pena morrer” em nome da doutrina. Seguindo esta lógica, é possível afirmarmos que as doutrinas não se limitam ao campo de estudos religiosos. Sendo possível considerarmos como doutrinas certos ideais como a liberdade, por exemplo<sup>21</sup> (SHEIKH, 2012).

Podemos considerar que as religiões podem ser utilizadas no cenário internacional como doutrinas securitizadas devido ao fato de serem ancoradas em tradições antigas e fortes narrações míticas que facilitam o processo de securitização (SHEIKH, 2012), o que foi praticado por Wojtyła durante o processo de mudança de regime na Polônia, como foi

---

<sup>20</sup> Ou seja, um ideal indispensável intrínseco à própria doutrina, sem o qual a mesma pode vir a se tornar mais fraca.

<sup>21</sup> De acordo com Sheikh (2012), desde a época de sua independência os EUA têm a liberdade como um ideal e geram certa mítica em torno do mesmo, fazendo com que possa ser considerado uma doutrina não religiosa e muitas vezes securitizada em sua política externa.

deixado claro anteriormente. Além disso, o exemplo de Santo Estêvão exposto anteriormente demonstra como a doutrina da evangelização é importante para os cristãos.

Tendo em mente o método com o qual iremos trabalhar a religião neste trabalho, podemos agora definir como ela pode influenciar nas relações internacionais. Warner e Walker (2011) questionam se a religião de um líder pode de fato afetar a política externa empregada pelo mesmo ou se esta é apenas uma retórica utilizada para persuadir outros indivíduos. De acordo com eles, a religião afeta as decisões de política externa (assim como de outras políticas) à medida que os indivíduos constituem o vórtice e as organizações domésticas são o caminho pelo qual tal vórtice passa para influenciar as decisões políticas. Eles vão além e afirmam que a religião de um país pode afetar completamente a orientação que um Estado segue dentro de sua política externa, inclusive seus prováveis aliados e inimigos.

A figura 1 procura representar a maneira como a religião pode afetar as decisões de política externa. Warner e Walker (2011) traçam as setas a fim de representarem mecanismos causais. Dessa forma, eles argumentam que do quadro IV se originam informações que afetam os boxes II e III e que tais informações são basicamente as ações apropriadas a se tomar em determinada decisão baseadas em crenças religiosas sobre a natureza humana, a sociedade e o mundo. Ou seja: a informação sobre a visão de mundo de uma religião em particular pode identificar aspectos relevantes da política universal e fornecer um guia de ação em tal cenário. Dessa forma, a influência da religião na política externa dependeria da força com a qual a mensagem fosse passada ao agente (líder) e deste para o Estado.

Além disso, Warner e Walker (2011) ainda expõem os argumentos de Hermann sobre como a religião pode afetar o líder de um Estado e, devido ao fato de que políticas são traçadas por líderes, afetar a política externa do mesmo. Dessa forma, a influência da religião na política externa seria limitada apenas pelo estilo de liderança do indivíduo (dogmático ou pragmático, por exemplo) e do quanto os valores da religião estivessem enraizados no líder.

Podemos, então, observar que a religião pode afetar a política externa de um Estado à medida que a mesma afeta a sociedade deste. Assim, os próprios indivíduos do Estado (através de suas experiências pessoais) são afetados pela religião e acabam por refletir a mesma na política externa implementada pelo seu governo ao se tornarem líderes.

Tal análise, a princípio, parece ser irrelevante se levarmos em conta o Estado aqui estudado. O Vaticano, como foi descrito acima, possui uma forte ligação à religião católica. Os interesses do mesmo giram em torno dos interesses da religião como um todo, logo, não há necessidade de afirmarmos que a religião influencia os agentes que formam a política externa desse Estado (no caso, o Papa e a Santa Sé).

No entanto, devemos atentar ao fato de que a maioria das religiões possui mais de uma corrente de pensamento. Do mesmo modo que os cristãos se dividem em católicos, protestantes, ortodoxos, entre outros, muçulmanos se dividem em xiitas e sunitas, por exemplo (BBC, 2014). Porém, há ainda divisões dentro destas correntes. Na religião aqui analisada, a corrente católica romana do cristianismo, possui um grande número de ordens religiosas dentro de si. Tais ordens podem alterar de maneira drástica a compreensão de cristianismo de cada um dos clérigos que entram em contato com as mesmas (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

No caso analisado, podemos notar a diferença entre as ordens religiosas seguidas por dois papas em específico: Paulo VI e João Paulo II. O primeiro seguia a chamada ordem secular do catolicismo, o que indica que ele não se dedicou à vida monástica enclausurada ou a alguma ordem religiosa, apesar de ter possuído uma ligação muito forte à Virgem Maria (PAULO VI, 1964).

Já Wojtyła, apesar de ser um clérigo carmelita descalço<sup>22</sup> de terceira ordem<sup>23</sup>, também era um clérigo secular, já que clérigos diocesanos e arquidiocesanos pertencem a esta ordem. Ainda há outras observações a serem feitas sobre o Vaticano em específico. Os tomadores de decisão da Santa Sé não possuem necessariamente uma cultura comum. Por exemplo, Wojtyła cresceu na Polônia, onde há a forte influência dos filósofos clássicos do país na principal corrente religiosa do mesmo, o catolicismo (BERNSTEIN; POLITI, 1996; WEIGEL, 2005), enquanto Paulo VI era italiano, assim como todos os papas antes dele desde Adriano VI (09/01/1522-14/09/1523) e não entrou em contato com tais ideias.

Desta forma, a concepção de catolicismo de Wojtyła fora influenciada pela corrente filosófica conhecida como messianismo que pregava que a Polônia representaria uma

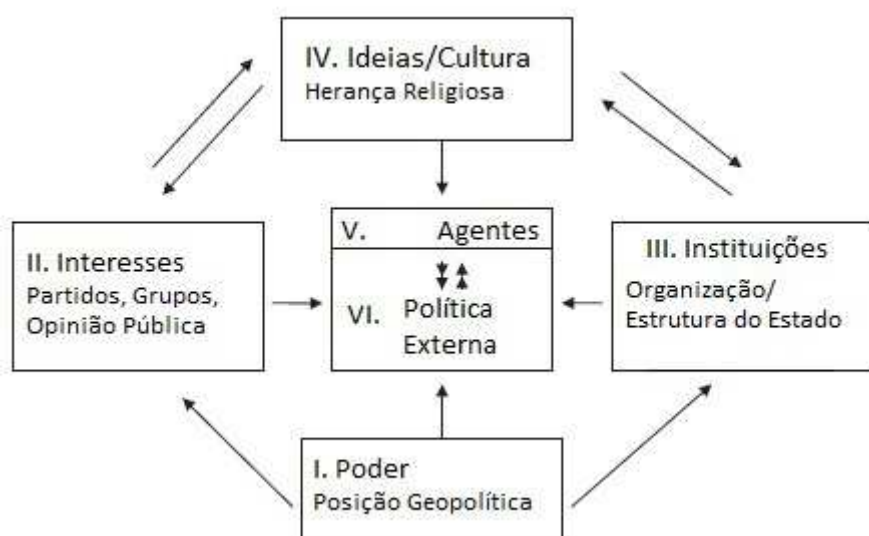
---

<sup>22</sup> A Ordem dos Carmelitas Descalços é uma variação da Ordem do Carmo que inclui a vida enclausurada, os dias passados em silêncio e a penitência. Ainda, há uma forte devoção por parte dos carmelitas descalços no tocante à oração, considerada um momento profundamente teológico e para o qual o devoto deve dedicar ao menos duas horas diárias (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

<sup>23</sup> Tal condição indica que Wojtyła se identificava com os costumes dos carmelitas descalços, mas não aderiu à ordem (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

espécie de Cristo das Nações através da libertação do mundo por meio de seu sofrimento da mesma maneira que Jesus Cristo libertou os cristãos através de seu sofrimento durante a crucificação (BERNSTEIN; POLITI, 1996), uma influência que os demais papas não poderiam ter tido devido ao fato de não serem poloneses. Tal corrente será mais detalhada mais à frente. Logo, argumentamos que a influência desta corrente filosófica na vida de Wojtyła foi um fator primordial para o desencadeamento de sua concepção de política externa e de sua atuação no cenário internacional como chefe de Estado da Cidade do Vaticano através da Santa Sé de maneira semelhante ao que ocorre no *framework* montado por Keohane e Goldstein (1993).

**Figura 1 – Mapa Macroscópico de Religião e Política Externa**



**Fonte: WARNER; WALKER, 2011: p. 117, tradução nossa.**

Estes dois autores argumentam que apesar do racionalismo do indivíduo levado em conta na maioria das explicações positivistas, as ideias na tomada de decisão de políticas – tanto internas quanto externas – possuem um peso considerável. Segundo eles, tais teorias afirmam que o interesse do ator e as limitações estruturais causadas pelo sistema formam os elementos mais relevantes dentro da análise, sendo ideias apenas um instrumento dos atores na tentativa de conseguirem limitar as restrições impostas pelo sistema ou legitimarem seus objetivos finais (GOLDSTEIN; KEOHANE, 1993).

Keohane e Goldstein (1993) procuram demonstrar que as ideias são levadas em consideração pelos tomadores de decisão, mesmo que os indivíduos se comportem de



maneira racional para atingirem seus objetivos. Os autores argumentam que ações tomadas por seres humanos dependem da qualidade substantiva de ideias disponíveis, já que tais ideias ajudam a esclarecer princípios e concepções de relações causais, além de auxiliarem na coordenação do comportamento individual. Logo, os autores criticam alternativas que negam a importância das ideias dentro da tomada de decisão, mas reconhecem que os indivíduos se comportam de maneira racional e buscando seu próprio interesse.

Os mesmos autores (GOLDSTEIN; KEOHANE, 1993) argumentam que ideias podem ser consideradas crenças compartilhadas por um grande número de indivíduos sobre a natureza de seus mundos que possuem implicações na ação humana. Tais crenças podem variar desde princípios morais até o acordo comum sobre um método de aplicação do conhecimento científico.

Keohane e Goldstein (idem) desenvolvem, então, três tipos de crenças que podem afetar a tomada de decisão: 1) visões de mundo (“*world views*”); 2) crenças de princípios (“*principled beliefs*”); e 3) crenças causais (“*causal beliefs*”). Dentre estas, a primeira é a que nos interessa de fato, já que será a utilizada neste trabalho. Visões de mundos estão cravadas no simbolismo de uma cultura e afetam profundamente os modos de pensar e discursar em uma sociedade. Tal conceito está diretamente entrelaçado às concepções individuais de auto identidade, evocando emoções e lealdades. As grandes religiões mundiais, segundo os autores, ajudam a formar visões de mundo.

Os autores ainda definem três métodos pelos quais as ideias podem afetar a tomada de decisão<sup>24</sup>: 1) o fornecimento de roteiros causais ou atreladas a princípios; 2) coordenação: ideias como ponto focal e “cola”; e 3) institucionalização (GOLDSTEIN; KEOHANE, 1993). Mais uma vez, apenas uma destas alternativas será utilizada nesta pesquisa, sendo o método da coordenação o mais adequado a ser utilizado aqui.

De acordo com Keohane e Goldstein (1993), tal método pode ser utilizado quando não há uma resposta clara ou consenso durante uma tomada de decisão. Segundo eles, quando há mais de uma opção na mesa de discussão, as ideias irão surtir efeito na tomada de decisão. Para ilustrarem o problema, eles se utilizam da teoria dos jogos. Em um jogo comum, seguindo a teoria dos jogos, pode haver mais de um equilíbrio em jogadas

---

<sup>24</sup> Tal caracterização é necessária, segundo os autores, para distinguir quando uma ideia é utilizada como instrumento por um ator visando implementar sua vontade de quando ela é de fato levada em consideração pelo mesmo na tomada de decisão (GOLDSTEIN; KEOHANE, 1993).

diferentes, o que faz com que a tomada de decisão seja dificultada, já que as opções são semelhantes entre si.

As ideias influenciariam na decisão, já que influenciariam os atores envolvidos na mesma, aliviando problemas de coordenação entre atores diferentes (neste caso, a Santa Sé, encabeçada por Wojtyła, além dos outros atores envolvidos, como o Solidariedade). Neste sentido, os autores afirmam que ideias podem servir como pontos focais ou como um meio de neutralizar os problemas envolvidos na ação coletiva (GOLDSTEIN; KEOHANE, 1993).

Assim, após analisar diversos métodos, esta pesquisa se utilizará de dois métodos no tocante à análise de política externa com foco na relevância do indivíduo: o método explicitado por Warner e Walker (2011), que envolve o indivíduo como um agente da política externa do Estado e o *framework* de Keohane e Goldstein (1993), já que pelo indivíduo podem agir as ideias de uma sociedade, especialmente aquelas ligadas à religião. Tal *approach* facilitará o manuseio das variáveis em um cenário diferente para um analista de relações internacionais, tendo em vista a diferença fundamental entre o Vaticano e os demais Estados. Como exposto anteriormente, os Estados convencionais possuem interesses muito diversos daqueles que o Vaticano busca<sup>25</sup>, o que torna a maior parte dos métodos analíticos focados em interesses como ganhos econômicos, militares ou territoriais, por exemplo. No entanto, tanto o Vaticano quanto o papa, foco da análise nesta pesquisa, possuem interesses peculiares, o que dificulta a análise por meio das teorias convencionais.

---

<sup>25</sup> Como veremos mais adiante, os interesses da política externa exercida pela Santa Sé diferem de acordo com os desejos do papa devido à grande concentração do processo de tomada de decisão em sua pessoa, mas, em geral, seus interesses giram em torno da disseminação da fé católica pelo globo e da liberdade da prática desta mesma religião (ALLEN, 2004).

### **3 O PROCESSO DE MUDANÇA DE REGIME NA POLÔNIA SURGIDA NO PÓS II GUERRA MUNDIAL: ATORES SOCIAIS, ESTATAIS E A RESPOSTA GOVERNAMENTAL**

Este capítulo visará expor, de forma descritiva, elementos importantes na queda do regime socialista na Polônia. Na primeira seção será descrito o processo de mudança de regime propriamente dito, utilizando as ferramentas metodológicas que foram expostas acima. Logo, haverá um foco nas ações do Papa João Paulo II, procurando explicar como uma liderança religiosa internacional pôde contribuir para o evento analisado neste trabalho.

A segunda e última seção procurará demonstrar o porquê de Reagan e Wojtyła terem representado dois líderes importantes no tocante às relações EUA e Vaticano. No passado, o país americano não iria aceitar relações de alto nível com a Santa Sé, mas condições específicas possibilitaram o estabelecimento das mesmas, o que precisa ser mais bem compreendido, tendo em vista o importante papel que os dois Estados tiveram dentro do processo aqui analisado.

#### **3.1 A queda de um regime socialista: descrição analítica da mudança de regime político na Polônia**

Como foi dito anteriormente, este estudo visa compreender o processo de mudança de regime na Polônia, enfatizando a importância de Karol Wojtyła no mesmo. Nosso recorte temporal, como já foi mencionado, se inicia no ano de 1978, mais especificamente o dia 16 de outubro deste ano, quando Wojtyła ascendeu à posição de Sumo Pontífice da Igreja Católica, no Conclave que se iniciou alguns dias após a morte de Albino Luciani e contou com 111 cardeais (WEIGEL, 2005).

Muitos dos cardeais que participaram deste Conclave afirmam que Wojtyła foi escolhido devido ao seu histórico: o novo papa jamais havia entrado em conflito com o governo comunista de forma direta, o que fazia dele um excelente candidato a dar procedimento à *Ostpolitik* aplicada pelos seus antecessores. Além disso, eles acreditavam que Wojtyła, tendo vivido em um sistema ditatorial e sido vítima do mesmo, teria maiores chances de reformar a Igreja e dar mais poderes à Cúria ou quaisquer outras organizações.

No entanto, o Papa João Paulo II não tomaria nenhuma destas iniciativas: além de quebrar a *Ostpolitik* nos primeiros meses de seu papado, ele garantiu que as decisões mais importantes no tocante à política externa da Cidade Estado do Vaticano seriam tomadas pelo próprio papa (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

A reação do Partido dos Trabalhadores Unidos Poloneses<sup>26</sup> foi de imediata insatisfação. Apesar de nunca ter feito críticas severas diretamente ao governo, Wojtyła sabia como agir contra o governo de forma a movimentar a população. Tanto o Primeiro Secretário do Partido, Edward Gierek, quanto o Ministro da Defesa, o general Wojciech Jaruzelski, se preocuparam com a notícia (BERNSTEIN; POLITI, 1996; DAVIES, 2005b; WEIGEL, 2005).

Ambos sabiam da atividade de Wojtyła, que havia agido de maneira a incomodar o governo sem colocar o povo em risco, especialmente através de pedidos de concessão para a construção de novos seminários e igrejas (algo necessário, já que o exercício de qualquer religião era restringido na época). Wojtyła, muito devido à sua experiência como ator e escritor durante a adolescência e a juventude, sabia como se utilizar da simbologia para afetar o povo, algo que ficaria marcado em seu pontificado<sup>27</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996; WEIGEL, 2005; CORNWELL, 2007).

Após o novo pontífice ter sido anunciado, o Politburo encomendou ao *Institute for the World Socialist System*, instituto ligado à Academia Soviética de Ciência, um perfil detalhado do novo papa. Em 04 de novembro um relatório foi entregue ao Politburo por Oleg Bogomolov e, apesar da ideia mantida por alguns dos cardeais que elegeram Wojtyła, o relatório já apontava tendências que o pontífice iria seguir: não apenas afirmava que o novo papa iria buscar uma universalização da religião católica através de uma maior atividade na diplomacia pontifícia em todos os sistemas sócio-políticos, mas em especial nos países de regime socialista, possivelmente com uma atitude mais agressiva e

---

<sup>26</sup> Havia, de acordo com Staron (1969), mais de um partido no país. Além do Partido Comunista local, existiam mais outros dois menores que representavam apenas “espelhos” do partido maior. Eram eles o Partido dos Trabalhadores Unidos Poloneses (*Polska Zjednoczona Partia Robotnicza*, do original) e os dois menores: o Partido Popular da Polônia (*Polskie Stronnictwo Ludowe*, direcionado à população rural) e o Partido Democrático (*Partia Demokratyczna*).

<sup>27</sup> Uma das atividades anticomunistas de Wojtyła foi a celebração de missas de natal em um terreno requisitado por ele, mas que o Partido insistia em não ceder para que uma igreja fosse construída. Por vários anos, Wojtyła não celebraria a tradicional missa de natal em sua catedral em Cracóvia, mas sim neste terreno, ao ar livre e com temperaturas abaixo de zero, sempre com lotação máxima, até que o terreno fosse concedido (BERNSTEIN; POLITI, 1996; BARNES; WHITNEY, 1999).

sistemática do que os papados anteriores. É ainda importante afirmarmos que o relatório afirmava que João Paulo II provavelmente iria concentrar as decisões na figura de sua pessoa, o que se tornou mais uma vez correto. Porém, o mais importante dos avisos do relatório seria também o último passado por ele: os líderes comunistas não deveriam subestimar as necessidades espirituais dos indivíduos de seus países, tendo em vista o novo líder de uma das maiores religiões da região. Logo, a primeira imagem de Wojtyła passada ao Politburo foi a de um líder que causaria problemas aos governos dos países comunistas (BERNSTEIN; POLITI, 1996; WEIGEL, 2005; WEIGEL, 2003).

De fato, a intenção de Wojtyła assim que assumiu o posto de papa era visitar a sua terra natal, já que o aniversário de 900 anos da morte de São Stanislaw, o patrono da Polônia, estava por vir em 11 de abril de 1979. Apesar do interesse do papa, as autoridades soviéticas aconselharam o Partido local a não permitir tal visita, que poderia ter consequências desagradáveis para o comunismo no país, devido ao histórico do papa e à campanha antirreligiosa em andamento na União Soviética (mais detalhes acerca de tal campanha no capítulo 4 deste trabalho). Os líderes do Partido resolveram não proibir (temendo uma repercussão ainda maior), mas adiar a visita para uma data em que houvesse uma importância simbólica menor para o país, mais exatamente entre 02 e 10 de junho do mesmo ano (BERNSTEIN; POLITI, 1996; CORNWELL, 2007).

Em 02 de junho, Wojtyła chegava à Polônia. Sua primeira visita à sua terra natal obteve proporções superiores às esperadas pelos líderes comunistas. Mais de um milhão de pessoas vieram aguardar a chegada do papa que era filho da Polônia assim como elas. Gierek se encontrou com Wojtyła na chegada, como faria com qualquer outro chefe de Estado. Este seria o único encontro dos dois durante esta visita do papa. João Paulo II, após breves discursos às autoridades, foi encaminhado para a Praça da Vitória, onde celebraria uma missa para a população. Tal evento seria televisionado para outros países – incluindo os EUA – e a entrada do público era controlada pelos militares, o que não impediu que 300.000 pessoas se reunissem na praça para assistir à missa do novo papa (CORNWELL, 2007).

A homilia se iniciou cheia de simbolismo e com a palavra que marcaria essa visita do papa: “Desejo cantar convosco um hino de louvor à Divina Providência que me permite estar aqui nas vestes de peregrino.” (JOÃO PAULO II, 1979a). João Paulo II se identificaria durante toda esta viagem como um “peregrino”. Tal palavra implica que o

território polonês representa uma terra santa para o cristianismo católico, além de identificar a maior autoridade da religião como um visitante desta terra.

No dia 09 de junho, João Paulo II proferiria as palavras que marcariam sua visita. No Santuário da Santa Cruz de Mogila, afirmou:

A Cruz não pode ser separada do trabalho do homem. Cristo não pode ser separado do trabalho do homem. Isso foi confirmado aqui em Nowa Huta. Este foi o início da nova evangelização, no início do novo milênio do cristianismo na Polônia. Nós vivemos este novo começo juntos e eu levei-o comigo de Cracóvia a Roma como uma relíquia.

O cristianismo e a Igreja não têm medo do mundo do trabalho. Eles não temem o sistema baseado no trabalho. O Papa não tem medo de homens trabalhadores. Eles sempre foram particularmente próximos a ele. Ele veio de seu meio. Ele veio das pedreiras de Zakrzówek, dos fornos de Solvay em Borek Falecki e de Nowa Huta. Através de todos estes lugares, através de sua própria experiência de trabalho, eu me atrevo a dizer que o Papa aprendeu o Evangelho de novo. Ele percebeu e se convenceu de que os problemas que estão sendo levantados hoje sobre o trabalho humano estão profundamente gravados no Evangelho, que não podem ser totalmente resolvidos sem o Evangelho.<sup>28</sup> (JOÃO PAULO II, 1979b, tradução nossa)

Com estas palavras, o papa criticava a laicização radical que os Estados comunistas praticavam. Para ele, não havia necessidade de o socialismo se distanciar da religião, ambos podiam andar juntos. Vale ainda salientar que o santuário era localizado próximo à cidade de Nowa Huta, onde a presença comunista era considerada forte devido à maior siderúrgica do país. Construída na década de 1950 pelos comunistas para abrigar tal siderúrgica, Nowa Huta não possuía uma igreja, o que fez com que os bispos da região fizessem pressão ao governo ao longo da história. O bispo que conseguiu a permissão para

---

<sup>28</sup> The Cross cannot be separated from man's work. Christ cannot be separated from man's work. This has been confirmed here at Nowa Huta. This has been the start of the new evangelization at the beginning of the new millennium of Christianity in Poland. We have lived this new beginning together and I took it with me from Krakow to Rome as a relic.

Christianity and the Church have no fear of the world of work. They have no fear of the system based on work. The Pope has no fear of men of work. They have always been particularly close to him. He has come from their midst. He has come from the quarries of Zakrzówek, from the Solvay furnaces in Borek Falecki, and then from Nowa Huta. Through all these surroundings, through his own experience of work, I make bold to say that the Pope learned the Gospel anew. He noticed and became convinced that the problems being raised today about human labour are deeply engraved in the Gospel, that they cannot be fully solved without the Gospel.

a construção da igreja, o que ocorreu em 1977, chamava-se Karol Wojtyła<sup>29</sup> (BARNES; WHITNEY, 1999).

Durante sua despedida, no dia 10 de junho, mais uma vez um milhão de pessoas se aglomeraram em torno do Papa para celebrarem uma missa em honra de São Stanislaw. Desta vez, as palavras de Wojtyła serviriam como um incentivo e um apoio emocional ao povo polonês: “Vocês devem ser fortes, caros irmãos e irmãs! Vocês devem ser fortes com a força que flui da fé! [...] Assim, não há necessidade de medo. Devemos abrir as fronteiras. Não há imperialismo na Igreja, apenas o serviço”<sup>30</sup> (JOÃO PAULO II, 1979c, tradução nossa).

Apesar da visita de Wojtyła não ter marcado o início dos movimentos anticomunistas na Polônia, com certeza marcou o momento em que o povo polonês se tornou disposto a enfrentar o governo socialista mais uma vez. Membros do Solidariedade já fizeram afirmações semelhantes, como por exemplo Zbigniew Bujak, que viria a ser o líder do ramo do sindicato em Varsóvia e já havia iniciado um pequeno movimento com colegas de trabalho de uma fábrica. Ele afirmou que, antes da visita de Wojtyła, ele tinha a intenção de iniciar um movimento, mas não sabia se teria apoio. Ao ouvir a última declaração de Wojtyła na Polônia, Bujak afirma que: “Todos os medos que tínhamos quando começamos a nossa luta contra o sistema totalitário e nossa preocupação com os desenvolvimentos futuros haviam agora desaparecido [...] Nós vimos que havia muitos de nós. Isso foi muito importante e acabou com todas as nossas dúvidas”<sup>31</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 12, tradução nossa).

Para entendermos o porquê de o Papa João Paulo II ter conseguido acender as fagulhas da revolução com apenas uma visita ao seu país natal, devemos entender melhor a situação interna do mesmo. Após vários anos de dominação comunista, um fator chave fica claro dentro da Polônia: o país não é mais formado por camponeses, mas sim por trabalhadores urbanos com pelo menos educação básica, o que possibilitou a criação por

---

<sup>29</sup> O terreno em Nowa Huta foi onde Wojtyła celebrava as missas de natal ao ar livre, já que a população local também desejava a construção da igreja no local, apesar de o governo considerar que os trabalhadores – que deveriam ser ateus – não precisavam da mesma (BARNES; WHITNEY, 1999).

<sup>30</sup> You must be Strong, dearest Brothers and sisters! You must be strong with the strength that flows from faith! [...] There is therefore no need for fear. We must open the frontiers. There is no imperialism in the Church, only service.

<sup>31</sup> Both the fears we had when we began our struggle against the totalitarian system and our concern over future developments now disappeared [...] We saw that there were many of us. This was very important and put our doubts to flight.

parte destes de alguns de avançados movimentos trabalhistas. No entanto, a Polônia passava por um cenário econômico completamente desfavorável: o PIB do país caiu 2% no ano de 1979, 8% em 1980 e entre 15% e 20% em 1981, marcando as maiores taxas de queda de uma economia industrializada desde o fim da Segunda Guerra<sup>32</sup> (BARKER, 2002).

Além disso, a crise na área econômica se expandiu para outras áreas. O rápido crescimento pelo qual o país passou na década de 1970 acabou por alargar a desigualdade de renda entre as classes sociais. A corrupção pública era considerada pelos cidadãos como endêmica, o que fez com que a crença popular no regime atingisse um dos níveis mais baixos de sua história. Também, gêneros alimentícios estavam se tornando um problema e o abastecimento da população se tornava cada vez mais difícil. O país era o mais poluído de toda a Europa, causando diversos problemas de saúde, o que inclui a alta taxa de partos de bebês natimortos, a maior do continente. Por fim, o país devia milhões de rublos à URSS, além de um valor entre \$20 e \$25 bilhões de dólares a bancos ocidentais (BARKER, 2002).

Visando controlar a escassez de gêneros alimentícios, Gierek implementou um novo sistema de preços. Até então, os preços deste tipo de produto eram controlados pelo governo num sistema semelhante ao congelamento que foi implantado no Brasil durante o governo Sarney na tentativa de controlar a inflação acelerada no país. No entanto, a crise no abastecimento sempre demandava um aumento nos preços, o que enfurecia a população, que não recebia aumento nos salários e acabava por ter uma diminuição na renda real familiar.

Em busca de uma solução para a escassez de alimentos e a ameaça de revoltas, no final da década de 1970 Gierek criou as lojas de preço livre que ofertariam gêneros alimentícios a preços de mercado, custeando assim a produção sem que os efeitos fossem sentidos por toda a população. A ideia não funcionou. Além de gerar filas cada vez maiores nas lojas de preços controlados, o anúncio em 1º de julho de 1980 de que os cortes finos de carne só seriam oferecidos em lojas de preços livres fez estourar uma onda de greves que culminou na cidade de Gdansk (BARKER, 2002).

No entanto, afirmar que os líderes comunistas não estavam acostumados a greves seria um erro, maior ainda seria afirmar que eles não esperavam por uma após os anúncios

---

<sup>32</sup> É importante citarmos que os anos de 1980 e 1981 foram gravemente afetados pelas atividades do Solidariedade (BARKER, 2002).



de aumentos nos preços. Apesar de muitas das greves e manifestações terem acabado com repressões mais sérias por parte do governo, nos últimos quatro anos (1976-80), haviam ocorrido pelo menos mil greves por parte dos trabalhadores poloneses. As manifestações mais sérias de 1956, 1970 e 1976 ensinaram aos grevistas que o governo não sabia lidar com eles, havendo apenas um meio de negociação entre as duas partes: o aumento salarial por parte do governo. Essa era a principal razão de haver tantas greves em um período de apenas quatro anos<sup>33</sup> (ASH, 1999).

Apesar de não haver notícias na mídia (que era controlada pelo governo), a população tomava conhecimento das greves através de uma rede de informações criada pelos próprios trabalhadores<sup>34</sup>. Apesar de não haver uma coordenação centralizada, os movimentos se tornavam cada vez mais complexos e, o que é talvez mais importante, confiantes de que poderiam alcançar resultados positivos<sup>35</sup> (BARKER, 2002).

Foi com este espírito de mudança que as demandas dos trabalhadores passaram a se alterar. As greves não exigiam mais apenas o aumento dos salários, passando a aparecer como demandas o fechamento das lojas de preço livre, semana de trabalho reduzida de seis para cinco dias úteis, liberdade de imprensa, entre outros. Diversos jornais e revistas surgiam em torno destes grupos grevistas, o que aumentava a popularidade dos movimentos e auxiliava na comunicação entre os grupos. Um destes grupos, sediado no gigantesco Estaleiro Lênin, optou pelo início de uma greve no dia 14 de agosto de 1980. Tal greve teria como demanda, a princípio, a readmissão de Anna Walentynowicz, uma líder no movimento local. Pela manhã, os membros do movimento entraram no estaleiro com panfletos escritos à mão e os entregaram a cada setor (BARKER, 2002; ASH, 1999; OSA, 2003). Jerzy Borowczak foi um dos trabalhadores a entregar os panfletos. Segundo ele:

---

<sup>33</sup> Muitas vezes, de acordo com Barker (2002), trabalhadores que não participavam do movimento grevista não recebiam os benefícios conseguidos pelos que foram às greves, o que incentivava ainda mais a participação nestes movimentos.

<sup>34</sup> Tal rede era composta por motoristas de caminhão e de trem, que levavam as mensagens de novas greves em suas viagens, telefonemas e os contatos entre fábricas originários de laços de amizade prévios (BARKER, 2002).

<sup>35</sup> O governo não se preocupava com o aumento dos salários causando um aumento na inflação devido ao fato de apenas os maiores empreendimentos do país conseguirem tais aumentos. Logo, trabalhadores de fábricas menores iriam pagar os custos da inflação (BARKER, 2002).

Eu cheguei ao estaleiro às 4:15. Depois de postar cartazes, eu preparei folhetos para mim - eu tinha 500 deles e eu dei um folheto para cada pessoa que entrava no estaleiro dizendo: "Pegue e leia. Todo o estaleiro entrará em greve hoje". Cerca de 30 de nós se reuniram e lá fomos nós. Dois colegas de trabalho carregavam um cartaz na frente da procissão. Pessoas surgiam de todos os lugares para ver o que estava acontecendo. Nós gritávamos: "Desliguem as máquinas e se juntem a nós". Muitos atenderam. Agora, já um grupo maior, atravessamos a ponte. [...]  
E assim, já havia mais de 1.000 pessoas - a multidão tornou-se tão densa que não se podia mais ver o fim da procissão.<sup>36</sup> (BOROWCZAK, 2014, tradução nossa).

Após algum tempo, todas as estações de trabalho do estaleiro em Gdansk pararam de trabalhar. Foi neste momento que o eletricitista Lech Wałęsa, demitido do seu emprego no estaleiro quatro anos atrás, mas ainda um membro ativo dos movimentos grevistas locais, pulou o muro do estaleiro e se colocou ao lado do gerente que negociava com a massa de trabalhadores, se apresentou para a multidão e afirmou que aquele era o início de uma greve de ocupação (OSA, 2003).

Outros locais de trabalho na cidade iniciaram greves neste mesmo momento e os funcionários de alguns empreendimentos se juntaram à massa de trabalhadores no estaleiro (entre eles, motoristas de transportes públicos). Com a pressão de tantos indivíduos, o gerente do estaleiro concedeu o maior aumento de salário da história (cerca de 1000 złoty), o que fez com que os funcionários se sentissem satisfeitos e voltassem a trabalhar. No entanto, Wałęsa foi alertado por um motorista de ônibus que uma boa parte das pessoas não receberam benefício nenhum, o que fez com que o líder chamasse a massa de volta e retomasse a ocupação do estaleiro, mas apenas com um décimo dos membros que haviam participado anteriormente (BARKER, 2002).

Com a ocupação prolongada, foi criado o Comitê de Greve Entre Fábricas (*Międzyzakładowy Komitet Strajkowy*, MKS) com o intuito de melhor coordenar os movimentos grevistas na região, além das 21 demandas de Gdansk (ver tabela 4). Muitas destas demandas não possuíam teor econômico, o que demonstrava um amadurecimento do movimento no sentido de englobar aspectos do campo político também. Para recuperarem

---

<sup>36</sup> I came to the Shipyard at 4:15. After posting posters I prepared leaflets for myself - I had 500 of them and I gave a leaflet to every single person entering the shipyard saying: "Take it and read. The whole shipyard is on strike today."

Some 30 of us gathered and off we went. Two workmates carried one poster at the front of the procession. People emerge from all over the place to see what is going on. We shout: "Turn the machines off and join us". Many oblige. Now, already a larger group, we cross the bridge. [...]

And so there were already more than 1000 people - the crowd grew so dense that we could no longer see the end of the procession.

a força do movimento no Estaleiro Lenin, os membros do MKS inauguraram uma prática que viria a ser comum no futuro: passaram a utilizar elementos religiosos nas suas manifestações. No primeiro domingo após a ocupação, dia 17 de agosto, foi realizada uma missa com o pároco da igreja que Wałęsa frequentava. Como será explicado no trabalho, os poloneses possuem uma identificação muito forte com a religião católica, logo, tal tática foi bem-sucedida, fazendo com que boa parte dos ocupantes originais retornassem ao estaleiro (BARKER, 2002; OSA, 2003).

**Figura 2 – Lech Wałęsa fala com os trabalhadores ao lado do gerente do Estaleiro Lenin.**



**Fonte: TRYBEK, 2014.**

No Vaticano, Wojtyła já conhecia o movimento – que começava a se alastrar por outras regiões, com MKSs sendo inaugurados em cada parte do país sem perder a coordenação da cidade costeira – e começava a arquitetar seus planos para apoiar o mesmo. No dia 20 de agosto, um grupo de poloneses peregrinando ao Vaticano se encontraram com Wojtyła e ele os recebeu com as palavras: “Deus, conceda por intercessão de Maria que a religião possa sempre desfrutar de liberdade e que a nossa

pátria possa desfrutar de segurança [...] Senhor, ajude este povo, e sempre defenda-o de todo o mal e perigo.”<sup>37</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 356-357, tradução nossa).

Além disso, Wojtyła escreveu uma carta para o primaz da Polônia, o cardeal Stefan Wyszyński, que participou do Conclave que elegeu Wojtyła. Nesta carta, Wojtyła afirmava: “Eu rezo com todo meu coração que os bispos da Polônia [...] possam até mesmo agora ajudar esta nação em sua luta difícil pelo pão de cada dia, pela justiça social e pela salvaguarda dos seus direitos invioláveis à sua própria vida e desenvolvimento”<sup>38</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 358, tradução nossa).

Com essas palavras, João Paulo II acabava de abençoar o movimento grevista e afirmar ao clero de todo o país que o movimento teria o apoio da Igreja Católica no âmbito local, algo que Wyszyński receava em fazer. No mesmo dia que a chegada desta carta foi anunciada, 23 de agosto, o governo iniciou as conversas com o MKS de Gdansk<sup>39</sup>. O enviado pelo governo para iniciar as conversas foi o vice premiê do país, Mieczysław Jagielski, enquanto Wałęsa encabeçava as negociações pelo MKS, com intelectuais auxiliando-o no que fosse necessário (BARKER, 2002; BERNSTEIN; POLITI, 1996; NEIER, 2003; CORNWELL, 2007).

Em 30 de agosto de 1980 Jagielski iria aceitar todas as demandas feitas pelos trabalhadores de Gdansk e no dia seguinte seriam assinados os Acordos de Gdansk. É preciso enfatizarmos que o governo comunista já se preocupava com a sua legitimidade nesta época, tendo em vista que uma das cláusulas do acordo afirmava que os trabalhadores deviam aceitar a liderança do partido, reconhecendo a sua existência e os direitos dos governantes. Apesar desta última cláusula, Gierek estava enfraquecido no Politburo e foi demitido e substituído por Stanisław Kania (OSA, 2003).

Três semanas após os Acordos de Gdansk, no dia 17 de setembro, os líderes de vários ramos do MKS se reuniram em seu primeiro encontro nacional, onde decidiram

---

<sup>37</sup> God, grant through the intercession of Mary that religion may always enjoy freedom and that our homeland may enjoy security [...] Lord, help this people, and always defend it from every evil and danger.

<sup>38</sup> I pray with all my heart that the bishops of Poland [...] can even now help this nation in its difficult struggle for daily bread, for social justice and the safeguarding of its inviolable rights to its own life and development.

<sup>39</sup> Apesar de o uso da força ter sido considerado pelos membros do Partido Comunista, tal método não foi utilizado devido ao aspecto nacional que as greves estavam tendo. Forçar os trabalhadores a voltarem aos seus postos não era uma opção viável (BERNSTEIN; POLITI, 1996; BARKER, 2002). O próprio Gierek afirmou: “A situação torna-se cada vez mais difícil, as greves se espalham, as demandas escalam. Eu admito que eu não sei o que mais poderia ser feito além do que estamos fazendo. O partido está desmobilizado, nosso povo não acredita que colocaremos a situação sob controle.” (2014, tradução nossa).

estabelecer a criação do primeiro sindicato sem ligação ao governo central a leste da Cortina de Ferro: o Sindicato Autônomo Independente “Solidariedade” (*Niezależny Samorządny Związek Zawodowy "Solidarność"*), que logo em seu nascimento já contava com 3 milhões de membros, mas não havia sido aprovado oficialmente pelo governo. Em poucas semanas, o movimento cresceu ao ponto de contar com 10 milhões de trabalhadores, não apenas do setor industrial. Todas as classes trabalhistas aderiram ao movimento com a maioria de seus membros, exceto a classe de professores de nível primário, cuja taxa de adesão foi de 48%. Mesmo assim, o grande número de trabalhadores conferia ao país uma taxa de adesão de 80% de toda a força de trabalho do país, o que fez com que as semanas seguintes chamassem ainda mais a atenção do Politburo (BARKER, 2002; OSA, 2003).

Em outubro, os trabalhadores membros do Solidariedade organizaram uma greve geral de uma hora em todo o país. Tal greve tinha a intenção de servir como um aviso aos líderes comunistas: o sindicato Solidariedade deveria ser reconhecido oficialmente, caso contrário, mais greves iriam ocorrer pelo país inteiro. Em um país economicamente debilitado, tais greves apenas pioravam a situação. Para que haja o crescimento da economia, a produção em um país não pode parar a qualquer momento. Quando 80% da força de trabalho de um país para de maneira proposital, as consequências são desastrosas. Com o sindicato crescendo tanto, o poder do Partido diminuía – 2,5 milhões eram membros do Partido dos Trabalhadores Unidos Poloneses, apenas ¼ do número de membros do Solidariedade, enquanto 750 mil eram membros de ambas as organizações (BERNSTEIN; POLITI, 1996) – e tornava mais frágil seu controle sobre o território (BERNSTEIN; POLITI, 1996; BARKER, 2002; OSA, 2003).

Em 22 de outubro, o Partido lançou o primeiro documento interno sobre a introdução de uma Lei Marcial no país devido a razões de segurança do Estado. Neste documento, estão descritas as medidas que serão tomadas, caso a Lei Marcial seja aplicada no país, o que inclui uma descrição de todas as restrições à liberdade do povo polonês. O parágrafo 3 do documento lê:

3. Devido à falta (entre os códigos de ligação da Constituição da PRL [República Popular da Polónia], assim como em outros atos legais) dos regulamentos relativos às novas consequências da introdução da Lei Marcial, [e] determinado ser necessário para garantir a segurança do Estado nas condições relacionadas à Lei Marcial, surge a necessidade de tomar novas medidas legais restringir os direitos dos cidadãos e ampliar os deveres dos mesmos, além de expandir a

autoridade e deveres dos órgãos governamentais selecionados, bem como os da administração e diretores das unidades econômicas nacionais.<sup>40</sup> (POLISH UNITED WORKERS' PARTY, 2014, tradução nossa).

Também, os comunistas, neste mesmo documento, propõem a utilização da Sejm<sup>41</sup>, o parlamento nacional, para alterarem alguns princípios constitucionais que impediriam a execução plena da Lei Marcial de acordo com o plano estabelecido, sendo inclusive apontados os artigos da Constituição que deveriam ser alterados. No entanto, ainda se passaria mais de um ano antes do estabelecimento da Lei Marcial na Polônia devido ao debate interno no âmbito do Politburo sobre uma intervenção militar direta na Polônia que levou em conta a participação de outro indivíduo do cenário internacional: Ronald Reagan.

O Politburo iniciou tais conversas no dia 29 de outubro, quando preparou um programa de recuperação da economia polonesa e discutiu a questão dos movimentos antissocialistas no país. A decisão a que os líderes do Politburo chegaram foi que os poloneses deveriam se utilizar mais da força para reprimir os movimentos, cortar os direitos da Igreja e prepararem a economia para o plano soviético que introduziria, entre descontos, doações de grãos e empréstimos de curto prazo, mais de 1 bilhão de rublos na economia polonesa (COMMUNIST PARTY OF THE SOVIET UNION, 1980).

Em 24 de outubro, o Solidarnosc viria a ganhar status legal, o que foi comemorado por todos os seus membros. No entanto, a dimensão do sindicato fez com que problemas internos fossem gerados: apesar de os líderes dos ramos serem populares, correntes contrárias iam surgindo dentro do próprio movimento. A própria corrente principal não sabia mais como agir devido à proporção que o movimento alcançou. A crise do Solidarnosc viria a ter início no ano seguinte, em 19 de março (BARKER, 2002).

No entanto, antes de passarmos a tais desdobramentos, temos que observar o período em que o Solidarnosc chegou a ser considerado o poder dominante dentro da

---

<sup>40</sup> 3. Due to the lack (among the binding codes of the PRL Constitution, as well as in other statutory acts) of regulations relating to the further consequences of introducing Martial Law, [and] determined to be necessary to guarantee state security under the conditions binding Martial Law, the need arises to take further legal measures restrict the rights of citizens and enlarge the duties of citizens, and also to expand the authority and duties of selected governmental organs, as well as [those of] the state administration and directors of national economic units.

<sup>41</sup> Apesar de possuir uma participação crescente no âmbito político na Polônia no período estudado, a Sejm ainda estava limitada por medidas protetivas criadas pelos comunistas, como a obrigação de o Partido dos Trabalhadores Unidos Poloneses possuir sempre a maioria no parlamento, o que tornava a Sejm um fantoche do Partido (STARON, 1969; OLSON; SIMON, 1982).

Polônia, além da aliança formada por Reagan e Wojtyła, fator decisivo dentro da mudança de regime político.

O presidente Reagan chegou ao poder em 20 de janeiro de 1981 e preparou seu gabinete com indivíduos que ajudariam na tarefa de se aproximar da Santa Sé e, mais especificamente, de João Paulo II. Um destes homens foi Zbigniew Brzezinski, que havia servido como Conselheiro de Segurança Nacional para o presidente Jimmy Carter anteriormente, como um consultor sobre a situação especificamente na Polônia. Já tendo tido contato com Wojtyła durante sua posse como papa, Brzezinski foi a conexão inicial entre João Paulo II e Reagan. O restante do gabinete do presidente também era parcialmente preenchido por católicos: o Secretário de Estado Alexander Haig; o sucessor do cargo de Brzezinski, Richard Allen; o general do exército aposentado Vernon Walters; e o chefe da CIA, William Casey (estes dois últimos sendo os mais importantes para o processo) (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

O grupo chegou à conclusão de que o Solidariedade representava uma ameaça direta a Moscou, não apenas ao Partido polonês, o que fez com que o auxílio ao grupo passasse a ser uma das prioridades da administração Reagan. Desta forma, a aproximação ao papa era necessária, assim como a aproximação ao grupo *American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations* (AFL-CIO) (TARLTON, 2012).

O auxílio de João Paulo II era necessário para que o governo de Reagan pudesse adquirir informações internas da sociedade polonesa, já que os bispos e padres serviam como os olhos e ouvidos do papa na Polônia, além de participarem intensamente dos cenários cotidiano e político no país (a Igreja era considerada o terceiro poder do país, junto do Partido e do Solidariedade) (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Casey e Walters seriam as ligações diretas entre Washington e o Vaticano, sendo eles os indivíduos que visitariam João Paulo II para relatar as descobertas americanas sobre o caso e ouvir o que o papa tinha de novo a dizer sobre o mesmo. Enquanto os representantes dos EUA mostravam ao papa as fotos de satélite que haviam sido tiradas recentemente, Wojtyła informava aos americanos aquilo que os seus bispos na Polônia lhe passavam, além de aumentar a confiabilidade dos poloneses nos americanos<sup>42</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

---

<sup>42</sup> As relações entre Wojtyła e os dois representantes dos EUA consistiam em trocas de informações. Enquanto Wojtyła passava as informações adquiridas através do clero polonês, os americanos lhe mostravam fotos de satélite e relatórios da CIA sobre o caso, como cenários sobre as prováveis ações da URSS

No tocante à AFL-CIO, seu apoio era necessário devido principalmente aos contatos que a organização possuía na Europa. Desde o início do Solidariedade, a AFL-CIO abastecia o grupo com conselhos, recursos financeiros e equipamento, o que proporcionou à organização uma boa rede de contatos com organizações trabalhistas europeias que podiam enviar tais auxílios ao sindicato, entre elas, a Confederação de Sindicatos Trabalhistas Cristãos (*Algemeen Christelijk Vakverbond*, ACV) e o grupo de ajuda humanitária Caritas, responsável principalmente pelo transporte de bens para a Polônia disfarçados de ajuda humanitária. Desta forma, a AFL-CIO se tornou o canal por onde o governo dos EUA e a Santa Sé enviariam seus recursos ao Solidariedade, estabelecendo uma parceria que ajudaria na sobrevivência do sindicato durante o período de sua ilegalidade<sup>43</sup> (TARLTON, 2012).

A participação dos EUA ainda se daria de maneira aberta, direta ou não, no plano internacional. Reagan participou de campanhas midiáticas internacionais para buscar apoio à causa do Solidariedade, inclusive no âmbito interno. Em diversas oportunidades, Reagan fez pronunciamentos na TV (REAGANFOUNDATION, 2012; US EMBASSY WARSAW, 2011) com a intenção de tornar o movimento conhecido internacionalmente. Tal repercussão rendeu ao sindicato e a Wałęsa prêmios internacionais, como o Nobel da Paz de 1983 e prêmio da revista Time de pessoa do ano de 1982.

---

(BERNSTEIN; POLITI, 1996). Weigel (2005) refuta que tal coordenação tenha existido devido ao baixo número de reuniões entre Wojtyła e os dois americanos (15, dentro do período analisado). No entanto, a tese de Bernstein e Politi (1996) é sustentada pelo fato de o Vaticano ter utilizado a AFL-CIO, que estava trabalhando com a CIA, para enviar recursos ao Solidariedade. Também, a rádio Voz da América era utilizada no envio de mensagens codificadas aos membros do Solidariedade na ilegalidade sobre a entrega de equipamentos e outros assuntos, incluindo recursos provenientes do Vaticano. O fato de a própria Igreja Católica estar passando por um problema interno no tocante à teologia da libertação também fortalece o princípio de que as ideologias dos EUA e do Vaticano convergiam e que havia uma maior coordenação em suas políticas. Por fim, a proximidade entre Wojtyła e Reagan (se encontraram ao menos quatro vezes durante a presidência do estadunidense) e o *timing* da pressão exercida sob a Polônia pelos dois líderes também indicam uma alta probabilidade de que tenha existido algum tipo de coordenação entre os dois.

<sup>43</sup> A quantia enviada pelo governo dos EUA para o movimento do Solidariedade gira em torno de \$50 milhões de dólares, de acordo com Judt (2005). Tarlton (2012) afirma que a Igreja Católica também enviou recursos através da AFL-CIO, se utilizando do Banco do Vaticano para arrecadar os fundos necessários. Porém, o mesmo autor afirma que, devido ao fato de a operação ter sido realizada de maneira sigilosa, não é possível determinar a quantia exata que foi enviada pelo Vaticano para o Solidariedade. Além disso, a contabilidade do Banco do Vaticano não possui a mesma transparência de outros bancos estatais. A importância da AFL-CIO para o Solidariedade foi tão grande que, quando houve o funeral do diretor da organização durante o período aqui estudado, Lane Kirkland, vários membros do alto escalão do sindicato compareceram, inclusive Lech Wałęsa (TARLTON, 2012).



O governo de Reagan ainda iria auxiliar o movimento através do corte de auxílios, empréstimos e qualquer outro tipo de financiamento do governo comunista polonês, tornando ainda mais frágil a sua economia. Além disso, Reagan viria a renegociar os termos da dívida polonesa já existente em termos desfavoráveis, caso o Solidariedade não viesse a dispor de maior liberdade (BERNSTEIN; POLITI, 1996; TARLTON, 2012).

Por fim, pode-se dizer que a administração Reagan deu força ao sindicato ao anunciar que retaliaria qualquer tipo de intervenção do Pacto de Varsóvia no território polonês (REAGANFOUNDATION, 2012). É bem verdade que a ação soviética no Afeganistão teve um peso considerável na tomada de decisão contrária à intervenção (a URSS aparentemente não dispunha de recursos o suficiente para se engajar em dois conflitos simultâneos) (WEIGEL, 2005: p. 406), mas as declarações de Reagan de apoio ao Solidariedade e a ameaça de uma retaliação da OTAN a uma invasão do Pacto de Varsóvia pesaram na tomada de decisão dos soviéticos, que optaram por aconselhar a aplicação da Lei Marcial em 1981, ao invés de uma intervenção direta.

Retornando à situação na Polônia, era possível observarmos cada vez mais uma inquietação por parte dos líderes comunistas do Politburo. As notícias que chegavam do crescimento e das conquistas políticas e econômicas do Solidariedade fizeram com que os camaradas soviéticos se preocupassem com a situação no país e enviassem Leonid Zamyatin, um embaixador da URSS, para fazer um reconhecimento da situação no país. Seu relatório, em 22 de janeiro, apontava que cada vez mais o Solidariedade assumia o papel de dominância sobre a Polônia. Segundo a transcrição da sessão do Politburo, Zamyatin afirmou:

A complexidade da situação na Polônia decorre do fato de que as atividades são realizadas pelo inimigo, contra o qual a luta decisiva é necessária, e que, sob a pressão dos erros do passado o partido perdeu seus laços criativos com o povo. A classe operária tem muitos motivos de insatisfação. Isto é especialmente verdadeiro para os trabalhadores jovens, que ainda não sofreram dificuldades. Eles estão sendo explorados pelo Solidariedade. [...]

Além disso, o grupo em torno de Wałęsa, apoiado pela Igreja, exerce grande força. Se olharmos para a situação na Polónia agora, a mesma é caracterizada por um certo aumento do papel do Partido e suas atividades concretas [através do diálogo mais intenso com o Solidariedade, como veremos em seguida]. Isto, obviamente, está levando a um crescimento de tensões, uma vez que as forças contrarrevolucionárias têm seus planos e aspiram ao poder, mas percebem que a oposição do Partido não irá permitir que cumpram seus planos<sup>44</sup>. (POLITBURO, 1981b, tradução nossa).

<sup>44</sup> The complexity of the situation in Poland stems from the fact that activities are carried out by the enemy, against which a decisive struggle is necessary, and that under the pressure of past mistakes the party has lost

Uma das medidas mais relevantes que o Politburo indica no momento desta reunião é a aplicação de mais empenho por parte dos comunistas no tocante à mídia no país (POLITBURO, 1981b). Apesar de todos os jornais oficiais do país na época serem controlados pelo governo, as campanhas do Solidariedade por todo o país estavam claramente surtindo efeito. Além disso, a Igreja Católica passava a atuar de forma mais ativa após a carta de Wojtyła. Um dos principais métodos utilizados pelos clérigos da Igreja era o uso de mensagens ligando direitos humanos e dos trabalhadores à religião e ao nacionalismo, além de pedir aos poloneses que evitassem o conflito (POLISH CATHOLIC CHURCH, 2014). Abaixo, algumas passagens de um sermão utilizado na época:

Deus Todo-Poderoso e Misericordioso, que deu à nação polonesa ajuda genuína e defesa na forma da Santíssima Virgem Maria, pedimos-lhe que aceite nossas orações, que lhe oferecemos hoje. Permita-nos oferecê-las a Você através da mediação de Maria, Rainha da Polônia de Jasna Góra. Ó Mãe, nós já experimentamos Sua ajuda tantas vezes em nossa história. Assim, com toda a nossa confiança pedimos a Você que interceda diante de Deus, o Pai dos povos e das nações, em nome da nossa Pátria. [...] És tu, ó Mãe, que desperta em nós um sentimento de responsabilidade para com a Pátria, para com a Nação, por seu bem-estar e seu destino no futuro. Você derrama nos corações a coragem do povo na defesa da dignidade e dos direitos do trabalhador. Reconhecemos hoje a nossa ilimitada confiança em ti. Em tuas mãos depositamos nosso destino. Com confiança clamamos a ti por socorro. Envie-nos a luz, mostra-nos o caminho para escapar do perigo e do caos social. Dê-nos a unidade, o espírito do amor, da verdade e da compreensão mútua, para que possamos salvar o bem comum da Pátria, superando todas as dificuldades e diversos pontos de vista. Concedei-nos o espírito de paz e consideração calma, de modo que o derramamento de sangue e a guerra sejam evitados. [...] Ó, Mãe de Deus, Mãe de Cristo, que suportou fielmente sob a cruz de seu Filho, tende pressa para nos ajudar também, seus filhos. Ouve-nos e guie-nos no caminho da justiça, do amor e da paz. Amém.<sup>45</sup> (POLISH CATHOLIC CHURCH, 2014, tradução nossa).

---

its creative ties with the people. The working class has many reasons for dissatisfaction. This is especially true of young workers, who have not yet suffered hardships. They are being exploited by Solidarity. [...] Moreover, the group around Walesa, backed by the Church, wields great strength. If we look at the situation in Poland now, it is characterized by a certain increase in the role of the Party and its concrete activities [através do diálogo mais intenso com o Solidariedade, como veremos em seguida]. This of course is leading in turn to a growth of tensions, since the counterrevolutionary forces have their plans and aspire to power, but see that opposition from the PZPR will not enable them to fulfill their plans.

<sup>45</sup> Almighty and merciful God, who gave the Polish Nation genuine help and defense in the form of the Most Holy Virgin Mary, we ask that you accept our prayers, which we offer you today. Allow us to offer them to you through the mediation of Mary, the Queen of Poland of Jasna Góra. O Mother, we have already experienced Your help so many times in our history. So with all the more trust we beg You to intercede before God, the Father of peoples and of nations, on behalf of our Fatherland. [...] It is You, O Mother, who awakens in us a feeling of responsibility for the Fatherland, for the Nation, for its welfare and its fate in the future. You pour into people's hearts courage in the defense of dignity and the rights of the working man. We recognize today our boundless trust in You. In Your hands we place our fate. With trust we cry out to You

No entanto, como foi afirmado anteriormente, o Solidariedade estava se tornando grande demais para poder ser controlado de maneira efetiva por Wałęsa e os membros do comitê central. Em março de 1981, o Solidariedade promoveu mais uma greve geral, mas esta fora mais longa: por quatro horas os trabalhadores do país recusaram-se a trabalhar no dia 27 de março. Este esforço foi realizado para que os membros do Solidariedade na cidade de Bydgoszcz forçassem o governo a atender às suas exigências, entre elas, o reconhecimento do Solidariedade Rural, além de darem um prazo de quatro dias para que as mesmas fossem atendidas (BARKER, 2002).

O episódio causou comoção no Politburo: exercícios militares das tropas do Pacto de Varsóvia foram realizados próximos à fronteira, além de os líderes soviéticos aconselharem a entrada de policiais nos escritórios ocupados em Bydgoszcz<sup>46</sup>. No entanto, Jaruzelski recorreu ao clero para que o movimento fosse amenizado. O próprio papa pediu pelo fim da greve em Bydgoszcz<sup>47</sup>, o que fez com que Wałęsa e a maior parte dos membros de alto escalão do sindicato se convencessem de que era necessário o fim da greve. Apesar disso, uma minoria considerável não concordou com a atitude, o que fez com que o movimento do Solidariedade se tornasse mais frágil internamente, acabando com a era de domínio do mesmo<sup>48</sup>. Agora fragilizado, o comando central do sindicato não mais teria poder na tomada de decisão de greves nacionais, o que faria com que ele perdesse o poder e outros movimentos surgissem, alguns ainda mais radicais (BERNSTEIN; POLITI, 1996; BARKER, 2002).

---

for help. Send us light, show us the way to escape from danger and social chaos. Give us unity, the spirit of love, truth, and mutual understanding, so that we might save the common good of the Fatherland by overcoming all difficulties and diverse points of view. Grant us the spirit of peace and calm consideration, so that bloodshed and war will be avoided. [...] O, Mother of God, Mother of Christ, who faithfully endured under the cross of Your Son, hurry to help us as well, Your children. Hear us and guide us on the way of justice, love, and peace. Amen.

<sup>46</sup> Apesar de ameaçarem uma intervenção, os soviéticos não estavam dispostos a iniciar uma, devido principalmente aos gastos no Afeganistão e às ameaças de Reagan de retaliação (BERNSTEIN; POLITI, 1996; BARKER, 2002).

<sup>47</sup> Tal resposta de Wojtyła foi baseada em um relatório estadunidense entregue por Casey. Neste, as autoridades da CIA – entre estas, o próprio Casey – afirmavam que havia a possibilidade de uma intervenção do Pacto de Varsóvia, tendo em vista a disposição em entrar em conflito da URSS baseado na intervenção no Afeganistão (BERNSTEIN; POLITI, 1996), o que se provou um erro de percepção por parte da CIA.

<sup>48</sup> A própria Anna Walentynowicz, uma das primeiras líderes do Solidariedade, foi contra tal atitude (BARKER, 2002).

É importante ressaltarmos que o primeiro contato entre Jaruzelski e o próprio papa – através do clero polonês – tornou João Paulo II ainda mais relevante neste processo: agora, Wojtyła era a única parte interessada que possuía acesso a todas as outras envolvidas (com exceção do Politburo). A partir de então seria uma prática de Jaruzelski entrar em contato com o papa e com a Igreja, o que fez com que Wojtyła recebesse informações do Partido na Polônia (através de Jaruzelski), da sociedade polonesa – através do clero polonês – e da diplomacia/inteligência estadunidense, através de Walters e Casey.

O mês de setembro de 1981 marcou o início das pressões soviéticas em Jaruzelski no tocante à aplicação da Lei Marcial no país. Tal evento decorreu principalmente de declarações feitas pelo Solidariedade e pelo papa no mesmo mês. No dia 06 de setembro, Wojtyła afirmou a um grupo de poloneses no Vaticano que a Polônia tinha o direito de ser independente. Apesar de o líder católico já ter afirmado o mesmo diversas outras vezes, esta foi a primeira vez em que ele falou em tom secular, sem usar analogias de qualquer tipo. Outro acontecimento que marcou o mês de setembro foi o primeiro congresso nacional do Solidariedade, que ainda se mantinha muito grande, apesar das desavenças internas. Wałęsa, seguindo a orientação do papa, pediu por moderação, além de convidar trabalhadores estrangeiros a formarem sindicatos semelhantes ao Solidariedade em outros países (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Foi devido a estas manifestações que a sessão do dia 10 de setembro do Politburo possuiu um tom agressivo no tocante ao Partido na Polônia, além de enfatizarem o mal que o Solidariedade causava ao comunismo, se referindo à carta do sindicato elaborada no congresso: “É um documento perigoso e provocativo. Contém poucas palavras, mas todas elas visam a mesma coisa. Os autores do apelo gostariam de criar confusão nos países socialistas e atizar grupos de diferentes tipos de traidores”<sup>49</sup> (POLITBURO, 1981a, tradução nossa).

Devido a estas respostas do Politburo, o Partido polonês iniciou os planos para a aplicação da Lei Marcial em 13 de setembro. No documento do partido, podemos ver que eles já sabiam para quais áreas deveriam ser enviados o maior número de tropas, além de traçarem a tática do uso da propaganda como ferramenta para legitimar a aplicação da Lei

---

<sup>49</sup> It's a dangerous and provocative document. It contains few words, but all of them are aimed at the same thing. The authors of the appeal would like to create confusion in the socialist countries and stir up groups of different types of turncoats.

Marcial, além de tentar colocar a opinião pública a seu favor (POLISH UNITED WORKERS PARTY, 1981).

No dia 14, João Paulo II se utilizou do seu direito de lançar cartas encíclicas para publicar *Laborem Exercens* (Sobre o Trabalho Humano), no qual ele discorre sobre a dignidade do trabalhador. Ele defendia, em termos absolutos, o direito dos trabalhadores de se organizarem em sindicatos, mas também falava sobre as responsabilidades dos mesmos, que não deviam supor que os interesses individuais ou de um grupo são mais relevantes que os interesses nacionais. Em outras palavras, a economia do país deveria preceder os interesses de indivíduos ou grupos (JOÃO PAULO II, 1981). O Solidariedade agora possuía um documento papal para celebrar a sua luta, o que pode ser enfatizado pelo fato de o documento passar a ser chamado, posteriormente, de “Evangelho do Trabalho” (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 459; WEIGEL, 2005: p. 419).

Apesar de novos esforços por parte Jaruzelski (que agora era o Primeiro Secretário, já que Kania abdicou do cargo em outubro de 1981), tal qual a “Frente de Reconciliação Nacional”<sup>50</sup>, que promovia um diálogo entre a Igreja (representada pelo novo primaz, Józef Glemp<sup>51</sup>), o Partido e o Solidariedade, o Politburo não concordou com tais medidas. Após ser pressionado pelo órgão soviético, Jaruzelski não via mais condições de manter o país sob controle: o Partido simplesmente não possuía mais conexões com a população, a maior parte desta não parecia mais querer fazer parte de um sistema socialista, o que fez com que o Primeiro Secretário se utilizasse dos planos de Lei Marcial. Às 6h da manhã do dia 13 de dezembro de 1981, Jaruzelski ia à televisão fazer o pronunciamento da imposição da Lei Marcial, Operação X, que já havia sido iniciada à meia-noite do mesmo dia. Este evento marcava o fim da Crise Polonesa (BARKER, 2002).

Neste momento, todos os líderes de ramos do Solidariedade foram presos – com exceção de Bujak – e a população pareceu simplesmente aceitar a imposição da Lei Marcial, não resistindo de maneira alguma (movimentos como a Solidariedade Combatente e a Alternativa Laranja surgiram apenas em 1982, assim como a retomada das operações

---

<sup>50</sup> Apesar de o Partido possuir todo o aparato burocrático do Estado, o povo polonês se sentia ligado às outras duas organizações, o que fazia com que as três dividissem o poder no país (BERNSTEIN; POLITI, 1996; TARLTON, 2012; BARKER, 2002).

<sup>51</sup> Wyszyński, que viria a ser lembrado como um dos primazes mais ativos da história da Polônia por seu papel em coordenar o clero do país durante a crise política, o cardeal e primaz faleceu em maio de 1981 devido a complicações causadas por um câncer (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

do Solidarietà). Kania, posteriormente, faria a seguinte análise desta falta de combatividade do povo polonês:

O fato de que a lei marcial na Polônia foi [estabelecida] sem causar enorme protesto ou derramamento de sangue, sem oposição ativa, deveu-se à maneira peculiar que as pessoas consentiram com a mesma. As pessoas estavam muito cansadas do dismantelamento da economia, com as greves permanentes. Não havia mercado. As prateleiras nas lojas estavam vazias. [...] Isso criou uma condição de grande temor na sociedade, mas não tanto que as pessoas começaram a apoiar as autoridades. Seria mais correto dizer que o apoio do Solidarietà estava em xeque.<sup>52</sup> (KANIA *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 491-492, tradução nossa).

Outro fator que pode ter acalmado a população no tocante a reações negativas à Lei Marcial foi a homilia de Glemp, que viria a ser transmitida na televisão pelo Partido e cujas palavras viriam a ser distribuídas em forma de panfletos, em que ele que a Lei Marcial consistia uma “[...] necessidade maior, é a escolha mal menor ao invés de um maior. Assumindo a coerência de tal raciocínio, o homem na rua vai subordinar-se à nova situação [...] Não há nada de maior valor do que a vida humana”<sup>53</sup> (GLEMP *in* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 496, tradução nossa). Tal reação de Glemp não fora uma demonstração de fraqueza do primaz, mas sim uma falha de comunicação com o Vaticano. Após a imposição da Lei Marcial, as comunicações do clero com o papa foram cortadas, o que impossibilitou que Wojtyła passasse as diretrizes corretamente. Apenas pelo rádio foi possível Glemp ouvir João Paulo II proferir as palavras: “Muito sangue polonês já foi derramado, especialmente durante a última guerra [...] Sangue polonês não deve mais ser derramado. Tudo deve ser feito para construir o futuro de nossa pátria em paz”<sup>54</sup> (JOÃO PAULO II *in* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 500, tradução nossa).

No entanto, a intenção do papa era outra. Ele havia traçado, na manhã do dia 13 de dezembro, 4 pontos que deveriam ser aplicados na política externa pontificia de então em

---

<sup>52</sup> The fact that martial law in Poland was [established] without causing enormous protest or bloodshed, without active opposition, was due to the peculiar way that people consented with martial law. People were very tired of the dismantling of the economy, with the permanent strikes. There was no market at all. Shelves in the stores were empty. [...] This created a condition of great fear in society, but not so much that the people began to support the authorities. It would be truer to say that for the moment the support for Solidarietà was checked.

<sup>53</sup> higher necessity, it is the choice of a lesser rather than a greater evil. Assuming the correctness of such reasoning, the man in the street will subordinate himself to the new situation [...] There is nothing of greater value than human life.

<sup>54</sup> Too much Polish blood has already been shed, especially during the last war [...] Polish blood must no longer be spilled. Everything must be done to build the future of our homeland in peace.

diante: 1) conseguir o máximo de informação sobre o que ocorria na Polônia; 2) desencorajar atos de provocação; 3) abrir novos canais de comunicação com o regime da Lei Marcial; e 4) sinalizar ao mundo e à Polônia que o papa e a Igreja estavam “em solidariedade com a nação polonesa”, palavras que ele viria a utilizar na manhã seguinte, na Praça de São Pedro (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 501).

“Esta solidariedade com o povo polonês serve também para reforçar certos valores e princípios inalienáveis, como os direitos do homem e os direitos da nação [...] os valores e princípios que devem criar, agora, em nossos tempos, grande solidariedade.”<sup>55</sup> (JOÃO PAULO II *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 501, tradução nossa). Com estas palavras, o papa procurava se estabelecer como um *major player* no destino de sua terra natal, além de enfatizar a importância que a Solidariedade ainda deveria ter no futuro da Polônia.

Algum tempo depois, após comunicações entre os dois líderes através de cartas por todo o ano, Wojtyła e Reagan traçaram em 07 de junho de 1982 a estratégia que viria a alterar a situação na Polônia: enquanto Reagan iria impor sanções à Polônia e iniciar uma campanha internacional para que outros países fizessem o mesmo, enquanto Wojtyła marcaria uma visita à Polônia no intuito de dar esperança ao povo de seu país e iniciar conversas com o governo comunista<sup>56</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996; TARLTON, 2012; NEIER, 2003; ASH, 1999). Logo, é possível afirmarmos que aliança entre os EUA e o Vaticano não ficou mais fraca com a imposição da Lei Marcial, mas precisou tomar para si um papel de maior destaque no processo.

O papa marcou então a visita à Polônia – aprovada pelo Partido – entre os dias 16 e 23 de junho do ano seguinte. Wojtyła ainda tinha esperanças de ir além de seu objetivo de iniciar as conversas com o governo: João Paulo II estava convicto de que, devido a seu histórico como filho de pais extremamente católicos e educação em colégios marianos, Jaruzelski era um nacionalista polonês católico antes de ser um comunista. Ou seja, o papa

---

<sup>55</sup> This solidarity with the Polish people serves also to bolster certain values and inalienable principles such as the rights of man and the rights of the nation [...] values and principles that must create, now in our times, great solidarity.

<sup>56</sup> Tal visita foi mais fácil de ser marcada do que a anterior. Isso ocorreu devido à mudança de liderança na URSS, uma vez que Yuri Andropov assumiu em 12 de novembro de 1982 e precisou demonstrar empatia ao papa. Tal necessidade nasceu de boatos da imprensa ocidental de que a tentativa de homicídio que Wojtyła havia sofrido em 13 de maio de 1981 havia sido organizada pela URSS. Andropov chegou até a ordenar os jornais soviéticos a não atacarem Wojtyła durante a visita, sendo destacado seu papel no conflito no Oriente Médio (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

considerava a possibilidade de que o governo de Jaruzelski ainda poderia mudar o panorama por completo, mas o Primeiro Secretário precisaria de apoio para tal. Esta viria a se tornar uma das maiores percepções do pontificado de Wojtyła (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Reagan, por sua vez, já havia iniciado o processo antes mesmo de entrar em acordo formalmente com Wojtyła. Em 23 de dezembro de 1981, em seu discurso para o povo norte-americano, o presidente denunciou os abusos cometidos pelo governo polonês. Ainda, ele passou a clara mensagem de que iriam haver retaliações, caso a Lei Marcial fosse mantida. Ele afirmou:

Já, em todo o mundo livre, os cidadãos têm demonstrado publicamente o seu apoio ao povo polonês. O nosso governo, e os dos nossos aliados, expressaram repulsa moral às táticas policiais dos opressores da Polônia. A Igreja também se pronunciou, apesar das ameaças e intimidações. Mas a nossa reação não pode parar por aí.

Quero afirmar enfaticamente hoje à noite que, se os ultrajes na Polônia não cessarem, não podemos e não iremos conduzir os "negócios como de costume", com os autores e aqueles que os ajudem e estimulem. Não se enganem, tal crime irá custar-lhes caro em suas futuras relações com a América e com os povos livres em todos os lugares.<sup>57</sup> (REAGAN *apud* REAGANFOUNDATION, 2012, tradução nossa).

Através de sua campanha internacional, que ainda viria a denunciar o banimento oficial do Solidariedade em 08 de outubro de 1982 (ANNOUNCEMENT..., 2014), Reagan atingiu seus objetivos: além das pesadas sanções impostas ao governo polonês (que agora não poderia mais pegar empréstimos no Ocidente, além de as negociações das dívidas anteriores terem sido desfavoráveis ao país comunista), os EUA suspenderam o status de nação mais favorecida da Polônia no âmbito do GATT, o que fez com que a economia do país sofresse ainda mais (NEIER, 2003).

Após o papa aterrissar na Polônia, em 16 de junho, um dos seus primeiros compromissos foi um encontro com Jaruzelski, precedido por discursos de ambos para uma multidão no Palácio Belweder, a residência oficial polonesa em Varsóvia. A partir

---

<sup>57</sup> Already, throughout the Free World, citizens have publicly demonstrated their support for the Polish people. Our government, and those of our allies, have expressed moral revulsion at the police state tactics of Poland's oppressors. The Church has also spoken out, in spite of threats and intimidation. But our reaction cannot stop there.

I want emphatically to state tonight that if the outrages in Poland do not cease, we cannot and will not conduct "business as usual" with the perpetrators and those who aid and abet them. Make no mistake, their crime will cost them dearly in their future dealings with America 'and free peoples everywhere.



deste discurso, o papa iniciou seu plano de encorajar os poloneses afirmando que a Polônia possuía o direito à independência, “seu devido lugar entre as nações da Europa, entre o Oriente e o Ocidente.”<sup>58</sup>, além disso, o caminho para a soberania deveria ser galgado levando em conta “acordos sociais estipuladas por representantes de autoridades estatais com os representantes dos trabalhadores”<sup>59</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 554, tradução nossa). Ao analisarmos tais palavras, podemos observar que Wojtyła está fazendo referência aos Acordos de Gdansk e ao Solidariedade, que deve agir como representante dos trabalhadores nas negociações.

As negociações *per se* foram iniciadas logo após os discursos para a população, tendo se juntado a Wojtyła e Jaruzelski o primaz Glemp e o Presidente do Conselho do Estado, Henryk Jabłoński. Jaruzelski conta que o papa não entregava um ultimato ou fazia ameaças (com uma aliança formada com os EUA, era de se esperar algo deste teor), mas sim tentava persuadir o Primeiro Secretário a findar a Lei Marcial. Além disso, Jaruzelski estranhou o posicionamento de Wojtyła no tocante à própria Igreja: em uma Polônia sem o Solidariedade, o maior representante da população civil como um todo era a Igreja Católica, o que fez com que tal instituição dispusesse de grande poder dentro deste cenário. O próprio Glemp já havia negociado a construção de mais de 200 igrejas novas, mesmo com a economia do país e sua infraestrutura se desintegrando. No entanto, o papa falava em defesa do povo polonês, não da Igreja (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Enquanto Jaruzelski pretendia que o papa isolasse os membros mais extremistas do Solidariedade – Wałęsa e os membros na ilegalidade – para que fosse possível a negociação com os EUA, Wojtyła afirmava que esperava que um estado de normalidade fosse atingido assim que possível e apenas então a Polônia seria vista com outros olhos por outros países (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Wojtyła faria discursos para um milhão de pessoas em Częstochowa e em Katowice. Na primeira cidade, o papa passou aos poloneses uma mensagem de que a luta não estava acabada, eles deveriam prosseguir lutando de forma pacífica pelos seus direitos. De frente para a Virgem Negra, João Paulo II disse: “você nos foi dada pela Providência para a defesa da nação polonesa, aceita este chamado dos jovens poloneses, juntamente

---

<sup>58</sup> her proper place among the nations of Europe, between East and West

<sup>59</sup> social agreements stipulated by representatives of state authorities with representatives of the workers”

com o papa polonês, e ajuda-nos a perseverar na esperança”<sup>60</sup> (JOÃO PAULO II *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 558, tradução nossa). Ele prosseguiu:

O homem é chamado à vitória sobre si mesmo [...] São os santos e beatos do que nos mostram o caminho para a vitória que Deus realiza na história humana [e para alcançar tal vitória, é necessário] viver na verdade [...] Isso significa amor de vizinho; isso significa solidariedade fundamental entre os seres humanos [...] fazer um esforço para ser uma pessoa com uma consciência, chamando o bem e o mal pelo nome e não os confundindo [...] desenvolvendo em mim o que é bom, e procurando corrigir o que é mau [...].<sup>61</sup> (JOÃO PAULO II *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 558, tradução nossa)

Neste momento, não só João Paulo II passou a tratar o fim do comunismo como algo que deve ser combatido<sup>62</sup>, o que causou um grande impacto no povo polonês, mas os fez recordarem do passado recente, quando o comunismo estava sendo combatido pelo Solidariedade, como testemunharam o próprio exemplo do papa: ao concluir a homilia, Wojtyła suspendeu sob a cabeça o cingulo clerical que ele estava usando no dia em que sofreu o atentado à sua vida e a ofereceu à Virgem Negra (BERNSTEIN; POLITI, 1996). João Paulo II havia combatido o comunismo, sofrido um atentado, mas mesmo assim não reagiu de maneira violenta, usando apenas palavras para combater o mal que assolava a Polônia.

Em Katowice, ele reiterou os direitos básicos dos trabalhadores: um salário justo e segurança, mas acima de tudo, o direito de formar associações livres, em outras palavras, o direito de formar sindicatos trabalhistas. Criticando o governo comunista, ele reiterou: “O Estado não nos dá este direito, ele tem apenas a obrigação de protegê-lo e guarda-lo. Este direito nos é dado pelo Criador, que fez o homem um ser social”<sup>63</sup> (JOÃO PAULO II *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 559, tradução nossa).

<sup>60</sup> you have been given us by Providence for the defense of the Polish nation, accept this call of Polish youth together with the Polish pope, and help us to persevere in hope.

<sup>61</sup> Man is called to victory over himself [...] It is the saints and the beatified who show us the path to victory that God achieves in human history [e para alcançar tal vitória, é necessário] living in truth [...] It means love of neighbor; it means fundamental solidarity between human beings [...] making an effort to be a person with a conscience, calling good and evil by name and not blurring them [...] developing in myself what is good, and seeking to correct what is evil [...].

<sup>62</sup> Ao afirmar que se deve corrigir o que é mau e ao avisar que devem chamar o mesmo pelo nome, Wojtyła estava afirmando que os poloneses deviam ter fé e combater o comunismo, não permanecerem calados.

<sup>63</sup> The state does not give us this right, it has only the obligation to protect and guard it. This right is given us by the Creator who made man as a social being.

No ultimo dia da visita do papa, foi marcado um encontro que ele mesmo requisitou desde o início da viagem com Lech Wałęsa, o líder do Solidariedade que havia sido liberto alguns meses antes da prisão domiciliar, mas não havia recebido permissão para trabalhar. Neste encontro, Wojtyła pediu ao antigo líder do sindicato que interviesse nas ações do Solidariedade (TARLTON, 2012).

Apesar de considerar tais ações de massa valiosas, Wojtyła e a Igreja como um todo procuravam alternativas para tal tipo de demonstração, já que repudiavam a violência e não queriam que o povo polonês sofresse ainda mais (algumas manifestações do sindicato terminaram em intervenções policiais). Logo, o que o papa pedia a Wałęsa era que procurasse agir com ainda mais moderação do que anteriormente e evitar demonstrações em grandes números, utilizando-se da propaganda como sua principal ferramenta. Podemos afirmar, então, que Wojtyła era influente na tomada de decisão do Solidariedade, uma vez que seu líder alterou o *modus operandi* da organização devido ao conselho do papa. Além disso, um líder de oposição que busca uma mudança drástica no regime em que vive aguardar pacientemente e não tomar atitudes drásticas, na visão de Tarlton (2012), não é algo comum.

Por fim, o segundo encontro entre Wojtyła e Jaruzelski iria confirmar algumas suspeitas que o papa havia tido no primeiro encontro entre os dois líderes. Em seu primeiro encontro com o general, o papa não viu um homem extremamente comunista. Como ele suspeitava, a educação tipicamente polonesa fez com que Jaruzelski se tornasse um polonês nacionalista e católico. Logo, ao aplicar a Lei Marcial, o papa refletiu durante aquela semana, Jaruzelski estava de fato tomando a decisão menos agravante para o país, passando a carregar praticamente sozinho a pesada cruz que tal momento se tornou na história do país e o segundo encontro apenas confirmou tais suspeitas, já que o general não recusava as propostas de Wojtyła baseadas nos direitos humanos (principalmente, o fato de o socialismo não ter uma “face humana”). Logo, ao deixar seu país, Wojtyła estava convicto de que, caso os líderes soviéticos dessem a oportunidade, Jaruzelski iria recorrer ao que era melhor para seu país (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Devido às pressões externas causadas pelo papa e por Reagan, além das internas, em menos de um mês após a visita do papa, Jaruzelski iria negociar com a Igreja, em uma comissão composta por membros da instituição e do governo, maneiras de aliviar as medidas draconianas impostas pela Lei Marcial que ainda restavam. Em 22 de julho de 1983, a Lei Marcial estaria oficialmente encerrada e vários prisioneiros políticos membros

do Solidariedade seriam libertados, graças, em grande parte, à aliança entre Reagan e Wojtyła (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Em 1985, um evento marcou todo o processo aqui analisado. Com a morte do sucessor de Andropov, Chernenko, um comunista diferente viria a ocupar o posto de Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética. Mikhail Gorbachev viria a se tornar um fator chave na mudança de regime político no país, ao lado de Reagan, Jaruzelski, Wałęsa e Wojtyła.

Pouco antes de Gorbachev assumir o poder, o ministro do exterior soviético, Andrei Gromyko, visitou o Vaticano em 27 de fevereiro de 1985. Esta foi a primeira vez que Wojtyła viu uma “face humana” no socialismo, já que o diplomata sugeriu ao papa que se iniciassem as negociações entre representantes da Santa Sé e da URSS sobre assuntos como os direitos dos católicos na URSS. Tal suspeita foi confirmada em maio, quando o clero polonês passou a enviar relatórios sobre o novo Secretário da URSS. Quando o próprio Gorbachev foi à Polônia para um encontro do Comitê Consultivo do Pacto de Varsóvia, ele e Jaruzelski conversaram sobre a Igreja Católica e a Polônia. Pela primeira vez um líder soviético demonstrava interesse nesta importante ligação, o que fez com que o general polonês se espantasse. Ele ainda não sabia, mas todo esse interesse advinha da estratégia de reestruturação do novo líder soviético que viria a ser chamada de *perestroika* (BERNSTEIN; POLITI, 1996; WEIGEL, 2005; CORNWELL, 2007).

A *perestroika* consistiu em uma série de reformas nos âmbitos político e econômico por parte da União Soviética. Impulsionado pela estagnação econômica que a URSS vivia, Gorbachev planejou uma alteração no plano econômico para que a economia pudesse crescer mais uma vez. Com o tempo, os planos político e social foram afetados devido à desconfiança que a população tinha para com o governo (BERNSTEIN; POLITI, 1996). Sobre Gorbachev e a *perestroika*, Wojtyła afirmou<sup>64</sup>:

Bem, ele é um bom homem, mas ele irá fracassar [...] porque ele quer fazer algo que é impossível. O comunismo não pode ser reformado [...] Perestroika é uma avalanche que nós desencadeamos e que vai continuar rolando [...] Perestroika é

---

<sup>64</sup> Esta corresponde à opinião do próprio Wojtyła. Apesar de concordarmos que o Solidariedade pode ter sido um fator que influenciou o início da *perestroika*, discordamos da afirmação de que ela seja uma “continuação do Solidariedade”, já que diversos outros fatores não analisados neste trabalho foram importantes no desencadeamento desta reforma política.

uma continuação do Solidariedade. Sem o Solidariedade não haveria Perestroika.<sup>65</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 664-665, tradução nossa).

Animado pela nova liberdade da qual gozava, Jaruzelski traçava planos para se aproveitar deste novo momento na política soviética. Tal empolgação advinha do fato de a campanha ocidental estar cada vez mais pressionando a economia polonesa: a economia do país vinha sendo prejudicada pelas sanções e embargos liderados pelos EUA, além de tal país ter vetado a participação da Polônia no Fundo Monetário Internacional. A pressão sobre o general era enorme de ambos os lados, mas com as políticas de reestruturação de Gorbachev, além de um diálogo mais frequente com o líder soviético, Jaruzelski se sentia disposto a liberalizar as condições no país e melhorar as relações com o ocidente (CORNWELL, 2007; WEIGEL, 2005; CURTIS, 1992).

Foi por este motivo que, em 11 de setembro de 1986, o regime anunciou a libertação de 225 prisioneiros que haviam sido considerados perigosos pelo Estado, concedendo, assim uma anistia geral aos membros do Solidariedade que ainda estavam presos. Era o fim definitivo da era da Lei Marcial na Polônia (ASH, 1999).

Em 13 de janeiro de 1987, ocorreu um encontro histórico no escritório do papa no Vaticano: Jaruzelski visitava João Paulo II, promovendo o primeiro encontro entre os dois desde a 2ª visita de Wojtyła à Polônia. Neste encontro, o general contou ao papa o que ele sabia sobre Gorbachev e suas novas políticas, além da margem de manobra política que as mesmas possibilitavam. Jaruzelski enfatizou ao papa que o auxílio do mesmo no tocante ao apoio da Igreja era fundamental, pois sem tal instituição seria impossível o apoio da sociedade civil, ou seja, o general praticamente assumia que o comunismo estava derrotado (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Visando comemorar o sucesso do Solidariedade, o papa retornou à Polônia em 08 de junho de 1987. Uma das homilias mais simbólicas de todo o pontificado de João Paulo II ocorreu no dia 12 deste mês, quando Wojtyła celebrou uma missa para 750 mil trabalhadores e suas famílias na cidade de Gdansk, onde o movimento do Solidariedade teve início (BERNSTEIN; POLITI, 1996). Ele declarou:

---

<sup>65</sup> Well, he's a good man, but he'll fail [...] because he wants to do something that's impossible. Communism can't be reformed [...] Perestroika is an avalanche that we have unleashed and it's going to roll on [...] Perestroika is a continuation of Solidarity. Without Solidarity there would be no Perestroika.

Eu rezo por vocês todos os dias em Roma, eu rezo pela pátria mãe e por seus trabalhadores. Eu rezo pela herança especial do Solidarnosc polonês [...] Eu estou feliz de estar aqui, porque vocês me fizeram capitão [...] Não há luta mais efetiva do que o Solidarnosc [...] Eu estou muito feliz. Agora, até mesmo um tolo pode entender que encontrar uma passagem neste labirinto [...] requer Solidarnosc. Este é o único caminho.<sup>66</sup> (JOÃO PAULO II *apud* BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 684-685, tradução nossa).

Após a terceira visita de Wojtyła, os sinais do enfraquecimento do regime estavam claros não apenas para os intelectuais e para o Solidarnosc, que retornaria à legalidade ainda em 1987 (apesar de só ter sido reconhecido pelo governo após as negociações da Mesa Redonda), mas também para todo o país, já que os discursos de Wojtyła e as campanhas do sindicato se tornavam cada vez mais amplas (ASH, 1999).

A situação se complicava cada vez mais e a situação foi fugindo do controle de qualquer uma das partes envolvidas. Wałęsa chegou a alertar aos governantes que os trabalhadores iriam tomar medidas por si só, o que veio a ocorrer entre abril e maio de 1988, quando uma série de greves se iniciaram, mas sem ligação alguma a um órgão central, como eram as organizadas pelo Solidarnosc. Tais greves eram movidas apenas pelo ressentimento das populações mais jovens que cresceram vendo o Solidarnosc atuar. Além disso, as condições de vida da população se deterioravam cada vez mais com os aumentos dos preços e congelamento dos salários<sup>67</sup>. Para sair de tal situação, o governo recorreu ao próprio Wałęsa, que não conseguiu acalmar o ímpeto dos grevistas. Como último recurso, Jaruzelski prometeu aos grevistas que iniciaria conversas diretas com a oposição, que seria liderada pelo Solidarnosc<sup>68</sup> (ASH, 1999; BERNSTEIN; POLITI, 1996; OSIATYNSKI, 1996).

Mais uma vez podemos observar a influência de Wojtyła de forma indireta neste momento. Muitos dos antigos líderes do Solidarnosc, inclusive Anna Walentynowicz, a operadora de guindaste que iniciou o movimento em Gdansk com Wałęsa, não faziam mais parte do sindicato. No entanto, devido ao apoio do papa ao movimento do Solidarność, a

---

<sup>66</sup> I pray for you every day in Rome, I pray for my motherland and for you workers. I pray for the special heritage of Polish Solidarity [...] I'm glad to be here, because you have made me captain [...] There is no struggle more effective than Solidarity! [...] I'm very happy. Now even a fool can understand that finding a passage in this labyrinth [...] requires Solidarity. This is the only road.

<sup>67</sup> A inflação atingia quase 100% anualmente e os salários reais eram de 15% a 20% mais baixos do que em 1980 (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

<sup>68</sup> Osiatynski (1996) ainda destaca que o Partido temia um boicote da população às eleições de 1989, que exigiam uma participação de, ao menos, 50% da população. Vale salientarmos que tais eleições não eram livres e apenas candidatos da coalizão do governo participavam das mesmas.

popularidade de Wałęsa e do próprio sindicato superava a dos demais movimentos, o que possibilitou sua preponderância durante as negociações e nas eleições posteriores (WENZEL, 1998; OSIATYNSKI, 1996; BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Esta proposta de Jaruzelski foi baseada em um erro de percepção de sua parte. O general acreditava que, devido à instabilidade interna criada pelos anos de separação dos membros do Solidarnosc<sup>69</sup>, permitiria a ele a implementação de políticas reformistas em seu próprio ritmo e sem uma oposição organizada. No entanto, os membros do Solidarnosc, que apenas em 18 de janeiro de 1989 voltou a ser reconhecido como um sindicato, conseguiu formar uma bancada de oposição bem estruturada (ASH, 1999; OSIATYNSKI, 1996).

Tais negociações, iniciadas em 6 de fevereiro, envolveram três assuntos principais e foram divididas no mesmo número de grupos: 1) sobre o pluralismo sindical, no qual o objetivo era a legalização do Solidarnosc de maneira plena (36 negociadores – 14 do Solidarnosc e 22 do governo); 2) sobre reformas políticas, no qual deveriam ser estabelecidas as condições sob as quais o Solidarnosc poderia participar das eleições (40 negociadores – 18 do Solidarnosc e 22 do governo); e 3) sobre reformas sistêmicas nas políticas econômicas e sociais, que discutiria a elaboração de um “pacto anticrise” proposto pelo Solidarnosc (46 negociadores – 24 do Solidarnosc e 22 do governo)<sup>70</sup> (OSIATYNSKI, 1996: p. 31).

No fim, a oposição conseguiu o resultado que desejava: em 04 de junho de 1989 seriam organizadas as eleições no país, nas quais 35% dos assentos da Sejm estariam sendo disputados, além de todos da nova câmara do parlamento, o senado. A eleição para o cargo de presidente ocorreria no ano de 1990, quando Wałęsa seria eleito, e Jaruzelski permaneceria no cargo até lá (ASH, 1999). O regime político polonês, enfim, havia sido alterado.

---

<sup>69</sup> Além de desavenças pessoais entre os membros, discordâncias sobre a política econômica que o grupo deveria apoiar também surgiram. Por exemplo, enquanto alguns advogavam por reformas de mercado, outro grupo apontava que uma economia de mercado traria dificuldades inevitáveis (ASH, 1999).

<sup>70</sup> Vale ainda salientarmos que Wałęsa planejava discutir sete assuntos dentro destes grupos: 1) pluralismo sindical; 2) questões econômicas; 3) pluralismo social; 4) reforma política; 5) direito e o sistema jurídico; 6) agricultura e sindicatos de agricultores; e 7) questões sobre os mineradores (WAŁĘSA, 2014).

### **3.2 Condições que possibilitaram a coordenação entre os EUA e a Santa Sé**

As relações diplomáticas entre o governo dos Estados Unidos da América e a Santa Sé foram dificultadas pelo fato de o país americano possuir uma grande maioria de cristãos protestantes, o que fazia com que a pressão popular sob os líderes do país seguisse a direção de afastamento da imagem da Igreja Católica na Terra<sup>71</sup> (CARLETTI, 2012; MELADY; STEBBINS, 2012).

Desta forma, cabe a nós nos perguntarmos como foi possível o estabelecimento de relações em nível de embaixada entre a Santa Sé e os EUA durante o governo de Reagan. Em 1984, Ronald Reagan anunciou oficialmente o reestabelecimento das relações diplomáticas entre os EUA e o Vaticano, mais de cem anos após a interrupção causada por Andrew Johnson (MELADY; STEBBINS, 2012).

Ao observarmos as relações entre os EUA e o Vaticano, é possível notarmos que houve certa resistência por parte dos presidentes norte-americanos de estabelecerem relações diplomáticas com a Santa Sé, devido em grande parte à pressão de grupos cristãos protestantes do país. No entanto, a partir do governo Reagan, esse receio foi deixado de lado, possibilitando a cooperação entre os EUA e o Vaticano (CARLETTI, 2012).

Para entendermos como tal mudança foi possível, devemos analisar o contexto no qual o mundo se encontrava naquele momento, a política externa empregada por Reagan durante o seu governo, além da então recente mudança na liderança do Vaticano.

O mundo vivia o período da Guerra Fria, momento no qual havia uma clara bipolaridade no planeta e as duas superpotências disputavam a predominância no globo através da exportação dos valores capitalistas e comunistas pelo mundo. Desta forma, Reagan, ao assumir a presidência em 1981, implementou a chamada Doutrina Reagan, uma estratégia de política externa utilizada pelo presidente que a batiza (SCOTT, 1996). Esta consistia no combate mais ferrenho à influência comunista pelo globo, algo que foi feito através do financiamento de movimentos de resistência que lutavam pelo fim do regime comunista em seus países, como era o caso do sindicato polonês Solidariedade.

---

<sup>71</sup> Desde o seu princípio, os EUA foram uma nação formada por cristãos protestantes, o que fazia com que a imagem da Santa Sé fosse prejudicada. Ainda, com o passar do tempo, tal aversão ao pontificado iria crescer devido a circunstâncias internas, como a imigração de milhares de irlandeses ao país, o que afastaria ainda mais a opinião popular do papa (MELADY; STEBBINS, 2012).



Ao mesmo tempo, o então Papa João Paulo II, já havia expressado seu descontentamento para com o regime comunista, já que o mesmo possuía uma forte aversão a valores religiosos (BERNSTEIN; POLITI, 1996). De acordo com Bernstein e Politi (idem), a primeira visita de João Paulo II à Polônia, em 1979 foi o momento em que Reagan percebeu que o novo papa poderia ser um forte aliado na luta contra o comunismo.

Nesta visita, mesmo que de maneira indireta (como foi possível observarmos na citação exposta anteriormente), João Paulo II quebrara a *Ostpolitik* construída pelos papados de seus três antecessores. Desde Pio XII um papa não se pronunciava tão abertamente contra o regime comunista, visando não deteriorar as relações entre o Vaticano e a URSS. Tais palavras encorajaram os líderes do sindicato Solidariedade a se reunirem, iniciarem sua luta contra o comunismo e, por fim, com o apoio da Igreja Católica e dos EUA, conseguiram findar o comunismo na Polônia (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Em entrevista para o livro “*His Holiness: John Paul II and the hidden history of our time*”, Zbigniew Bujak, um dos líderes do sindicato na época, afirmou que, desde a primeira visita de João Paulo II à Polônia, eles viram no Papa um aliado em sua causa (ibidem). João Paulo II, de acordo com Carletti (2012), procurava dar à Igreja Católica o reconhecimento internacional de potência alternativa dentro do cenário bipolar da Guerra Fria, utilizando apenas seu carisma como “arma” para esta conquista e acabou vendo nos EUA um aliado nesta empreitada.

Atento a estas manifestações, Reagan, traçava os planos para a Doutrina Reagan e incluía a retomada das relações com o Vaticano nos mesmos. O presidente teve apoio ainda de outro influente líder na tomada de decisão norte-americana, o então chefe da CIA William Casey, que, como João Paulo II, também acreditava no potencial do Vaticano para se tornar a terceira superpotência da Guerra Fria<sup>72</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 23). De acordo com Bernstein e Politi (1996), Casey se tornou o principal ponto de comunicação entre Reagan e João Paulo II. Segundo os mesmos autores, Casey era

---

<sup>72</sup> Casey acreditava que o *soft power* do Vaticano poderia vir a fazer frente ao *hard power* soviético em muitos dos países do Leste Europeu, onde havia um grande número de católicos. Logo, o termo “superpotência” não corresponde ao termo utilizado regularmente, mas sim como um ator que pode fazer frente à URSS no âmbito do *soft power*.

católico e se tornou amigo pessoal do Papa, se engajando em orações e em trocas de pedidos de bênçãos entre os dois<sup>73</sup>.

No entanto, devemos nos perguntar como Reagan conseguiu aprofundar as relações com o Vaticano sem ter se tornado impopular e sendo reeleito. Tal feito foi possível graças, primeiramente, à imensa popularidade de Reagan em 1984. Durante a eleição deste ano, Reagan atingiu o total de 525 votos do colegiado eleitoral contra apenas 13 de seu adversário (o democrata Walter Mondale). Logo, nota-se que Reagan possuía uma grande margem de manobra política naquele momento, já que o reestabelecimento das relações ocorreu no início do ano (janeiro), enquanto a eleição ocorreu no fim (novembro) e a candidatura de Reagan não foi afetada por esta manobra, mesmo seus antecessores tendo recuado perante a pressão popular de outros tempos.

Também, se observarmos dados não oficiais (ou seja, não provenientes do *US Census*) de pesquisa no tocante à afiliação religiosa da população estadunidense, disponível na tabela 3 do anexo, podemos perceber uma tendência de crescimento na proporção entre católicos e protestantes nos EUA durante a década de 1980. É possível observarmos que no ano de 1984 a porcentagem de católicos é uma das mais altas da história dos EUA: 28%. Desta forma, a maior aceitação à aproximação do Vaticano por parte da população estadunidense, podemos argumentar, nasceu, principalmente, do crescimento no número de católicos nos EUA e da grande popularidade política de Reagan.

Podemos ainda observar que Reagan e João Paulo II, ao contrário de Pio XII e Roosevelt, possuíam a mesma percepção de política externa: a URSS representava a ameaça maior para ambos os Estados<sup>74</sup>. Desta forma, podemos afirmar que na retomada nas relações entre os dois Estados, agora com enviados em nível de embaixador e núncio apostólico (MELADY; STEBBINS, 2012), essa semelhança na percepção da ameaça entre os atores foi de fundamental importância. João Paulo II seguiu a política de Pio XII em ver nos EUA o maior antagonista ao comunismo no planeta, apesar de esta percepção já se fazer clara há décadas durante o início de seu papado devido à Guerra Fria (CARLETTI, 2012).

---

<sup>73</sup> Vernon Walters, o general do exército estadunidense que foi membro do gabinete de Reagan, também desenvolveu laços de amizade com o papa. Ele contou a Bernstein e Politi (1996) que levava vários terços para serem abençoados pelo papa e os dava de presente a amigos americanos.

<sup>74</sup> Ainda que BERNSTEIN; POLITI (1996) e Carletti (2012) argumentem que a ameaça observada pelo papa era o comunismo, a personificação de tal fenômeno era o Estado soviético, o que torna a percepção dos dois indivíduos a mesma.

É possível, por fim, argumentarmos que o tom securitizado com que Wojtyła trata o assunto das relações entre os católicos e o regime comunista leva a crer que o mesmo tenha formado com Reagan uma aliança aos moldes do exposto por Walt (1987). Para o autor, uma aliança consiste em um arranjo formal ou informal visando à cooperação na área de segurança por parte de dois ou mais Estados soberanos (*ibidem*: p. 12).

Walt afirma que alianças podem ser formadas devido a fatores intrínsecos aos membros da mesma, sendo os motivos para as suas formações diferentes em cada caso analisado, o que possibilita a inclusão da liberdade religiosa como um fator chave para a formação de uma aliança por parte da Santa Sé. Já para os EUA, a liberdade religiosa consistiria um fator secundário, sendo a predominância norte-americana no cenário internacional como superpotência solitária e a derrota do comunismo os fatores mais relevantes. Desta forma, é possível observarmos como os interesses dos dois Estados convergiram em um ponto: o fim do comunismo como um regime político.

Vale ainda salientarmos que a cooperação entre os EUA e a Santa Sé não se limitou ao caso na Polônia. Em reuniões com os líderes estadunidenses (William Casey e Vernon Walters se revezavam nas viagens ao Vaticano), eram discutidas ainda questões ligadas a outros problemas internacionais causados pelo socialismo, como as correntes da teologia da libertação nas Américas do Sul e Central. Logo, podemos observar que o debate no campo ideológico transbordava também para a luta contra o socialismo como um todo, fator central na doutrina de segurança dos EUA durante a Guerra Fria.

## 4 A ATUAÇÃO DE JOÃO PAULO II NA TRANSIÇÃO POLÍTICA POLONESA

Este capítulo procurará abordar a atuação de Wojtyła dentro do processo de mudança de regime na Polônia e os fatores que possibilitaram sua intervenção. A primeira seção focará no processo de tomada de decisão da Santa Sé. Tal análise se faz necessária devido ao histórico das relações entre o órgão de representação internacional da Cidade Estado do Vaticano e os governos dos países a leste da Cortina de Ferro. Como descrito acima durante muito tempo a Santa Sé praticou a chamada *Ostpolitik* no tocante às suas relações com os países do bloco comunista, mas tal comportamento foi alterado a partir do momento em que Wojtyła subiu ao poder, o que torna necessário compreendermos o porquê de tal mudança ter sido possível.

A segunda seção tratará sobre a ligação entre a religião e o comunismo em dois países: a Polônia e a União Soviética. Além de ser o objeto desta pesquisa, o primeiro país representa um regime comunista no qual a religião não pôde ser contida pelo Estado. Apesar das tentativas, não foi possível desligar a identidade do povo polonês da religião católica, o que fez com que o comunismo acabasse tendo que desenvolver um *modus vivendi* com a religião. No extremo oposto no tocante à liberdade religiosa se encontrava a União Soviética, o que faz do país um bom exemplo para comparação. Os soviéticos não se identificavam com qualquer religião num nível tão profundo quanto os poloneses, o que tornou fácil para o Estado restringir a ação das entidades religiosas. Nesta seção, procuraremos compreender o porquê de tamanha distinção entre os dois países.

Por fim, a terceira seção procurará enfatizar as ações de Wojtyła de forma direta. Como o papa agiu e o que possibilitou tal intervenção? Qual o motivo de tal liderança ter sido tão importante para o povo polonês no momento estudado nesta pesquisa? O que o motivou a agir da maneira que agiu? É com a intenção de responder a estas e outras perguntas que devemos analisar mais profundamente o papel do Papa João Paulo II, o que será realizado na última seção deste capítulo.

#### 4.1 Processo de tomada de decisão da Santa Sé: *momentum Papam*

Devido à análise da atuação de Karol Wojtyła presente neste trabalho, se faz necessária uma análise do processo de tomada de decisão do Estado da Cidade do Vaticano. Antes de adentrarmos a discussão é necessário lembrarmos que, apesar de o Vaticano representar um dos Estados analisados neste trabalho, como foi citado anteriormente, a Santa Sé é o órgão que de fato representa os interesses da corrente católica romana do cristianismo no âmbito internacional, seja através de relações bilaterais ou multilaterais<sup>75</sup> (CARLETTI, 2012).

O Supremo Pontífice da Igreja Católica possui bastante poder dentro do Estado da Cidade do Vaticano. De acordo com os três primeiros artigos da nova lei fundamental da Cidade do Vaticano:

##### Art. 1

1. O Sumo Pontífice, Soberano do Estado da Cidade do Vaticano, tem a plenitude dos poderes legislativo, executivo e judicial.
2. Durante o período de Sede vacante, os mesmos poderes pertencem ao Colégio dos Cardeais, o qual todavia poderá emanar disposições legislativas só em caso de urgência e com eficácia limitada ao período de vacância, a não ser que elas sejam confirmadas pelo Sumo Pontífice sucessivamente eleito segundo a norma da lei canônica.

##### Art. 2

A representação do Estado nas relações com os Estados estrangeiros e com os outros sujeitos de direito internacional, para as relações diplomáticas e a conclusão dos tratados, é reservada ao Sumo Pontífice, que a exerce por meio da Secretaria de Estado.

##### Art. 3

1. O poder legislativo, excepto os casos em que o Sumo Pontífice o deseje reservar para si ou para outras instâncias, é exercido por uma Comissão composta por um Cardeal Presidente e por outros Cardeais, todos nomeados pelo Sumo Pontífice por um quinquênio.
2. Em caso de ausência ou de impedimento do Presidente, a Comissão é presidida pelo primeiro dos Cardeais Membros.
3. As assembleias da Comissão são convocadas e presididas pelo Presidente e nela participam, com voto consultivo, o Secretário-Geral e o Vice-Secretário-Geral (Estado da Cidade do Vaticano, 2013b).

Ao analisarmos a legislação acima, é possível percebermos que o Estado da Cidade do Vaticano corresponde a uma monarquia absolutista eletiva, onde o Papa possui o controle total dos três poderes<sup>76</sup> (CARLETTI, 2012). Ainda, é possível observarmos que

<sup>75</sup> Como é possível observar na Tabela 1 do anexo, o órgão que é membro das organizações internacionais é a Santa Sé, não o Estado da Cidade do Vaticano em si.

<sup>76</sup> As autoridades do Vaticano consideram que o regime representa uma “paternidade universal” e não uma monarquia absolutista (CARLETTI, 2012: 39).

tal poder se estende para o cenário internacional, já que o Artigo 2 afirma claramente que o Papa representa o Estado da Cidade do Vaticano no âmbito internacional, o que ainda se estende para o planejamento da política externa que será implantada<sup>77</sup> (CARLETTI, 2012).

Para que possa exercer suas diversas funções oriundas de seus muitos títulos (entre eles: Bispo de Roma, Chefe do Estado da Cidade do Vaticano e sucessor do apóstolo Pedro), o Papa se utiliza da ajuda da Cúria Romana. Tal órgão é composto pela Secretaria de Estado, as Congregações, os Tribunais, os Conselhos Pontifícios, os Guardas Suíços, as Comissões Pontifícias, as Academias Pontifícias e os Comitês Pontifícios (CARLETTI, 2012).

Porém, todos os órgãos da Cúria estão sujeitos ao controle do Pontífice, já que é o mesmo que distribui os cargos destas instituições. Além disso, todas elas servem ao intuito de aconselhar o Papa – como, por exemplo, os Conselhos Pontifícios – ou seguem as determinações previamente estabelecidas pelo Sumo Pontífice (tal qual a Secretaria de Estado) (CARLETTI, 2012).

Logo, fica evidente que a organização tanto do Estado da Cidade do Vaticano quanto da Santa Sé foram elaboradas tendo como base o princípio da primazia do Bispo de Roma, o qual possui interpretações diferenciadas de acordo com cada corrente de pensamento cristã. A interpretação da Igreja Romana Católica será apresentada a seguir, tendo como fonte os incisos 880 a 887 do parágrafo 4º do artigo 9º do *Catechism of the Catholic Church* (ESTADO DA CIDADE DO VATICANO, 2013a).

O princípio da primazia do Bispo de Roma, de acordo com a Igreja Romana Católica, parte da premissa de que Jesus Cristo selecionou seus doze apóstolos no formato de um colegiado/assembleia permanente e, dentro deste grupo, escolheu Pedro como chefe. Desta forma, visando manter a Igreja na mesma estrutura estabelecida por Cristo, a Igreja Católica procura manter um colegiado – a Cúria – encabeçado por um chefe, o sucessor de Pedro, o Papa (ESTADO DA CIDADE DO VATICANO, 2013a).

Ainda, o inciso 882 garante ao Papa o poder de governar de forma irrestrita, já que estabelece:

O Papa, Bispo de Roma e sucessor de Pedro, “é a fonte perpétua e visível e a fundação da união dos bispos e de toda a companhia dos fieis.” “O Pontífice Romano, em razão de seu cargo como Vigário de Cristo, e como pastor de toda a

<sup>77</sup> De fato, o Pontífice possui tanto poder que Carletti considera que as ações internacionais da Santa Sé são realizadas pelo “papa e seu *entourage*” (2012: 40).

Igreja tem poder pleno, supremo e universal sobre toda a Igreja, um poder que pode sempre exercer sem quaisquer obstáculos.”<sup>78</sup> (ESTADO DA CIDADE DO VATICANO, 2013a, tradução nossa).

O *Catechism of the Catholic Church* garante também poderes semelhantes aos do Papa ao colegiado estabelecido pelo mesmo, mas apenas quando encabeçado pela figura do Pontífice. Tal requisito é necessário, pois o Sucessor de Pedro é considerado como o pastor do rebanho universal que seriam os cristãos católicos, o que faz com que os membros do colegiado necessitem de sua orientação na tomada de decisão, seja ela para assuntos da ordem religiosa ou política do âmbito interno ou externo (ESTADO DA CIDADE DO VATICANO, 2013a).

Podemos ainda notar que das sete variáveis<sup>7980</sup> elencadas por Hudson (2007) e expostas no capítulo 2 deste trabalho, cinco podem ser aplicadas à Cidade Estado do Vaticano no período analisado, o que faz com que a análise ao nível do indivíduo se adeque ao caso. O regime – que constitui a primeira variável da autora – da cidade Estado concentra praticamente todo o poder de tomada de decisão nos âmbitos interno e externo nas mãos do Pontífice, o que faz com que a figura do Papa seja extremamente importante neste cenário.

A segunda variável, o nível de interesse do líder em assuntos de política externa, também favorece ao estudo do caso sob o viés da análise do indivíduo. Tendo vivido praticamente sua vida inteira no regime comunista polonês, é natural que ele tenha interesse ao menos neste tema de política externa, já que ao ascender ao poder ficou clara a possibilidade de Wojtyła influenciar na mudança do regime polonês.

A quarta variável, que envolve situações ambíguas onde não há informações e os analistas não conseguem interpretar a situação, também pode ser considerada como favorável neste caso, já que a postura da Santa Sé no tocante ao relacionamento com os países do Leste Europeu era considerada pelo novo Pontífice como inadequada, o que fez

---

<sup>78</sup> The Pope, Bishop of Rome and Peter's successor, "is the perpetual and visible source and foundation of the unity both of the bishops and of the whole company of the faithful." "For the Roman Pontiff, by reason of his office as Vicar of Christ, and as pastor of the entire Church has full, supreme, and universal power over the whole Church, a power which he can always exercise unhindered."

<sup>79</sup> Como destacamos anteriormente, a oitava variável de Hudson (2007) é aplicada para pequenos grupos de tomada de decisão, fazendo com que a mesma saia do escopo desta pesquisa.

<sup>80</sup> Vale afirmarmos aqui que as variáveis que não se encaixam no caso estudado (a 3, a5 e a 8) serão omitidas na análise vindoura.

com que os analistas da época ficassem desorientados, já que tal política externa já vinha sendo aplicada há décadas e os mesmos estavam habituados a ela<sup>81</sup>.

Conhecimento acerca da região do mundo a ser trabalhada na política externa de um Estado consiste na sexta variável de Hudson, o que faz com que o foco na análise deva ser direcionado à pessoa do Papa João Paulo II, já que a maioria dos funcionários da Santa Sé – inclusive o cardeal secretário de Estado, Agostino Casaroli – era composto por italianos que não conheciam a realidade das igrejas do outro lado da Cortina de Ferro. Desta forma, João Paulo II era o indivíduo mais bem qualificado para tomar decisões acerca do tema.

De acordo com Bernstein e Politi (1996), Wojtyła era um Papa extremamente centralizador. Um dos órgãos da Cúria é o Sínodo dos Bispos, uma espécie de conselho de bispos – muitos deles cardeais – de caráter estritamente consultivo que se reúne a cada três anos para discutir um ou dois assuntos previamente indicados pelo papa. O cardeal Secretário de Estado da época, Jean Villot<sup>82</sup>, perguntou ao então recentemente eleito Wojtyła se ele tinha a intenção de dar representação permanente ao Sínodo. A resposta de João Paulo II foi clara: “Não, isto seria um sínodo no estilo das Igrejas Orientais<sup>83</sup> [...] O papa permanecerá o supremo e único legislador, com o conselho ecumênico”<sup>84</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996: p. 283, tradução nossa). Logo, a sétima variável expressa por Hudson também nos leva a crer que a análise ao nível do indivíduo neste caso é válida.

Desta forma, é possível analisarmos que o papel do Sumo Pontífice dentro do Estado da Cidade do Vaticano e da Santa Sé transcende o simples plano espiritual e religioso: o Papa possui poderes absolutistas, no tocante à tomada de decisão política tanto no plano interno quanto no plano internacional, o que faz com que a estrutura de ambos os órgãos seja extremamente hierarquizada, além de dar ao Papa plenos poderes no âmbito que será analisado neste trabalho, o internacional, o que reforça a teoria da importância da análise do indivíduo neste caso. Segundo Bernstein e Politi (1996: p. 630, tradução nossa),

---

<sup>81</sup> Um exemplo disto é a atitude de incerteza dos dois secretários de Estado do período quanto à quebra da *Ostpolitik* (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

<sup>82</sup> Ocupou pouca parte do período estudado neste trabalho, já que Wojtyła ascendeu ao posto de papa no dia 16 de outubro de 1978 e Villot deixou o cargo em 9 de março de 1979, quando veio a falecer.

<sup>83</sup> Fazendo referência à Igreja Ortodoxa, onde o sínodo representa uma espécie de parlamento, passando leis e tomando decisões (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

<sup>84</sup> No, that would be a synod in the style of the Eastern Churches [...] The pope will remain supreme and sole legislator, with the ecumenical council.



para Wojtyła “ser um papa significava exigir obediência – e vetar qualquer tentativa de limitar o poder supremo conferido a ele pela tradição Romana Católica”<sup>85</sup>.

## 4.2 A relação religião *versus* comunismo

Um dos obstáculos ao desenvolvimento do comunismo pleno na Polônia girou em torno do forte catolicismo apresentado pelo povo polonês como um todo. Tal ligação deve ser respeitada devido ao fato de a formação deste Estado estar diretamente ligada a imagens religiosas da corrente católica do cristianismo, como a Nossa Senhora de Czestochowa, reverenciada como a rainha da Polônia devido aos milagres atribuídos a ela durante cercos estrangeiros em território polonês<sup>86</sup> (JAKUBOWSKA, 1990).

Os soviéticos acreditavam, por sua vez, no firme controle da igreja por parte do Estado, uma experiência frutífera em seu território que eles procuravam repetir nos demais países da sua zona de influência, afirmando que a religião poderia prejudicar o desenvolvimento pleno do comunismo (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Tendo em vista o fator determinante que a Igreja Católica e seu líder desempenharam dentro do processo de mudança de regime no país, é válida a análise das diferenças nas relações Estado-Igreja na Polônia e na União Soviética. O que fez com que o papa se tornasse uma ameaça tão séria na Polônia (além do fato óbvio de ser polonês), enquanto nos demais países a influência causada pela Igreja parecia não apenas estar controlada, mas também era utilizada como ferramenta pelo próprio Estado comunista? Para responder a tal pergunta, devemos observar algumas partes da história da Polônia a fim de entendermos o porquê de a Igreja representar uma instituição tão forte no país.

Introduzida no ano de 966, a adoção do cristianismo por parte do rei Miecislau I – Mieszko, originalmente – é considerada um momento crucial na história polonesa, já que a primeira entidade internacional a reconhecer a soberania de Miecislau I sobre o território do que viria a ser a Polônia foi a Santa Sé, no documento datando de 991 *Dagome Iudex*<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> being pope meant demanding obedience – and vetoing any attempt to limit the supreme power given to him by Roman Catholic tradition.

<sup>86</sup> Tal ligação será melhor explicada mais adiante.

<sup>87</sup> É importante notarmos que “*Dagome*” é o nome pelo qual Miecislau I é chamado no documento, uma combinação de seus nomes de batismo – Dagoberto – e de nascença (Mieszko, abreviado como “Me”). Já o termo “*Iudex*” consiste em um título de origem italiana (ŁUKASIEWICZ, 2009).

Encontrado pelo Cardeal da Cúria Romana Deusdedit aproximadamente em 1080, neste documento o então papa, João XV, faz referência ao território de Miecislau I (chamado “*Schinesghe*”, naquela época), colocando-o sobre a proteção da Sé Apostólica. Ainda mais relevante é o fato de todo o território da atual Polônia estar citado no documento, como pode ser visto no trecho abaixo (ŁUKASIEWICZ, 2009).

Dagome e Senatrix Oda e seus filhos Mieszko e Lambert (eu não sei de onde essas pessoas vêm, mas creio que eles são sardos porque a Sardenha é regida por quatro governantes) lê-se que eles legaram a São Pedro uma cidade (estado) em todo chamado Gniezno, com todos os seus pertences dentro das fronteiras a partir do primeiro lado longo no mar ao longo da fronteira com a Prússia até o lugar chamado Rússia e ao longo da fronteira com a Rússia estendendo ainda mais até a Cracóvia e em linha reta a partir de Cracóvia até o rio Oder no lugar chamado Ostrava e de Ostrava ao território do Milzeni direto para o Oder e deste lugar por perto do rio Oder até a cidade mencionada anteriormente de Gniezno.<sup>88</sup> (ŁUKASIEWICZ, 2009: p. 411, tradução nossa).

Jakubowska (1990) escreve que, com o passar dos séculos, a identificação do povo polonês com a religião católica cresceu ainda mais. A partir do momento em que surgiram correntes contrárias ao catolicismo dentro da religião cristã, os poloneses se viram cercados por países protestantes – a oeste, sul e norte – e ortodoxos (a leste), o que fez com que os interesses da Igreja Católica sempre estivessem ligados aos do Estado polonês em situações de conflito político, motivado várias vezes por diferenças religiosas. Além disso, qualquer dominação estrangeira era vista como uma supressão do catolicismo do povo polonês (já que as potências estrangeiras iriam implementar a sua corrente religiosa no país, fosse ela a protestante ou ortodoxa), o que tornava tal ligação ainda mais forte.

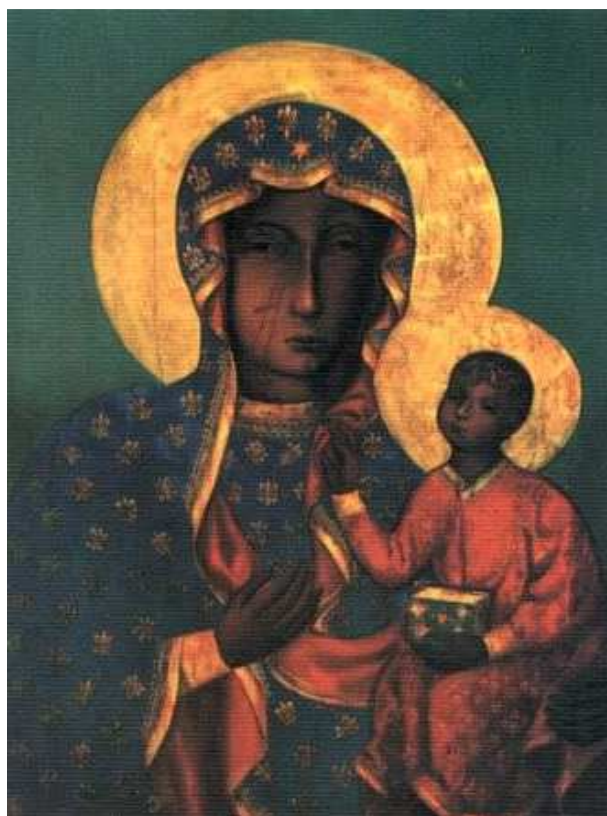
A autora ainda afirma que a imagem da Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira do país e considerada “Rainha da Polônia”, possui uma forte ligação com a própria formação do Estado polonês, fazendo com que a própria possuía diversos seguidores dentro do território do país. Datada aproximadamente do século XIII ou XIV, a imagem é representada por uma pintura de origem bizantina. Apesar de sua autoria e origem serem desconhecidas (segundo o mito, o quadro foi pintado por São Lucas, mas não há provas

---

<sup>88</sup> Dagome and senatrix Oda and their sons Mieszko and Lambert (I do not know where these people come from, I think that they are Sardinians because Sardinia is governed by four rulers) it reads that they had bequeathed to St. Peter one city (state) in whole called Gniezno, with all its appurtenances within the borders starting from the first long side at sea along the border with Prussia up to the place called Russia and along the Russian border extending further to Kraków and straight from Kraków up to the river Oder in the place called Ostrava and from Ostrava up to the territory of the Milzeni straight to the Oder and from this place leading close of the river Oder up to the earlier mentioned city of Gniezno.

para esta versão da história), diz-se que a imagem acompanhava os limites territoriais poloneses, marcando simbolicamente os mesmos. Tal movimentação persistiu até que, em 1382, a Virgem Negra de Częstochowa apareceu no sonho de um rei polonês e o comandou a colocar a imagem em Jasna Góra (Monte Luminoso, em tradução livre), na cidade de Częstochowa, onde foi construído um monastério posteriormente (JAKUBOWSKA, 1990).

**Figura 3 - Imagem da Nossa Senhora de Częstochowa, padroeira e Rainha da Polônia, localizada no Monastério de Jasna Góra, em Częstochowa.**



**Fonte: MARYPAGES FOUNDATION, 2014.**

Segundo o mito que conta a história da imagem, durante um ataque perpetrado por hussitas em 1430, a imagem foi atingida por dois golpes de sabre. Apesar de o atacante ter morrido imediatamente após desferir tais golpes, outros invasores carregaram o quadro no dorso de uma mula, porém, ao chegar ao limite do monastério, o animal se recusou a mover-se, o que fez com que os invasores desistissem de carregar a imagem durante a sua

retirada. A pintura se restaurou sozinha após a invasão, mas as marcas dos golpes desferidos pelos invasores permanecem na pintura, como se fossem feridas cicatrizadas (JAKUBOWSKA, 1990).

Outro momento em que a imagem é muito forte na mentalidade dos poloneses é durante a invasão dos suecos à Polônia durante o século XVII. O Monastério de Jasna Góra representava uma das últimas fortalezas que ainda resistiam à invasão sueca no país, apesar do cerco inimigo. Após seis semanas, as tropas suecas se retiraram, mesmo sendo numericamente superiores às forças polonesas, o que fez com que tal acontecimento fosse visto no imaginário do povo polonês como um milagre da Nossa Senhora de Częstochowa, fazendo com que ela viesse a ser considerada, a partir de então, como a Rainha da Polônia (JAKUBOWSKA, 1990).

Devido ao fato de acontecimentos como estes – momentos cruciais dentro da história polonesa – serem considerados milagres por parte da Nossa Senhora de Częstochowa, é natural o fato de os poetas poloneses românticos do século XIX terem se ligado bastante à religião católica durante este século, o que fez com que nascesse a ideia de Cristo das Nações (ver informações sobre a partilha da Polônia mais à frente). Ainda, é importante enfatizarmos que a imagem de Nossa Senhora de Częstochowa representa uma forte imagem simbólica, mas também genérica, ou seja, para todos os poloneses, não se referindo a grupos específicos tal qual outros santos, o que faz com que o uso de tal imagem em um movimento que procure atingir a maior parte da população seja a melhor opção (JAKUBOWSKA, 1990).

Logo, como pudemos notar, a religião católica não representa, para os poloneses, apenas uma questão de fé em Deus e nos santos, mas sim a própria formação do Estado polonês, a partir do momento em que houve o apoio da Sé Apostólica desde a criação do Estado e da importância de símbolos religiosos dentro da cultura do país. Desta forma, podemos dizer que a relação entre Estado e religião no país é extremamente mais complexa do que em países como a União Soviética, utilizada como referência neste trabalho devido ao controle que o Estado exercia sobre a Igreja no seu território (DRAGADZE, 2004), algo que os líderes políticos poloneses jamais conseguiram.

Tendo em mente a participação da Igreja Católica na formação do Estado e na alta porcentagem da população que se autodenomina católica – como afirmado anteriormente, segundo Gascoigne (1977), ao menos 80% da população se dizia católica assídua – Staron

(1969)<sup>89</sup> analisa as condições em que se encontravam as relações entre o Estado polonês e a Igreja Católica no fim da década de 1960. Segundo ele, mesmo vivendo em uma sociedade tecnicamente pluralizada, o governo socialista local teve que desenvolver um *modus vivendi* com a Igreja, já que a mesma representava uma instituição com muitos seguidores no país<sup>90</sup>.

Tal *modus vivendi* consistia na tentativa por parte do governo de procurar não ofender a instituição de maneira frontal, já que tal atitude poderia vir a prejudicar mais do que gerar ganhos, tendo em vista a fé da população do país. Estruturada com uma hierarquia clara e bem organizada, a Igreja Católica na Polônia é separada em 25 bispados – sendo 5 arquidioceses, 17 dioceses e 3 cúrias diocesanas – e liderada pelo primaz da Polônia<sup>91</sup> (STARON, 1969).

Desta forma, tendo em vista a estrutura bem montada da Igreja e o grande número de fieis no país, o governo local encontrou duas maneiras principais para limitar o poder da Igreja (STARON, 1969).

A primeira consiste na aplicação de limitações financeiras à instituição como um todo. Apesar de as atividades da Igreja serem financiadas quase exclusivamente por doações voluntárias por parte dos fieis, uma boa parte do sustento da instituição advinha de pequenas propriedades de terra arável. No entanto, a lei do país limitava o tamanho de cada propriedade em 125 hectares – no caso de paróquias – e 12,5 hectares (caso o terreno pertença a monastérios ou conventos). Além disso, o governo ainda demanda impostos da renda da Igreja destinada ao apoio dos clérigos. Tais impostos causaram um impacto muito forte na Igreja, tendo diversas paróquias sofrido perseguição das autoridades locais devido a supostos subfaturamentos, o que causava um aumento no imposto do ano seguinte. Impostos ainda foram usados como arma contra clérigos que se levantassem contra o governo, sendo aumentados de maneira exagerada caso o pároco fosse contra os interesses do Partido. No entanto, a Igreja conseguiu dar a seus clérigos um padrão de vida aceitável, mesmo sob estas circunstâncias financeiras (STARON, 1969).

---

<sup>89</sup> Apesar de estar fora do recorte estudado neste trabalho, a análise de Staron (1969) nos é útil devido ao fato de, segundo Bernstein e Politi (1996), o cenário das relações entre Estado e Igreja não ter se alterado de 1950, quando as duas partes assinaram um acordo de coexistência, até o início da década de 1980, já que nenhum dos dois lados conseguia se sobressair e exigir mudanças favoráveis a si.

<sup>90</sup> Em comparação, menos de 10% da população era afiliada ao Partido Comunista local, segundo Staron (1969).

<sup>91</sup> Dentro do recorte aqui analisado, o cargo é ocupado pelo Cardeal Stefan Wyszyński (1948-81) e pelo Cardeal Józef Glemp (1981-92) (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

A segunda maneira, por sua vez, envolve a tentativa de diminuir o número de fieis no país através do banimento de matérias ligadas a qualquer religião nas escolas de ensino básico, especialmente o catecismo dos estudantes<sup>92</sup>. Entre 1948 e 1961 a Igreja e o governo discutiram qual seria a melhor abordagem para o ensino religioso nas escolas até que, neste último ano, o governo lançou um estatuto que proibia qualquer ensino religioso de ser oferecido fora de centros de catecismo registrados no Ministério da Educação que funcionariam fora do terreno de escolas, sendo levado em consideração o princípio constitucional de separação da Igreja e do Estado. No entanto, a alta hierarquia clerical do país optou por não seguir a lei e não registrar os centros de catecismo, o que obrigou o baixo clero a seguir tal comportamento devido ao forte respeito à hierarquia na instituição. O mesmo, apesar de tudo, não era reprimido, já que muitos dos centros clandestinos não eram inspecionados e operavam sem nenhuma restrição, mesmo com um grande número de inscritos (STARON, 1969).

Logo, podemos perceber que não havia uma repressão muito forte à Igreja na Polônia devido ao receio do governo socialista de que tais restrições pudessem prejudicar a força do partido no país ao invés de enfraquecer a Igreja, já que esta instituição está ligada não apenas à fé do povo polonês como também à formação do Estado e do povo, tendo em vista todo o apoio histórico que a Polônia recebeu da Sé Apostólica e das entidades católicas a quem recorriam<sup>93</sup>. No entanto, a situação na URSS era diferente.

As relações entre religião e Estado na União Soviética eram baseadas na interpretação leninista do marxismo, que pregava o ateísmo como a doutrina oficial do país. Além disso, não havendo a ligação tão intrínseca com a religião, a perseguição religiosa na URSS foi muito mais repressiva do que na Polônia. As táticas das autoridades soviéticas desde a queda do czar Nicolau II variaram desde propaganda antirreligiosa até o confisco dos bens das igrejas (incluindo não apenas as cristãs, mas também de outras religiões, como as sinagogas islâmicas e as mesquitas judias), além da tortura de

---

<sup>92</sup> Apesar de saberem que a religião ainda seria passada no ambiente familiar, o governo considerou que o desenvolvimento de uma criança em um adulto religioso dependia bastante da educação formal à qual a criança era submetida. Assim, consideraram o mais adequado banir o ensino religioso nas escolas (STARON, 1969).

<sup>93</sup> Segundo Jakubowska (1990), os soldados poloneses chegaram a levar, durante séculos, imagens de santos e da Nossa Senhora de Czestochowa à frente de batalha como estandartes, uma demonstração de que tais imagens estavam intrinsicamente ligadas às suas origens.

indivíduos religiosos (não apenas clérigos) (DRAGADZE, 2004). Um exemplo de propaganda pode ser visto na figura 4.

Apesar de ter havido uma interrupção durante os anos da Segunda Guerra Mundial<sup>94</sup> e um posterior afrouxamento das leis antirreligiosas, a década de 1970 ficou marcada pelo retorno não só destas antigas leis, como também novas emendas às mesmas, tornando ainda mais restrita a prática de qualquer religião. Tais emendas proibiam a criação de uma hierarquia dentro das instituições religiosas, além de proibir qualquer cidadão de tomar conselho espiritual com qualquer clérigo, o que tornou difícil o trabalho dos mesmos (POSPIELOVSKY, 1987).

**Figura 4 – Imperialismo e Religião, de Mikhail Cheremnykh. O caminho da opressão imperialista nas colônias é auxiliado pelos missionários que envenenam a população com o veneno da religião**



Fonte: *HOOVER POLITICAL POSTER DATABASE*, 2013.

Ainda, todos os congressos e/ou conferências convocados pelas instituições religiosas devem ser previamente aprovados pelo Conselho para Assuntos Religiosos, órgão criado para regular a ação das instituições religiosas no país. O mesmo conselho

<sup>94</sup> Dragadze (2004) afirma que tal interrupção ocorreu para que os soldados e civis pudessem ter apoio emocional por parte dos clérigos de suas religiões.

ainda tinha o dever de registrar todos os clérigos e instituições religiosas da URSS, cabendo ao mesmo retirar ou ceder licenças para que pudessem funcionar plenamente. Vale ainda dizer que não havia necessidade de este órgão justificar o porquê de uma licença estar sendo retirada, podendo o mesmo apenas realocar um prédio público para uma casa de oração de qualquer religião sem nenhuma justificativa (POSPIELOVSKY, 1987).

Por fim, talvez a maior demonstração de que a religião era excessivamente controlada na URSS foi o desenvolvimento, por Stalin, de organizações religiosas já estabelecidas como uma forma de influenciar fóruns internacionais. Esse foi o caso do Patriarcado de Moscou, utilizado por diversos líderes da URSS como um agente de influência no Conselho Mundial de Igrejas, além de atenuar as críticas da Santa Sé ao tratamento dado ao clero no país (POSPIELOVSKY, 1987).

Desta forma, a religião se tornou uma variável fraca nas tomadas de decisão da União Soviética. A população, após mais de 50 anos de perseguição a religiosos, não sentia a necessidade tão forte de se ligar ao seu Deus, como ocorria na Polônia. A destruição das igrejas e outros templos de adoração, além do confisco dos bens dos mesmos, além de ter diminuído o contato destas instituições com a população, fez com que não houvesse a possibilidade de uma oposição eficaz (DRAGADZE, 2004). Assim, apesar de ter havido restrições em praticamente todos os países da esfera comunista, podemos afirmar que a repressão na Polônia foi muito mais fraca devido principalmente à importância da Igreja Católica no âmbito nacional, não apenas a fé do povo polonês<sup>95</sup>.

Por fim, nos resta refletir sobre o motivo de a religião ser deixada de lado em regimes comunistas. Tal pergunta é levantada por Brenda Duncombe (1937), na tentativa de identificar o motivo de os regimes comunistas praticarem estes tipos de abusos às lideranças religiosas e perseguirem os fieis. Na visão dela, além de os textos de Marx se oporem à religião como um todo, afirmando que Deus não existe e que uma sociedade será miserável até que um governo tome o controle da sociedade e exerça as funções de Deus para melhorá-la, ela afirma que os princípios do comunismo podem ser interpretados de forma semelhante a uma religião. O comunismo requer de um indivíduo não apenas sua

---

<sup>95</sup> A ligação do povo com a Igreja fazia com que o Partido tivesse que tomar medidas a favor da religião em certos momentos. Um exemplo de tal atividade era o protocolo do Partido em que o primeiro-ministro deveria fazer uma visita oficial ao primaz do país para pedir-lhe a benção, um ato puramente simbólico, mas que os comunistas julgaram necessário no país (BERNSTEIN; POLITI, 1996).



absoluta devoção como também exige que um homem abra mão de tudo que possui. Ela escreve:

[...] O comunismo não apenas evoca intensidade de sentimento e devoção; ele demanda a submissão de tudo que o homem possui. Ele deve dar todo o seu ser, corpo e alma, para trabalhar pela causa. Todo o resto deve ir para os vendedores – dinheiro, posição, bom nome, moral, tudo deve ser sacrificado.<sup>96</sup> (DUNCOMBE, 1937: p. 155).

Desta forma, fica claro que a autora considera que o comunismo exige de um indivíduo uma forma de devoção semelhante àquela utilizada pelas religiões de maneira geral. Kula (2005) concorda com este ponto de vista e enfatiza as semelhanças entre o regime político comunista e uma religião. Além da devoção plena, o comunismo possui outras similaridades com religiões como um todo, como a filosofia comunista da história, por exemplo. O autor afirma que tal filosofia considera que a história já está predeterminada em um plano histórico progredindo em direção a um fim predeterminado, que seria o comunismo. Tal lógica se assemelha bastante ao princípio da vontade divina, que afirma que a história está predeterminada pela vontade de Deus e que nós não controlamos o nosso destino.

Como no caso da Igreja Católica, por exemplo, as ações comunistas também se baseavam em certos dogmas. No âmbito econômico, por exemplo, investimentos no setor de produção de bens de capital deveriam sempre ser superiores aos investimentos no setor de bens de consumo. Trabalhadores braçais, além daqueles que produziam bens de valor agregado, deveriam receber salários maiores do que aqueles da intelligentsia. Até mesmo certos termos eram proibidos de serem utilizados, como “inflação”, “lucro” e “greve” (“paralisação” era o termo utilizado pela mídia oficial do governo no caso polonês aqui estudado) (KULA, 2005).

Curiosamente, o comunismo ainda possui lugares sagrados e a idolatria a indivíduos especiais. No primeiro caso, podemos citar o Mausoléu de Lênin e a Praça Vermelha, que representavam pontos de peregrinação para comunistas de todo o mundo, não apenas do lado soviético da Cortina de Ferro. No segundo, Marx, Lênin, Stalin e outros líderes comunistas passaram a ser retratados como ídolos dentro do universo

---

<sup>96</sup> Communism not only evokes intensity of feeling and devotion; it demands the surrender of everything man has. He must give his whole self, body and soul, to work for the cause. Everything else must go to the winds – money, position, good name, morals, all must be sacrificed.

soviético, cada um à sua própria maneira. Marx era um santo para ocasiões especiais, enquanto Lênin era um discípulo especial e Stalin era retratado como um indivíduo excepcional que seguiu os ensinamentos leninistas (KULA, 2005: p. 376).

Desta forma, a relação entre o comunismo e a religião em um mesmo país seria o de rivalidade. Mesmo não sendo considerado uma religião pelos autores aqui relatados (DUNCOMBE, 1937; KULA, 2005), o comunismo se assemelha demais a uma para sobreviver de maneira amistosa com a competição causada por religiões estabelecidas. A completa devoção necessária por parte do comunismo é relatada por Duncombe (1937) deixa claro tal aspecto do regime comunista.

De maneira semelhante, podemos observar países contemporâneos nos quais tais abusos também existem. A República Islâmica do Irã, por exemplo, tem sido alvo de críticas por parte de diversas ONGs internacionais no tocante ao tratamento recebido por fieis de certas religiões, especialmente a fé Baha'i. O motivo para tal perseguição advém do fato de os fieis da fé baha'i serem discípulos de Bahá'u'lláh, o profeta da religião, que é identificado como o sucessor de Maomé, o que é considerado errado pelo islamismo, que prega que o próximo profeta ainda está por vir (AFFOLTER, 2005).

#### **4.3 A influência de Wojtyła na mudança de regime: como e por que o Papa foi favorável à queda do regime socialista na Polônia**

O Papa João Paulo II foi, como foi possível observarmos na seção 1 do capítulo 3 deste trabalho, um dos atores mais importantes no desenrolar da crise política que ocorreu na Polônia durante a década de 1980. Porém, é necessário um olhar mais focado sobre tal participação, já que Wojtyła atuou não apenas como um apoiador moral da causa através de seus discursos, mas também como um dos formuladores da estratégia utilizada pelo Solidariedade e como – através dos recursos da Santa Sé – um dos principais financiadores da organização (TARLTON, 2012).

Antes de adentrarmos o tópico de sua participação efetiva, devemos entender o porquê de Wojtyła ter agido desta maneira. O que o motivou a enfrentar o comunismo após mais de uma década de *Ostpolitik*? Para respondermos a tal pergunta, devemos observar um pouco da vida do Papa Obreiro e, assim, entendermos a sua concepção de comunismo.

Apesar de ter passado a maior parte de sua vida ecumênica em Cracóvia, Wojtyła nasceu em Wadowice em 1920, durante a Segunda República da Polônia (1918-1939). Terceiro filho do casal Emilia e Karol Wojtyła Sr., o futuro papa teve uma infância marcada pela morte de sua mãe em 1929 devido a complicações durante um parto e de seu irmão mais velho, Edmund, um jovem médico que contraiu escarlatina durante o atendimento a pacientes infectados com a doença em 1932 (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Ambos os eventos foram traumáticos para o jovem Wojtyła, mas a morte da mãe enfatizou o desejo do garoto de Wadowice de se tornar um membro do clero. Extremamente religiosa, Emilia Wojtyła sempre encorajou seu filho mais novo a participar da vida religiosa da cidade onde moravam, chegando a dizer a vizinhos que o mesmo iria se tornar padre quando crescesse, mesmo que o menino não concordasse com a ideia. A morte da mãe, então, fez com que Wojtyła se empenhasse no dever de evangelizar os demais, já que sua mãe seguia este dogma veementemente<sup>97</sup> (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Durante sua adolescência, o pai de Wojtyła passou por um dilema: apesar de ter a intenção de matricular seu filho em um dos dois colégios católicos da cidade, o desconto de 50% no valor da mensalidade do colégio público – que cobrava mensalidade, apesar de ser mantido pelo governo – devido ao fato de ter sido funcionário público – seu pai fora um militar não comissionado, chegando ao posto de tenente – lhe pareceu muito atraente, o que fez com que ele optasse pelo colégio secular. Foi no ensino médio que Wojtyła entrou em contato com um grupo de teatro do qual mais tarde viria a fazer parte. Sua carreira como ator fez com que o então futuro papa se acostumassem a públicos, o que possibilitou o desenvolvimento do grande carisma de Wojtyła, uma das marcas de seu papado (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Outro fator importante inserido na vida de Wojtyła durante o ensino médio foi o contato com a literatura polonesa clássica, especialmente com os poetas Adam Mickiewicz e Juliusz Słowacki, líderes da independência polonesa durante as partilhas do país e da ideia de Cristo das Nações. O primeiro, em especial, foi bastante influente na vida de Wojtyła. Mickiewicz foi um poeta do século XIX que questionava a indiferença de Deus

---

<sup>97</sup> Bernstein e Politi (1996) afirmam que um dos costumes da mãe de Wojtyła era sempre deixar um pote com água benta próximo à porta de entrada da casa para que toda a família pudesse fazer o sinal da cruz antes de saírem ou retornarem à casa.

(na imagem da Igreja Católica) ao sofrimento humano<sup>98</sup>. Para ele, o sofrimento dos poloneses iria redimir as nações e a missão dos peregrinos poloneses era anunciar ao mundo ocidental materialista a chegada de um novo mundo espiritualmente transformado (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

**Figura 5 – Mapa da Europa em 1700, durante a Primeira República da Polônia, também chamada Comunidade Polaco-Lituana.**



**Fonte: EURATLAS, 2009a.**

Também durante esse período Wojtyła conheceu Józef Prus, o seu pai espiritual. Apesar de trabalhar na igreja de um padre secular na função de coroinha, Prus foi uma das maiores influências na vida religiosa de Wojtyła, fazendo com que o jovem desenvolvesse o intuito de se afiliar à ordem à qual Prus pertencia: os carmelitas descalços. No entanto, o

<sup>98</sup> Principalmente por ter ido pedir ao Papa Pio IX para intervir na Revolução Polonesa em favor dos poloneses sem sucesso (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

próprio Prus, ao notar a facilidade de Wojtyła de se comunicar com o público, o aconselhou a seguir a vida de clérigo secular (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Em 1938, 6 anos após a morte de seu irmão mais velho, Wojtyła e seu pai se mudaram para a cidade de Cracóvia para que o futuro papa pudesse cursar o ensino superior na Universidade Jaguelônica (*Uniwersytet Jagielloński*), nas áreas de literatura, etimologia e fonética polonesa. Foi lá que Wojtyła entrou em contato com outra figura que pode ter influenciado durante o seu papado: o professor Roman Ingarden. Ingarden foi um filósofo polonês especializado na área de fenomenologia e se tornou, ao longo de sua carreira, um dos maiores especialistas na teoria de Cristo das Nações e ensinou boa parte da mesma a Wojtyła (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

**Figura 6 – Mapa da Europa em 1800.**



Fonte: EURATLAS, 2009b.

Devemos, então, definir no que consiste esta ideia de Polônia como o Cristo das Nações que foi tão importante durante o papado de João Paulo II. Tal ideia advém do século XIX, quando a Polônia viveu um dos seus períodos mais problemáticos. Durante este período, três Estados entraram em acordo e, após um conflito contra o próprio Estado polonês, repartiram o território polonês entre si. Foram eles: o Império Russo, o Reino da Prússia e a Áustria. Neste cenário, três filósofos escreveram espetáculos teatrais cujas ideias iriam sofrer um *spill-over* e adentrar outras áreas do conhecimento, mas também a vida religiosa na Polônia (GEROULD, 1980).

Adam Mickiewicz, (1798-1855), Juliusz Slbwicki (1809-49) e Zygmunt Krasinski (1812-59) são os três autores que lideraram a popularização da teoria da Polônia como Cristo das Nações. Todos os três foram exilados de sua terra natal durante a época das partilhas<sup>99</sup> e, sentindo-se amargurados pelo destino da Polônia, escreveram peças de profundo caráter religioso e, devido ao fato de os poloneses terem se identificado com suas obras, são reconhecidos agora como os três bardos (*trzej wieszcze*) da Polônia (DAVIES, 2005a).

De acordo com Gerould (1980), o mais proeminente destes três é também o autor que deu origem a tal ideia. Mickiewicz, em sua peça “Véspera do Antepassado” (*Dziady*, publicado em quatro partes entre 1823 e 1832), que se tornou o drama sagrado nacional na Polônia, celebra o martírio de sua terra natal. O espetáculo utiliza-se de uma base extremamente mítica, tendo como cenários não só a Terra, mas também o céu e o inferno e a história é contada a partir do ponto de vista de um homem no centro dos acontecimentos, cercado por criaturas sobrenaturais de grande poder e lutando por sua própria sobrevivência.

Mickiewicz escreve em Véspera do Antepassado a história de um homem polonês que vive na Polônia repartida, muitas das críticas sendo direcionadas às três potências que repartiam o território polonês, especialmente a Rússia, que detinha cerca de 66% da Polônia. O herói do espetáculo, Gustaw, viaja pela sua terra e relata os abusos das autoridades russas aos seus conterrâneos. Segundo ele, o sofrimento do povo polonês faz

---

<sup>99</sup> As partilhas da Polônia tiveram início em 1772, quando a Rússia, a Áustria e a Prússia dividiram parte do território polonês após um breve conflito. Devido a revoltas internas e outras ameaças por parte da Polônia, as três potências decidiram pela extinção da Polônia e, em 1795, dividiram entre si todo o território polonês, extinguindo a Primeira República da Polônia até o fim da Primeira Guerra Mundial (DAVIES, 2005a). Ver os efeitos das partilhas nos mapas das figuras 5 e 6.

com que a Polônia possa ser interpretada como o Cristo das Nações, sua agonia comparada à crucificação do próprio Cristo (GEROULD, 1980). Tal interpretação advém do fato de a autodeterminação do povo polonês e a própria legitimidade do Estado terem sido complicadas devido principalmente a invasões de outros povos. Mesmo antes da partilha, a posição geográfica da Polônia a fazia a principal conexão entre o Oeste e o Leste Europeu, o que a tornava alvo de diversos países (DAVIES, 2005a). Um trecho de outro livro de Mickiewicz “Livros da Nação Polonesa e Peregrinação” (*Księgi narodu i pielgrzymstwa polskiego*, 1832) deixa claro o ressentimento para com os três países que repartiram a Polônia e o caráter messiânico que a Polônia tem a passar:

No começo, havia a crença em um Deus e havia Liberdade no mundo [...] Mas depois as pessoas se desviaram de seu Senhor Deus e fizeram de si próprias ídolos e se curvaram [...] Assim, Deus enviou-lhes o maior castigo, que é a escravidão.

E os reis, renunciando a Cristo, fizeram novos ídolos que eles colocaram à vista das pessoas e as fizeram se curvar [...] E as nações se esqueceram que haviam surgido de um Pai. Finalmente, na idólatra Europa, surgiram três governantes, uma trindade satânica – Frederico, cujo nome significava “Amigo da Paz”, e Catarina, cujo nome em grego significava “Mulher de Pureza”, e Maria Teresa, que levava o nome da imaculada Mãe de nosso Salvador. Seus nomes eram três blasfêmias, suas vidas três crimes, suas memórias três maldições. E esta trindade formava um novo ídolo, desconhecido dos antigos, e chamaram-no INTERESSE POLÍTICO.

Mas a nação polonesa não se curvou [...] E a Polônia disse: “Se alguém quiser vir comigo deve ser livre e igual porque eu sou a LIBERDADE.” Mas os reis, quando souberam disso, se apavoraram em seus corações, e crucificaram a nação polonesa, e a colocaram em seu túmulo, gritando: “Nós matamos e enterramos a Liberdade.” Mas eles gritaram em vão [...].

A nação polonesa não morreu. Seu corpo jaz na sepultura, mas seu espírito desceu para o abismo que existe nas vidas privadas das pessoas que sofrem escravidão em seus países [...] Durante o terceiro dia, a alma deve retornar novamente ao corpo e a nação se levantará e libertará todos os povos da Europa da escravidão.<sup>100</sup> (MICKIEWICZ *apud* DAVIES, 2005b: p. 7).

<sup>100</sup> In the beginning, there was belief in one God, and there was Freedom in the world [...] But later the people turned aside from the Lord their God, and made themselves graven images, and bowed down [...] Thus God sent upon them the greatest punishment, which is Slavery.

And the Kings, renouncing Christ, made new idols which they set up in the sight of the people, and made them bow down [...] And the nations forgot that they had sprung from one Father. Finally in idolatrous Europe, there arose three rulers, a satanic Trinity—Frederick whose name signifieth ‘Friend of Peace’, and Catherine, which in Greek signifieth ‘Woman of Purity’, and Maria Theresa, who bore the name of the immaculate Mother of our Saviour. Their names were thus three blasphemies, their lives three crimes, their memories three curses. And this Trinity fashioned a new idol, unknown to the ancients, and they called it POLITICAL INTEREST.

But the Polish nation alone did not bow down [...] And Poland said, ‘Whosoever will come to me shall be free and equal for I am FREEDOM.’ But the Kings, when they heard it, were frightened in their hearts, and they crucified the Polish nation, and laid it in its grave, crying out ‘We have slain and buried Freedom.’ But they cried out foolishly [...].

Desta forma, argumentamos que Wojtyła, ao entrar em contato com tal ideia através não apenas de sua educação religiosa no seminário, mas também em sua educação de nível superior no curso de literatura através do professor Roman Ingarden e de sua educação de nível médio, foi influenciado pela mesma, considerando que a Polônia poderia vir a ser um exemplo – ou um messias, como a ideia sugere – para os demais países comunistas e, assim, derrubar a Cortina de Ferro que separava a Europa.

Deve ser acrescentado ainda o fato de que, no fim do espetáculo “Véspera do Antepassado”, um anjo afirma em tom profético que surgirá um indivíduo para libertar a Polônia dos males que a acorrentava (GEROULD, 1980). É possível, por fim, argumentarmos que Wojtyła enxergava a si mesmo como tal indivíduo, fazendo com que ele se empenhasse para alcançar o seu objetivo. Tal ideia pode ser evidenciada ao observarmos sua primeira visita à Polônia, em 1979. Em seu discurso de despedida, Wojtyła se identificou para as massas não apenas como o papa polonês, mas sim como um papa eslavo, que deveria trazer a união aos povos europeus através de Cristo. Segundo ele: “Não é a vontade de Cristo, não é o que o Espírito Santo ordena, que este papa polonês, este papa eslavo, deveria neste momento preciso manifestar a unidade espiritual da Europa cristã?”<sup>101</sup> (JOÃO PAULO II, 1979d, tradução nossa).

Utilizando-nos da metodologia do *framework* de Keohane e Goldstein (1993), podemos considerar que tal ideia, acrescida à religião católica como um todo, ajudou a formar a visão de mundo de Wojtyła. A partir do momento em que tal ideia está cravada no simbolismo da cultura polonesa, ela pode vir a afetar a decisão de qualquer indivíduo do país. Tendo em vista, também, que as visões de mundo podem evocar emoções e lealdades, não é de se espantar o fato de Wojtyła ter mantido pelo seu papado sua identidade como polonês<sup>102</sup>, tendo entrado em contato com diversas comunidades de poloneses em todas as suas viagens (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

---

For the Polish Nation did not die. Its Body lieth in the grave; but its spirit has descended into the abyss, that is into the private lives of people who suffer slavery in their own country [...] For on the Third Day, the Soul shall return again to the Body; and the Nation shall arise, and free all the peoples of Europe from slavery.

<sup>101</sup> Is it not Christ's will, is it not what the Holy Spirit disposes, that this Polish Pope, this Slav Pope, should at this precise moment manifest the spiritual unity of Christian Europe?

<sup>102</sup> Até mesmo o passaporte de Wojtyła era polonês, já que ele optou por não aceitar o passaporte diplomático expedido pelo Vaticano (BERNSTEIN; POLITI, 1996).



Também podemos afirmar que tal simbologia veio a afetar a política externa empregada pela Santa Sé através do método da coordenação descrito acima. Apesar de não fazer parte do imaginário do Vaticano, a ideia do Cristo das Nações afetou profundamente o maior tomador de decisão do Estado, o que fez com que a resposta para a complexa pergunta de como se relacionar com os Estados do lado soviético da Cortina de Ferro se tornasse simples. Apesar de tal ideia divergir entre os cardeais da Cúria e os dois Secretários de Estado do período analisado, a decisão de Wojtyła foi empregada da mesma maneira, já que para ele a noção de boas relações com tais Estados não podia existir, fazendo com que o Cristo das Nações surtisse efeito na tomada de decisão.

A própria polícia secreta polonesa (Służba Bezpieczeństwa), antes de ser nomeado João Paulo II, considerava Wojtyła um intelectual entre o clero polonês, afirmando em um relatório para o governo:

Pode-se dizer com segurança que ele é um dos poucos intelectuais no episcopado polonês. Ele sabe conciliar – ao contrário de Wyszyński – religiosidade popular tradicional com o catolicismo intelectual, sabendo como apreciar ambos [...] Ele não tem, até o momento, se envolvido em atividades políticas contra o Estado de maneira aberta. Parece que a política é seu ponto fraco, sendo ele intelectualizado demais [...] Ele não possui qualidades organizacionais e de liderança, o que parece ser a sua fraqueza na rivalidade com Wyszyński<sup>103</sup>. (OSA, 2003: p. 138, tradução nossa).

Podemos ainda observar o ponto de vista de Wojtyła a cerca do comunismo para compreendermos que o então papa agiu com o intuito de ferir a imagem do socialismo nos países onde tal regime político era vigente, facilitando a mudança do mesmo. Devido ao fato de Wojtyła ter se utilizado de uma linguagem fortemente simbólica em relação ao socialismo vigente nos países do Leste Europeu, podemos ver críticas mais fortes por parte do Papa João Paulo II direcionadas a outras correntes socialistas, em especial à teologia da libertação.

Durante suas visitas à América Latina, ficou claro que Wojtyła era completamente oposto à teologia da libertação. A ideia de que Cristo estava envolvido em uma luta de classes, que o Messias estava na realidade lutando contra a opressão do Império Romano,

---

<sup>103</sup> It can be safely said that he is one of the few intellectuals in the Polish Episcopate. He deftly reconciles—unlike Wyszyński—traditional popular religiosity with intellectual Catholicism, knowing how to appreciate both of them. . . . He has not, so far, engaged in open anti-state political activity. It seems that politics are his weaker suit; he is over-intellectualized [...] He lacks organizing and leadership qualities, and this is his weakness in the rivalry with Wyszyński.

segundo Wojtyła, ia completamente contra a catequese da Igreja Católica. A Igreja, segundo ele, acredita que qualquer coisa que fosse atrapalhar a missão de Cristo como um Servo de Deus seria uma tentação, logo, a explicação com base no argumento de que Jesus estaria politicamente intencionado é considerada equivocada pela Igreja, já que implica que Cristo teria cometido um pecado ao se “desviar” do caminho traçado para ele por Deus (JOÃO PAULO II, 1979e).

Wojtyła acreditava veementemente que o socialismo só era defendido por esta corrente cristã devido ao fato de os autores ocidentais que escreviam sobre o marxismo o faziam de uma maneira “poética”, se recusando a reconhecer a natureza profundamente opressiva dos regimes socialistas vigentes do outro lado da Cortina de Ferro. Os padres e bispos esquerdistas da América Latina que compunham a teologia da libertação não estavam cientes que o socialismo não seria uma fuga dos regimes autoritários que eles enfrentavam, mas sim uma continuação, segundo Wojtyła (BERNSTEIN; POLITI, 1996). Foi com essa preocupação dos esquerdistas em mente – em relação à liberdade e direitos humanos na América Latina – que Wojtyła proferiu as seguintes palavras durante a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino Americano:

Vamos também ter em mente que a ação da Igreja em assuntos terrenos, tais como o avanço humano, o desenvolvimento, a justiça, os direitos do indivíduo, é sempre com a intenção de estar a serviço do homem; e do homem como ela o vê na visão cristã da antropologia que ela adota. Ela, portanto, não precisa recorrer a sistemas ideológicos para amar, defender e colaborar na libertação do homem: no centro da mensagem da qual ela é depositária e anunciadora, ela encontra inspiração para atuar em favor da fraternidade, da justiça e da paz, contra todas as formas de dominação, escravidão, discriminação, violência, ataques à liberdade religiosa e à agressão contra o homem, e tudo o que atenta contra a vida.

Portanto, não é por oportunismo nem sede de novidade que a Igreja, "a especialista em humanidade" defende os direitos humanos. É através de um verdadeiro compromisso evangélico, que, como aconteceu com Cristo, é um compromisso com os mais necessitados. Em fidelidade a este compromisso, a Igreja quer ficar livre em relação aos sistemas concorrentes, a fim de optar só pelo homem. Quaisquer que sejam as misérias ou sofrimentos que aflijam o homem, não é através da violência, dos jogos de poder e sistemas políticos, mas através da verdade sobre o homem, que ele viaja em direção a um futuro melhor.<sup>104</sup> (JOÃO PAULO II, 1979e, tradução nossa).

<sup>104</sup> Let us also keep in mind that the Church's action in earthly matters such as human advancement, development, justice, the rights of the individual, is always intended to be at the service of man; and of man as she sees him in the Christian vision of the anthropology that she adopts. She therefore does not need to have recourse to ideological systems in order to love, defend and collaborate in the liberation of man: at the centre of the message of which she is the depositary and herald she finds inspiration for acting in favour of brotherhood, justice, and peace, against all forms of domination, slavery, discrimination, violence, attacks on religious liberty and aggression against man, and whatever attacks life.

Ataques mais diretos não foram feitos em discursos (apesar de estes terem sido importantes), mas sim em documentos. Se utilizando de cartas encíclicas<sup>105</sup>, Wojtyła expôs a sua opinião acerca da imagem do trabalhador e seu papel dentro de um sistema de produção, além de seus direitos, como foi possível ver na seção 1 do capítulo 3 deste trabalho (especialmente através da carta encíclica *Laborem Exercens*).

Outro documento, chamado “*Instruction on Certain Aspects of the ‘Theology of Liberation’*”, fabricado pela Congregação pela Doutrina da Fé durante o papado de Wojtyła e encabeçada pelo cardeal Joseph Ratzinger, demonstrava o repúdio ao processo de tomada do poder utilizado pelos marxistas e da falsa afirmação que tal regime representa os trabalhadores de forma plena (CDF, 1984). Abaixo, um trecho de tal documento:

Da mesma forma, a derrubada, por meio de violência revolucionária das estruturas que geram a violência não é ipso facto o início de um regime justo. Um fato importante de nosso tempo deve evocar a reflexão de todos aqueles que sinceramente trabalham pela verdadeira libertação de seus irmãos: milhões de nossos próprios contemporâneos legitimamente anseiam recuperar essas liberdades básicas das quais eles foram privados por regimes totalitários e ateus que vieram ao poder por meios violentos e revolucionários, precisamente em nome da libertação do povo. Esta vergonha de nosso tempo não pode ser ignorada: ao reivindicar para trazer-lhes a liberdade, estes regimes mantêm nações inteiras em condições de servidão que são indignas da humanidade. Aqueles que, talvez inadvertidamente, fazem-se cúmplices de escravidões semelhantes traem os mesmos pobres que eles pretendem ajudar.<sup>106</sup> (CDF, 1984, tradução nossa).

---

It is therefore not through opportunism nor thirst for novelty that the Church, "the expert in humanity" defends human rights. It is through a true evangelical commitment, which, as happened with Christ, is a commitment to the most needy. In fidelity to this commitment, the Church wishes to stay free with regard to the competing systems, in order to opt only for man. Whatever the miseries or sufferings that afflict man, it is not through violence, the interplay of power and political systems, but through the truth concerning man, that he journeys towards a better future.

<sup>105</sup> Cartas encíclicas são documentos utilizados pelos papas há séculos. Apesar de a princípio servirem para um papa mandar uma mensagem a um bispo em específico, as cartas encíclicas se tornaram um modo de o papa definir a posição da Igreja acerca de temas específicos, ou seja, uma forma de informar ao clero qual posição deveriam tomar em relação a tais temas. Devido à liberdade da qual o papa goza na tomada de decisão no âmbito do Vaticano, quando tais cartas e o conteúdo delas são escolhidos pelo próprio pontífice (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

<sup>106</sup> By the same token, the overthrow by means of revolutionary violence of structures which generate violence is not ipso facto the beginning of a just regime. A major fact of our time ought to evoke the reflection of all those who would sincerely work for the true liberation of their brothers: millions of our own contemporaries legitimately yearn to recover those basic freedoms of which they were deprived by totalitarian and atheistic regimes which came to power by violent and revolutionary means, precisely in the

Apesar de estar fora do recorte de tempo selecionado por este trabalho, na carta encíclica *Centesimus Annus* Wojtyła dá a sua opinião sobre o socialismo como um todo. Para ele, o socialismo é na realidade um perigo à sociedade humana devido ao fato de passar a ilusão de ser uma solução simples e radical para a classe operária. Além disso, o então papa aponta que o erro fundamental do socialismo é uma concepção errônea da pessoa humana. Segundo ele, tal regime político considera o indivíduo simplesmente como um elemento, uma molécula dentro do organismo estatal, o que faz com que o bem do indivíduo seja subordinado ao funcionamento do mecanismo socioeconômico (JOÃO PAULO II, 1991). Desta forma, fica claro o porquê de João Paulo II não concordar com os princípios estabelecidos pelo socialismo e se tornar uma parte ativa na luta contra tal regime ao lado de outros líderes.

Por fim, as relações entre Wojtyła e o povo polonês foram, talvez, o método mais eficiente de influência do papa na mudança de regime político. Em diversos discursos, o Papa João Paulo II se utilizava de simbologia e alertava seus conterrâneos para as dificuldades que viriam. Além disso, diversas vezes em seus discursos ele utilizou a palavra “solidariedade”, o que dava cada vez mais força ao sindicato trabalhista que vinha crescendo na Polônia e acabou por ser parte fundamental do processo de mudança do regime (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Também, o Solidariedade dispôs de diversos aparatos para aumentarem a sua popularidade em nível nacional. Diversas prensas foram importadas para a Polônia, além de máquinas de telefone e de fax, o que facilitou a comunicação entre os membros do sindicato quando as greves cresceram ao nível nacional. Além disso, as várias publicações do Solidariedade – entre elas jornais, revistas e periódicos acadêmicos – possibilitaram o crescimento da popularidade do sindicato, sendo um excelente meio de comunicação entre o público e os líderes da organização. Para que fosse possível o acesso a tal tecnologia, o envio de recursos por parte do Vaticano (decisão tomada por Wojtyła), junto aos recursos estadunidenses enviados por Reagan, foram de suma importância para o movimento (BERNSTEIN; POLITI, 1996; TARLTON, 2012).

---

name of the liberation of the people. This shame of our time cannot be ignored: while claiming to bring them freedom, these regimes keep whole nations in conditions of servitude which are unworthy of mankind. Those who, perhaps inadvertently, make themselves accomplices of similar enslavements betray the very poor they mean to help.

Vale ainda salientar que a aliança formada entre Vaticano e Estados Unidos foi possível apenas devido aos dois líderes que estavam no poder em ambos os Estados. Reagan possuía a possibilidade de executar tal manobra política através de sua enorme popularidade, algo que presidentes anteriores tiveram receio de fazer, como ocorreu com Carter, por exemplo. Além disso, Reagan viu em Wojtyła um aliado na sua luta contra o comunismo, o que fez com que o presidente criasse um pequeno grupo composto por católicos ao seu redor para que fosse auxiliado na tomada de decisão em relação ao Vaticano (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Já Wojtyła, devido à sua natureza política, aparentava gostar do apoio da maior potência do mundo. Segundo Alexander Haig, Secretário de Estado que se encontrou com Wojtyła algumas vezes, João Paulo II sabia das implicações internacionais que os movimentos na Polônia poderiam trazer. O Pacto de Varsóvia estava em vigor, qualquer ameaça ao comunismo poderia ser retalhada a qualquer momento. No entanto, a partir do momento em que adiciona-se o apoio da outra potência militar (além do apoio da OTAN), as ações das tropas do Pacto e das tropas soviéticas se tornam mais custosas, já que os conflitos poderiam se escalar (BERNSTEIN; POLITI, 1996).

Logo, podemos afirmar que Wojtyła tinha o intuito de livrar a sua terra natal do socialismo. A vida como clérigo num sistema com limitações à liberdade religiosa impostas pelo governo – mesmo que muito mais brandas que em outros países do Leste Europeu – fez com que Wojtyła criasse uma aversão por tal sistema. O auxílio prestado pelo Papa foi vital na popularização do movimento do Solidariedade, através de suas mensagens ao povo polonês. O próprio Lech Wałęsa já comentou sobre tal auxílio, dizendo que o apoio do papa foi fundamental para “arrastar as massas” às ruas e fazer do movimento uma das causas do fim do regime comunista (GONZAGA, 2010).

## 5 CONCLUSÃO

Tendo em vista os argumentos expostos anteriormente, podemos agora chegar a uma conclusão no tocante ao tema principal deste trabalho: a participação do Sumo Pontífice João Paulo II no processo de mudança de regime na Polônia.

Como pudemos ver no capítulo 3, Wojtyła não pôde agir de maneira direta no processo em si, mas agiu como um influenciador no processo, se utilizando da identidade polonesa para com a religião católica para conseguir atingir seu objetivo de findar o regime comunista em sua terra natal. O fato de um compatriota se tornar o líder da Igreja Católica representou um ponto de virada no tocante à dominação comunista na Polônia, tendo em vista a força que tal religião possui no país. É possível afirmarmos que Wojtyła sabia que possuía tal poder a partir do momento em que foi eleito, tendo em vista a mudança drástica na política externa do Vaticano que o novo líder viria a implementar.

Wojtyła utilizou-se, em grande parte, do sindicato trabalhista Solidariedade para chegar ao seu objetivo. O próprio sindicato já havia sido, de certa forma, uma cria de Wojtyła após a sua primeira visita à Polônia como papa. Tendo em vista o caráter “genérico” da religião católica no país, o apoio do líder religioso proporcionou ao sindicato um crescimento maior do que o esperado, atingindo classes trabalhistas que não eram esperadas a princípio, como os intelectuais e os professores, por exemplo.

Também, utilizou-se de seus discursos para conseguir atingir o povo polonês e motivá-los na luta contra o comunismo, usando o Solidariedade como sua principal “ferramenta” na Polônia. Através das greves em âmbito nacional organizadas pelo sindicato (e que receberam a bênção de Wojtyła), a economia do país foi se tornando cada vez mais frágil, o que tornava mais fraco o controle do Estado sobre a população, especialmente em uma sociedade na qual a Igreja Católica é quase tão importante quanto o próprio governo e é comandada por um homem que é claramente contra os princípios comunistas.

Wojtyła se utilizou da religião como um ato discursivo aos moldes do que expusemos anteriormente. Sua posição como líder absoluto da Igreja Católica o permitia pregar contra o comunismo, o que o papa nunca fazia de maneira direta. Em seus discursos, Wojtyła nunca se pronunciou contra o regime em si, mas sempre deixou a entender que os poloneses deveriam lutar pelos seus direitos e, talvez ainda mais

importante, pela sua liberdade. Como pudemos ver, a história polonesa é marcada pela partilha de seu território e pela dificuldade do país em determinar sua própria existência. Logo, ao sugerir que os soviéticos representavam mais um obstáculo na autodeterminação do povo polonês, Wojtyła estaria influenciando os poloneses a aderirem aos movimentos que objetivavam o fim do regime comunista, especialmente o Solidariedade.

O período em que o sindicato se tornou ilegal na Polônia, especialmente durante a aplicação da Lei Marcial, representou o momento em que a figura de Wojtyła foi mais presente durante o processo. Com seus discursos enfatizando o sindicato<sup>107</sup>, o papa promovia uma propaganda positiva ao mesmo, o que facilitava na popularização do movimento, mesmo sem o aval do regime, o que pode ter ajudado no resultado positivo que o Solidariedade obteve nas eleições pós-negociações da Mesa Redonda.

Também nesse período, Wojtyła se utilizou de recursos do Vaticano para financiar as atividades do Solidariedade. Tendo em mente que o sindicato, mesmo ilegal, ainda representava um meio de contato muito forte entre o movimento anticomunista e a população, João Paulo II enviou recursos financeiros do Banco do Vaticano para o sindicato, o que possibilitou – junto aos recursos enviados pelo governo dos EUA – o desenvolvimento de propaganda positiva pelo próprio sindicato<sup>108</sup>.

O desenvolvimento da aliança com os EUA também se provou positivo. Apesar de não ter sido uma iniciativa de Wojtyła, os encontros com Walters, Casey e até Reagan possibilitaram um nível de cooperação que nunca havia existido entre os dois Estados. Como foi citado, não havia relações estabelecidas formalmente entre os EUA e o Vaticano devido à pressão por parte da população estadunidense. No entanto, tal pressão se encontrava em um patamar reduzido durante o período analisado, o que possibilitou o desenvolvimento de uma aliança entre os Estados. O apoio de Reagan se mostrou fundamental no momento em que a já fragilizada economia da Polônia foi ainda mais prejudicada pelas sanções ocidentais impostas pelo presidente dos EUA, o que ajudou a convencer Jaruzelski que as negociações com a oposição eram necessárias.

---

<sup>107</sup> Apesar de não fazer menção direta muitas vezes, a palavra “solidariedade” era usada com duplo sentido, evocando o sentimento convencional que a palavra simboliza, além de enfatizar a importância do sindicato.

<sup>108</sup> Posteriormente, Wojtyła ainda aconselharia Wałęsa sobre o *modus operandi* do Solidariedade, enfatizando a necessidade de não haver manifestações amplas, já que estas tinham uma maior probabilidade de sofrerem intervenção do governo, o que resultaria em agressão por parte do mesmo, algo que Wojtyła procurava evitar.

A ideia do Cristo das Nações, por sua vez, pode ter influenciado a tomada de decisão de Wojtyła. Como especificamos anteriormente, o papa teve bastante contato com tal corrente da literatura polonesa, o que, aplicando o *framework* de Keohane e Goldstein (1993), afetou a sua visão de mundo. Ainda, não havia consenso no Vaticano no tocante à política externa que devia ser implementada nos casos dos países comunistas. Apesar de haver certo consenso dentro da Cúria de que a *Ostpolitik* deveria ser mantida, além de o Cardeal Secretário de Estado Jean Villot e seu sucessor, Agostino Casaroli, considerarem tal opção errônea (apesar de a seguirem devido à hierarquização da política do Vaticano e da Santa Sé). No entanto, a convicção de Wojtyła sobre o Cristo das Nações fez com que tal corrente da literatura se tornasse o ponto focal da política externa da Santa Sé, fazendo com que a opção tomada fosse a mais agressiva em relação aos países comunistas, se utilizando da Polônia como um exemplo para os demais países que vivam tal regime.

Devemos também enfatizar o uso do *process tracing* durante esta pesquisa. Tal método nos possibilitou observar a dinâmica entre as ações de Wojtyła e o papel desempenhado pelo Solidariedade. Através de nossa *analytic explanation*, pudemos notar que o apoio do papa se mostrou fundamental para a própria sobrevivência do sindicato, através do envio de recursos financeiros, tecnológicos – como as prensas utilizadas na fabricação da propaganda do sindicato – e, principalmente, mantendo o movimento vivo na memória do povo polonês, não permitindo que o mesmo fosse esquecido e acabasse por se tornar preponderante durante a mudança de regime.

Através do uso do *analytic explanation*, foi possível contarmos um pouco da história do evento aqui estudado sem perdermos o foco da análise deste trabalho: as ações de Wojtyła. Devido ao fato de a mudança de regime e diversos aspectos da cultura polonesa serem pouco estudados, se mostrou essencial o uso de um método que propiciou o desenvolvimento de uma narrativa descritiva e que incluísse elementos analíticos.

Por fim, a atuação de Wojtyła no processo se deu de maneira indireta, através principalmente discursos e se tornando uma espécie de “cabo eleitoral” para o sindicato. Por ser um indivíduo popular, líder da Igreja Católica e um conterrâneo, o apoio do papa se mostrou fundamental para o crescimento do movimento trabalhista que viria a por abaixo o regime comunista polonês. Através de greves (apoiadas pelo papa), o sindicato causou prejuízos à economia local (devido à adesão quase total da força de trabalho do país), proporcionando a possibilidade de haver negociações entre o governo e a oposição, liderada por Lech Wałęsa e seus companheiros de Solidariedade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFOLTER, Friedrich W. *The Specter of Ideological Genocide: The Baha'is of Iran*. War Crimes, Genocide, & Crimes against Humanity, v. 1, 2005.

ALEXANDER, George; BENNETT, Andrew. *Case studies and theory development in the social sciences*. Cambridge: MIT Press, 2005.

ALLEN JR, John L. *All the Pope's men: the inside story of how the Vatican really thinks*. Random House LLC, 2007.

ANNOUNCEMENT ON BAN OF SOLIDARITY, 1982. *Raising the Iron Curtain: The Revolution, Reactions, & Reforms of Solidarność*. Disponível em: <<http://85856021.nhd.weebly.com/announcement-on-ban-of-solidarity.html>>. Acesso em: 14/01/2014.

ASH, Timothy Garton. *The Polish Revolution: Solidarity*. Yale University Press, 1999.

BARBER, James David. *The presidential character*. 4th ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1992.

BARKER, Colin. "Poland 1980-81: The self-limiting revolution". In BARKER, Colin (Ed.). *Revolutionary rehearsals*. Haymarket Books, 2002.

BARNES, Jane; WHITNEY, Helen. *John Paul II & the Fall of Communism*. Frontline. Boston, 09/1999. Disponível em: <<http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/pope/communism/>>. Acesso em: 11/01/2014.

BBC. *Religions*. BBC News. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/religion/religions/>>. Acesso em: 10/03/2014.

BBC ON THIS DAY. 1984: *Pro-Solidarity priest is murdered*. BBC News. Disponível em:

<[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/october/30/newsid\\_4111000/4111722.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/october/30/newsid_4111000/4111722.stm)>. Acesso em: 12/01/2014.

BERNSTEIN, Carl; POLITI, Marco. *His Holiness: John Paul II and the hidden history of our time*. New York: Doubleday, 1996.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução do Centro Bíblico Católico, ver. por Frei João José Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Editora Ave Maria, 1986. 1632p.

BOROWCZAK, Jerzy. *Daily Liberty number 1. The Solidarity Phenomenon*. Disponível em: <<http://www.solidarnosc.gov.pl/index.php?document=58>>. Acesso em: 14/01/2014.

CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

CATHOLICCULTURE.ORG. *World's Catholic population steady; up in Africa and Asia, down in Europe and Americas*. Catholic World News, 13/05/2013. Disponível em: <<http://www.catholicculture.org/news/headlines/index.cfm?storyid=17853>>. Acesso em: 25/11/2013.

COMMUNIST PARTY OF THE SOVIET UNION. *Session of the CPSU CC POLITBORO on 'materials for a friendly working visit to the USSR by polish leaders'*. Moscou: Politburo, 29/10/1980. Disponível em: <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/113578>>. Acesso em: 12/01/2014.

CONGREGATION FOR THE DOCTRINE OF THE FAITH. *Instruction on Certain Aspects of the "Theology of Liberation"*. Vaticano, 1984. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_en.html)>. Acesso em: 12/01/2014.

CORNWELL, John. *The pontiff in winter: triumph and conflict in the reign of John Paul II*. Random House Digital, Inc., 2007.

CURTIS, Glenn E. *Poland: A Country Study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1992. Disponível em: <<http://countrystudies.us/poland/>>. Acesso em: 18/01/2014.

DAVIES, Norman. *God's Playground – A History of Poland, Vol. 1: The Origins to 1795*. Oxford University Press, 2005a.

DAVIES, Norman. *God's Playground – A History of Poland, Vol. 2: 1795 to the Present*. Oxford University Press, 2005b.

DE STE. CROIX, G.E.M. *Why Were the Early Christians Persecuted?*. Past & Present. Vol. 26, 1963.

DEUTSCH, Karl Wolfgang. *Análise das relações internacionais*. 2.ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

DRAGADZE, Tamara. “The domestication of religion under Soviet communism”. In: HANN, Chris M. (Ed.). *Socialism: ideals, ideologies, and local practice*. Routledge, 2004.

DUNCOMBE, Brenda. *Communism and Religion*. The Irish Monthly Vol. 65, No. 765, Mar. 1937.

ESTADO DA CIDADE DO VATICANO. *Catechism of the Catholic Church*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/ENG0015/\\_\\_\\_P2A.HTM](http://www.vatican.va/archive/ENG0015/___P2A.HTM)>. Acesso em: 08/11/2013a.

ESTADO DA CIDADE DO VATICANO. *Nova Lei Fundamental do Estado da Cidade do Vaticano*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/vatican\\_city\\_state/legislation/documents/scv\\_doc\\_20001126\\_legge-fondamentale-scv\\_po.html](http://www.vatican.va/vatican_city_state/legislation/documents/scv_doc_20001126_legge-fondamentale-scv_po.html)>. Acesso em: 08/11/2013b.

EURATLAS. *Europe in Year 1700*. Euratlas, 2009a. Disponível em: <<http://www.euratlas.net/history/europe/1700>>. Acesso em: 10/01/2014.

EURATLAS. *Europe in Year 1800*. Euratlas, 2009b. Disponível em: <<http://www.euratlas.net/history/europe/1800>>. Acesso em: 10/01/2014.

GALLUP POLLS. *Religion*. Disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/1690/religion.aspx>>. Acesso em: 22/06/2013.

GASCOIGNE, Bamber. *The Christians*. New York: William Morrow & Co., 1977.

GEROULD, Daniel. *Jerzy Grotowski's Theatrical and Paratheatrical Activities as Cosmic Drama: Roots and Continuities in the Polish Romantic Tradition*. World Literature Today, Vol. 54, No. 3, 1980.

GIEREK, Edward. *Daily Liberty number 16*. The Solidarity Phenomenon. Disponível em: <<http://www.solidarnosc.gov.pl/index.php?document=73>>. Acesso em: 14/01/2014.

GLOBAL NONVIOLENT ACTION DATABASE. *Polish workers general strike for economic rights, 1980*. Disponível em: <<http://nvdatabase.swarthmore.edu/content/polish-workers-general-strike-economic-rights-1980>>. Acesso em: 10/01/2014.

GOLDSTEIN, Judith; KEOHANE, Robert Owen. “Ideas and Foreign Policy: An Analytical Framework”. In: GOLDSTEIN, Judith; KEOHANE, Robert Owen (Org.). *Ideas and foreign policy: beliefs, institutions, and political change*. Cornell University Press, 1993.

GONZAGA, Luiz. *Vou implantar o Socialismo no Brasil diz Lula a Walesa.wmv*. YouTube, 14/05/2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bwXhxMIs0BQ>>. Acesso em 09/01/2014.

HERMANN, Margaret G. *Explaining foreign policy behavior using the personal characteristics of political leaders*. International Studies Quarterly, 1980.

HOOVER POLITICAL POSTER DATABASE. *Imperialism and Religion The path for imperialist oppression in colonies is laid by the priest-missionaries with the help of the poisonous narcotic of religion.* Disponível em: <[http://www.soviethistory.org/images/Large/1924/religion\\_imperialism.jpg](http://www.soviethistory.org/images/Large/1924/religion_imperialism.jpg)>. Acesso em: 28/12/2013.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUDSON, Valerie. *Foreign Policy Analysis: Classic and Contemporary Theory*. New York: Rowman & Littlefield, 2007.

JAKUBOWSKA, Longina. *Political Drama in Poland: The Use of National Symbols*. *Anthropology Today*, 6 (4), 1990.

JOÃO PAULO II, Papa. *Centesimus Annus*. Cidade Estado do Vaticano, 1991. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus_en.html)>. Acesso em: 09/02/2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia do Santo Padre na Praça da Vitória em Varsóvia*. Varsóvia: Polônia, 1979a. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790602\\_polonia-varsavia\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790602_polonia-varsavia_po.html)>. Acesso em: 11/01/2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia do Santo Padre na Praça da Vitória em Varsóvia*. Varsóvia: Polônia, 1979b. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790609\\_polonia-mogila-nowa-huta\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta_en.html)>. Acesso em: 11/01/2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homily at the Holy Mass in Honor of St Stanislaus*. Cracóvia: Polônia, 1979c. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790610\\_polonia-cracovia-blonia-k\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790610_polonia-cracovia-blonia-k_en.html)>. Acesso em: 09/01/2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homily of His Holiness John Paul II*. Gniezno: Polônia, 1979d. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790603\\_polonia-gniezno-cattedrale\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790603_polonia-gniezno-cattedrale_en.html)>. Acesso em 09/01/2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Laborem Exercens*. Cidade Estado do Vaticano, 1981. Disponível em: <[www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091981\\_laborem-exercens\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens_po.html)>. Acesso em: 09/02/2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Third General Conference of the Latin American Episcopate: Address of His Holiness John Paul II*. Puebla: México, 1979e. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1979/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790128\\_messico-puebla-episc-latam\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam_en.html)>. Acesso em 09/01/2014.

JUDT, Tony. *Postwar: A History of Europe Since 1945*. The Penguin Press, 2005.

KING, Gary; KEOHANE, Robert O.; VERBA, Sidney. *Designing social inquiry: Scientific inference in qualitative research*. Princeton University Press, 1994.

KULA, Marcin. *Communism as Religion*. Totalitarian Movements and Political Religions, v. 6, n. 3, p. 371-381, 2005.

LANDMAN, Todd. *Issues and Methods in Comparative Politics: an introduction*. 3<sup>a</sup> ed. London and New York: Routledge. 2008.

ŁUKASIEWICZ, Krystyna. *Dagome Iudex and the First Conflict Over Succession in Poland*. The Polish Review, p. 407-429, 2009.

MARYPAGES FOUNDATION. *The Black Madonna of Czestochowa*. Disponível em: <<http://www.marypages.com/Czestochowa.htm>>. Acesso em: 24/01/2014.

MELADY, Thomas P.; STEBBINS, Timothy R. *US-Vatican Relations: 25th Anniversary and a New President*. The Institute of World Politics, 2009. Disponível em: <[http://www.iwp.edu/news\\_publications/detail/us-vatican-relations-25th-anniversary-and-a-new-president](http://www.iwp.edu/news_publications/detail/us-vatican-relations-25th-anniversary-and-a-new-president)>. Acesso em: 27/07/2013.

NEIER, Aryeh. *Taking Liberties: Four Decades in the Struggle for Human Rights*. Public Affairs Store, 2003.

OLSON, David; SIMON, Maurice. "The Institutional Development of a Minimal Parliament: the case of the Polish Sejm". In NELSON, Daniel; WHITE, Stephen (Org.). *Communist Legislatures in Comparative Perspective*. New York: State University of New York Press, 1982.

OSA, Maryjane. *Solidarity and contention: networks of Polish oppositions*. University of Minnesota Press, 2003.

OSIATYNSKI, Wiktor. "The Roundtable Talks in Poland". In: Elster, Jon (Ed.). *The Roundtable Talks and the Breakdown of Communism*. University of Chicago Press, 1996.

OZIEWICZ, Marek. *Dwarf Resistance in Communist Poland: Fantastic-Ridiculous Dwarf Aesthetic as Political Subversion in the Orange Alternative Movement and the Movie Kingsize*. Journal of the Fantastic in the Arts, v. 22, n. 3, 2011.

PACZKOWSKI, Andrzej; BYRNE, Malcolm; DOMBER, Gregory F.; KLOTZBACH, Magdalena (Ed.). *From Solidarity to martial law: the Polish crisis of 1980-1981: a documentary history*. CEU Press, 2007.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

PAULO VI, Papa. *Ecclesiam suam: Encyclical of Pope Paul VI on the Church*. The Holy See: Vatican City, 1964. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam_en.html)>. Acesso em: 07/10/2013.

POLICARPIO, Arthur. *Pope John Paul II and Communism*. Totus Tuus, Maria Foundation, 2009. Disponível em: <<http://www.all-about-the-virgin-mary.com/Pope-John-Paul-II.html>>. Acesso em: 10/02/2014.

POLISH CATHOLIC CHURCH. *Prayer for the Fatherland*. Making the History of 1989, Item #10. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/1989/items/show/10>>. Acesso em: 13/01/2014.

POLISH UNITED WORKERS' PARTY. *Proposals Regarding the Introduction of Martial Law for Reasons of State Security and the Underlying Consequences of Introducing Martial Law*. Varsóvia: PUWP, 22/10/1980. Traduzido por Leo Gluchowski. Disponível em: <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117854>>. Acesso em: 12/01/2014.

POLISH UNITED WORKERS' PARTY. *Protocol no. 002/81 of the Meeting of the Committee for the Defense of the Homeland*. Varsóvia: PUWP, 13/09/1981. Disponível em: <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117855>>. Acesso em: 12/01/2014.

POLITBURO. *Session of the CPSU CC Politburo, 10 September 1981 (Excerpt)*. Moscou: Politburo, 10/09/1981a. Disponível em: <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/112798>>. Acesso em: 13/01/2014.

POLITBURO. *Transcript of the CPSU Politburo Session, 22 January 1981 (Excerpt)*. Moscou: Politburo, 22/01/1981b. Disponível em: <<http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/112744>>. Acesso em: 13/01/2014.

POSPIELOVSKY, Dimitry V. *A History of Soviet Atheism in Theory, and Practice, and the Believer*. New York: St. Martin's Press, 1987.

RAMET, Sabrina Petra. *Social Currents in Eastern Europe: The Sources and Consequences of the Great Transformation*. Durham and London: Duke UP, 1995.



REAGANFOUNDATION. *President Reagan's Address to the Nation About Christmas and the Situation in Poland — 12/23/81*. YouTube, 10/12/2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9kiFK6xxE08>>. Acesso em: 25/11/2013.

RENOUVIN, Pierre ; DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Introdução à história das relações internacionais*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

SCOTT, James M. *Deciding to intervene: The Reagan doctrine and American foreign policy*. Duke University Press, 1996.

SHEIKH, Mona Kanwal. *How does the religion matter? Pathways to religion in international relations*. Review of International Studies, 38, 2012.

STARON, Stanislaw. *State-Church Relations in Poland*. World Politics, v. 21, n. 4, p. 575-601, 1969.

TARLTON, Jesse. *The Catholic Church as a proeminent transnational actor in Int'l Relations*. Qualificação de Doutorado em Relações Internacionais: Central European University, 2012.

TAVAANA. *Solidarity, Pope John Paul II, and the Orange Alternative: Bringing Down Communism in Poland*. Teerã: Tavaana. Disponível em: <<http://tavaana.org/en/content/solidarity-pope-john-paul-ii-and-orange-alternative-bringing-down-communism-poland-0>>. Acesso em: 10/01/2014.

THE PERMANENT OBSERVER MISSION OF THE HOLY SEE TO THE UNITED NATIONS. *Diplomatic Relations of the Holy See*. New York, 2013. Disponível em: <<http://www.holyseemission.org/about/diplomatic-relations.aspx>>. Acesso em: 13/09/2013.

TROY, Jodok. *The Catholic Church an Underestimated and Necessary Actor in International Affairs*. Disponível em: <<http://journal.georgetown.edu/wp-content/uploads/9.1-Troy.pdf>> Acesso em: 22/06/2013.

TRYBEK, Z. *Lech Wałęsa talking to strikers. The Solidarity Phenomenon*. Disponível em: <<http://www.solidarnosc.gov.pl/index.php?document=60>>. Acesso em: 14/01/2014.

US EMBASSY WARSAW. *Let Poland Be Poland - Political Leaders (6/8)*. YouTube, 14/12/2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=by1xk1i2hHo>>. Acesso em: 25/11/2013.

VANN, Padre Joseph. *Lives of Saints*. New York: John J. Crawley & Company, 1954.

WAŁĘSA, Lech. *Lech Walesa's Notes on the Roundtable Talks*. Making the History of 1989, Item #144. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/1989/items/show/144>>. Acesso em: 28/01/2014.

WALT, Stephen M. *The origins of alliances*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

WALTZ, Kenneth N. *O homem, o Estado e a guerra: uma análise teórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WARNER, Carolyn M.; WALKER, Stephen G. *Thinking about the role of religion in foreign policy: a framework for analysis*. Foreign Policy Analysis, n.1, v. 7, 2011.

WEIGEL, George. *The final revolution: the resistance church and the collapse of communism*. Oxford University Press, 2003.

WEIGEL, George. *Witness to hope: The Biography of Pope John Paul II*. HarperCollins, 2005.

WENZEL, Michal. *Solidarity and Akcja Wyborcza 'Solidarnosc'. An Attempt At Reviving the Legend*. Communist and Post-Communist Studies, n.2, v.31, 1998

WOJTAS, Olga. *Pope John Paul II had extraordinary charisma and a world presence*. Times Higher Education, 15/04/2005. Disponível em: <<http://www.timeshighereducation.co.uk/news/pope-john-paul-ii-had-extraordinary-charisma-and-a-world-presence/195339.article>>. Acesso em: 18/10/2013.

## ANEXOS

**Tabela 1 - Organizações internacionais das quais a Santa Sé participa**

<b>Organização</b>	<b>Condição como membro</b>
Organização das Nações Unidas	Observador
Escritório das Nações Unidas em Genebra	Observador
Escritório das Nações Unidas em Viena	Observador
Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados	Membro do Comitê Executivo
Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento	Membro
Organização Mundial da Propriedade Intelectual	Membro
Agência Internacional de Energia Atômica	Membro
Organização para a Proibição de Armas Químicas	Membro
Comissão Preparatória para o Tratado de Interdição Completa de Ensaio Nucleares	Membro
Comitê Internacional de Medicina Militar	Membro
Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura	Observador
Organização Internacional do Trabalho	Observador
Organização Mundial da Saúde	Observador
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	Observador
Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial	Observador
Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola	Observador
Organização Mundial de Turismo	Observador
Organização Meteorológica Mundial	Observador
Organização Mundial do Comércio	Observador
Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento	Observador
Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos	Observador
Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente	Observador
Programa Alimentar Mundial	Observador
Organização Internacional das Entidades Fiscalizadoras Superiores	Membro
Comissão Internacional do Estado Civil	Observador
União Latina	Observador
Organização para a Segurança e Cooperação na Europa	Membro
Conselho da Europa	Observador
Organização dos Estados Americanos	Observador
Liga de Estados Árabes	Membro de um acordo bilateral de cooperação
Instituto Internacional para a Unificação do Direito Privado	Membro

Fonte: The Permanent Observer Mission of the Holy See to the United Nations, 2013.

**Tabela 2 - Variáveis que afetam a probabilidade de um líder ser mais influente na tomada de decisão em política externa**

<b>Variável</b>	<b>Descrição</b>
<b>1</b>	O tipo de regime ao qual o país a ser analisado está submetido, tendo em vista que ditadores tendem a deixar uma marca mais forte do que líderes de países democráticos. No entanto, deve-se ter em mente que não há regime político que anule a importância do líder.
<b>2</b>	O nível de interesse do líder em assuntos de política externa também pode tornar mais relevante a inclusão da personalidade do mesmo na análise, valendo salientar que esse interesse pode ser alterado dependendo do tema de política externa a ser abordado, tendo em vista que o líder pode se interessar mais ou menos por certos temas.
<b>3</b>	Análise sobre a situação do país também vai indicar se um líder deve ser incluído ou não. Situações de crise, por exemplo, tendem a levar um líder a se envolver mais nas decisões. No entanto, Hudson afirma que, caso a sobrevivência do Estado esteja em risco, o líder pode deixar de lado suas predisposições psicológicas para evitar erros.
<b>4</b>	Em situações ambíguas, ou seja, naquelas em que não há informações ou os analistas não conseguem interpretar a situação, um líder pode tomar uma decisão baseada em seu próprio julgamento da situação.
<b>5</b>	O nível de treinamento diplomático pelo qual um líder passou também influencia na inclusão do líder dentro dessa análise de política externa, tendo em vista que líderes treinados tendem a deixar de lado suas características pessoais na hora de tomar decisões.
<b>6</b>	A sexta variável afirma que, caso um líder (não necessariamente o mais importante), possua conhecimento técnico sobre o assunto ou sobre a região em que a decisão será tomada, este tende a ser mais influente dentro da mesma.
<b>7</b>	O estilo de liderança do líder pode aumentar ou diminuir a influência que um líder possui dentro da tomada de decisão, tendo em vista que um líder que tende a delegar muitas funções possui um menor impacto, por exemplo.
<b>8</b>	A última variável inclui o papel de um líder dentro de um grupo, tendo em vista que, em alguns casos, são pequenos grupos que tomam decisões sobre política externa, não um indivíduo apenas.

Fonte: Adaptado de HUDSON, 2007.

**Tabela 3 - Americanos segundo sua afiliação religiosa. Fonte: Gallup polls, 2013**

% de Americanos de acordo com sua afiliação religiosa (1948-2012)																	
Religião	1948	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1980	1984	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2011	2012
Protestante	69%	66%	70%	67%	69%	65%	60%	61%	57%	57%	56%	56%	52%	49%	45%	42%	41%
Católico	22%	25%	22%	25%	24%	26%	27%	28%	28%	28%	25%	27%	25%	23%	21%	23%	23%
Cristão (não específico)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	5%	7%	8%	10%	10%
Mórmon	---	---	---	---	---	---	---	---	2%	2%	1%	1%	2%	2%	2%	2%	2%
Judeu	4%	4%	4%	3%	3%	3%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%
Outra religião	0%	3%	2%	2%	2%	2%	4%	2%	2%	3%	5%	5%	5%	5%	4%	5%	4%
Nenhuma	2%	---	2%	2%	2%	3%	6%	7%	8%	8%	9%	6%	8%	10%	14%	13%	14%
Não respondeu	3%	2%	1%	1%	0%	0%	1%	0%	1%	1%	2%	2%	2%	2%	4%	3%	3%

Fonte: GALLUP POLLS, 2013.

**Tabela 4 – 21 Demandas do MKS de Gdansk**

1	Aceitação de sindicatos separados do Partido Comunista e de empresas, em acordo com a convenção N° 87 da Organização Internacional do Trabalho sobre o direito de formar sindicatos livres, o que foi ratificado pelo Governo Comunista Polonês.
2	Garantia do direito de fazer greve e da segurança dos grevistas daqueles que os estiverem auxiliando.
3	O cumprimento da garantia constitucional da liberdade de expressão, de imprensa e publicação, incluindo a liberdade de editores independentes, bem como a disponibilidade dos meios de comunicação aos representantes de todas as fés.
4	Um retorno dos antigos direitos a: 1) As pessoas demitidas dos seus trabalhos após as greves de 1970 e 1976, e 2) Os alunos expulsos da escola por causa de seus pontos de vista. A libertação de todos os presos políticos, entre eles Edward Zdrozinski, Jan Kozlowski, e Marek Kozlowski. O fim da repressão do indivíduo por causa da convicção pessoal.
5	Disponibilidade à mídia de massa de informações sobre a formação do Comitê de Greve Entre Fábricas e a publicação de suas demandas.
6	A realização de ações destinadas a tirar o país da situação de crise através dos seguintes meios: a) tornar pública a informação completa sobre a situação sócio-econômica, e b) permitindo que todos os setores e classes sociais participem na discussão do programa de reforma.
7	Compensação de todos os trabalhadores que participaram da greve pelo seu período inteiro, com pagamento de férias do Conselho Central de Sindicatos.
8	Um aumento na base salarial para cada trabalhador de 2.000 zloty por mês como compensação pelo recente aumento dos preços.
9	Aumento automático nos salários garantido com base no aumento dos preços e na redução da renda líquida.
10	Suprimento de produtos alimentícios para o mercado doméstico, com exportação se limitando ao excedente.
11	A abolição dos preços "comerciais" e de outras vendas à base de moeda em lojas especiais.
12	Seleção de pessoal administrativo baseado nas qualificações, não em vinculação ao partido. Privilégios da polícia secreta, regular e funcionários do partido devem ser eliminados devem ser eliminados ao igualar os subsídios familiares, abolir lojas especiais, etc.
13	A introdução de cupons alimentícios para carnes e derivados (durante o período em que o controle da situação do mercado é recuperada).
14	Redução na idade para a aposentadoria para as mulheres a 50 anos e para os homens a 55, ou depois de 30 anos de trabalho na Polônia, para as mulheres e 35 anos para os homens, independentemente da idade.
15	Conformidade das pensões e anuidades com o aumento pago aos demais trabalhadores.
16	Melhorias nas condições de trabalho dos serviços de saúde para garantir a assistência médica integral para os trabalhadores.

17	Garantias de um número razoável de vagas em creches e jardins de infância para os filhos de mães que trabalham.
18	Licença maternidade paga por três anos
19	Diminuição no período de espera por apartamentos.
20	Um aumento no valor do subsídio de transporte de 40 para 100 złotys, mais um benefício suplementar.
21	Um dia de descanso no sábado. Os trabalhadores que tiverem que trabalhar neste dia devem ser compensados com uma hora de trabalho mais cara ou folgarem outro dia.

Fonte: GLOBAL NONVIOLENT ACTION DATABASE, 2014.